



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

JÉSSICA MAGALHÃES DE PAULA NISHIYAMA

Adolescer em tempos de TikTok: o discurso capitalista e a sublimação

Mestrado em Psicologia Social

São Paulo

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

JÉSSICA MAGALHÃES DE PAULA NISHIYAMA

Adolescer em tempos de TikTok: o discurso capitalista e a sublimação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

São Paulo

2025

JÉSSICA MAGALHÃES DE PAULA NISHIYAMA

Adolescer em tempos de TikTok: o discurso capitalista e a sublimação

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Social, sob orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tatiana Carvalho Assadi
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp-SP)

Prof. Dr. José Mauricio Teixeira Loures
Universidade Veiga de Almeida (UVA-RJ)

Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho (Orientador)
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

AGRADECIMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento Número do processo: 88887.895599/2023-00

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Finance Code Process number: 88887.895599/2023-00

AGRADECIMENTOS

A travessia da jornada do mestrado foi feita com companhia. Foi marcada pela presença de pessoas que, ao longo do caminho, ofereceram gentileza, escuta atenta, ideias valiosas e uma presença generosa, que contribuiu para tornar possível a realização deste sonho.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Francisco e Lucimar. Muito obrigada por acreditarem em mim, me incentivarem e me apoiarem sempre. Com vocês, aprendo que a vida se leva a partir de grandes sonhos e de apostas decididas para realizá-los. Este mestrado é, para mim, uma das formas de expressar o que fiz com tudo o que vocês me deram.

Agradeço ao meu marido, Anselmo, por estar ao meu lado em todas as fases deste processo. Pela paciência nos dias difíceis, pelas conversas que me acalmaram e pelo amor que me encorajou a seguir. Seu companheirismo tornou essa jornada mais leve e, acima de tudo, possível.

お母さんとお父さんへ。いつも私を深い愛と優しさで温かく包んでくださり、ありがとうございます。この修士課程の論文を作成する上でかけがえのない支えとなりました。心より感謝申し上げます。

Agradeço às minhas irmãs, Jennifer e Julie, que são minhas parceiras desde os seus nascimentos. A amizade e a cumplicidade que temos sempre me fizeram melhor. Crescer ao lado de vocês é uma das maiores alegrias da minha vida. Agradeço também ao meu irmão, Felipe, cujo carinho me acompanha e em quem sei que sempre posso contar.

Agradeço ao professor Raul Pacheco por aceitar orientar este trabalho e por sua valiosa contribuição ao longo de todo o processo. Suas intervenções precisas foram fundamentais para o amadurecimento desta pesquisa. Suas orientações ampliaram meu olhar teórico e clínico, possibilitando o aprofundamento em uma psicanálise comprometida com as questões do laço social e inserida de forma crítica e ética na esfera ampliada da pólis.

Agradeço aos professores e doutores que compuseram a banca de qualificação e defesa. À professora Tatiana, minha sincera gratidão pela escuta generosa e pela presença atenta ao longo da leitura desta dissertação. Sua sensibilidade, aliada à precisão de suas observações, foi essencial para ampliar questões relevantes e aprofundar os caminhos percorridos neste trabalho. Sou especialmente grata ao professor Maurício, pela gentileza, generosidade e pelos valiosos apontamentos, particularmente no que diz respeito à revisão bibliográfica e ao rigor acadêmico, contribuições que tornaram mais leve e viável a conclusão desta escrita. É uma alegria ter sido sua orientanda na pós-graduação e contar, mais uma vez, com sua presença e escuta nesta etapa do mestrado.

Agradeço às minhas cunhadas, Mutsumi, Hidemi e Gabriela, aos meus cunhados, Ronaldo, Bernardo e Marcelo, e aos meus sobrinhos, Ricardo e Yuuki. A presença de vocês torna esse percurso mais leve e repleto de carinho.

Agradeço aos meus padrinhos, Luciane e Cíneas, que sempre alimentaram minha curiosidade, presenteando-me com os tomos de Freud e os seminários de Lacan. O incentivo de vocês é parte essencial do caminho que me trouxe até aqui.

Agradeço à minha psicanalista, Liege Lise, por seu desejo de analista e por sua escuta, a partir da qual, no divã, pude achar e sustentar o desejo que moveu esta pesquisa.

Agradeço a todos os professores que cruzaram meu caminho e me transmitiram o desejo de saber para além do mero acúmulo de conhecimento.

Agradeço aos colegas e amigos psicanalistas, que tornam esse percurso mais potente e, por meio desse laço, seguimos comprometidos com a ética da psicanálise.

Agradeço aos meus analisantes. Esta pesquisa também é fruto de suas bocas luminosas.

Agradeço à amiga Débora Baghin por sua leitura atenta e provocativa, presente desde os primeiros esboços do projeto de pesquisa até as etapas finais desta dissertação.

Agradeço aos meus alunos, com quem não apenas ensinei, mas também pude transmitir algo da experiência e do desejo que sustenta esta travessia.

Agradeço aos meus primos Vanessa, Heron e Dede, por entenderem meus sumiços acadêmicos e, ainda assim, seguirem por perto com carinho, paciência e aquele bom humor que só nossa família tem.

Agradeço às minhas amigas Mari, Dani, Vania, Letícia, Emy e Vanessa, pela companhia generosa, pelas conversas que acolheram minhas angústias e celebraram minhas conquistas, e por estarem sempre presentes com afeto, leveza e companheirismo ao longo dessa jornada.

Agradeço aos colegas do Núcleo de Pesquisa Psicanálise e Sociedade pelas trocas de ideias e sugestões ao longo deste percurso. Foram momentos importantes para o amadurecimento do trabalho. Em especial, agradeço aos amigos Carol e Gustavo, pela acolhida generosa e pela parceria constante, que me ajudaram a me reconectar, sempre, com a minha pesquisa.

Agradeço à Marlene, secretária do nosso Programa de Psicologia Social, pela paciência, prontidão, disponibilidade em esclarecer informações e, sobretudo, pelo amor com que realiza seu trabalho.

Por fim, expresso minha gratidão a toda a comunidade acadêmica e institucional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo apoio constante e pelo acolhimento ao longo desta trajetória.

RESUMO

Nishiyama, Jéssica Magalhães de Paula. **Adolescer em tempos de TikTok: o discurso capitalista e a sublimação**. 2025. 143 f. Dissertação Mestrado em Psicologia Social) — Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2025.

A presente dissertação investiga, à luz da teoria psicanalítica lacaniana, as práticas de uso do TikTok por adolescentes, articulando os conceitos centrais de gozo escópico, discurso capitalista e sublimação. Parte-se da constatação de que, no contexto da sociedade contemporânea marcada pelo imperativo escópico, o sujeito adolescente é particularmente capturado, sobretudo no uso do aplicativo TikTok, uma vez que se encontra atravessando um momento lógico em que sua identidade está em suspensão, travessia esta marcada por um processo de reorganização pulsional subjetiva. Diante desse cenário apostamos numa hipótese: O uso do TikTok pode ser compreendido como uma das possíveis respostas ao mal-estar que atravessa a adolescência — resposta que pode se inscrever tanto pela via da alienação, em consonância com o discurso capitalista, quanto pela via da separação, tal como se opera na sublimação. A partir da teoria dos discursos formulada por Lacan, analisa-se como o discurso capitalista se sustenta através da recusa da falta e, para tamponá-la, na produção contínua de mercadorias através de “latugas”, em contraste com os discursos histórico e do analista, que possibilitam a emergência do sujeito desejante. A partir desses dois discursos, abre-se a possibilidade de conceber a sublimação como uma via de separação — uma forma de inscrição que, em vez de tamponar o vazio próprio da adolescência, o eleva à dignidade da Coisa. Por meio da análise de recortes de vídeos do TikTok, este trabalho investiga expressões criativas e artísticas da juventude como possíveis formas de subversão. Tais produções, ao invés de se resignarem exclusivamente ao imperativo da visibilidade e do entretenimento característicos da plataforma, operam como contornos do real — cuja incidência se intensifica na adolescência —, instaurando, assim, brechas para o jovem se bem-dizer. Depreendemos que os jovens utilizam a plataforma TikTok de modo ambivalente: ao mesmo tempo em que são capturados pela lógica alienante do discurso capitalista, também podem investir o espaço como suporte para produções que encenam a falta, configurando-se como uma forma de laço social sustentado na operação da sublimação.

Palavras chaves: Adolescência. TikTok. Discurso Capitalista. Sublimação. Psicanálise.

ABSTRACT

Nishiyama, Jéssica Magalhães de Paula. **Adolescence in times of TikTok: the capitalist discourse and sublimation**. 2025. 143 pages. Dissertation (Master's in Social Psychology) — Graduate Program in Social Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo. São Paulo, 2025.

This dissertation investigates, through the lens of Lacanian psychoanalytic theory, adolescents' use of TikTok, articulating core concepts such as scopic jouissance, the capitalist discourse, and sublimation. It begins with the observation that, within the context of contemporary society marked by the scopic imperative, the adolescent subject is particularly captured—especially through the use of the TikTok platform—given that they are undergoing a logical moment in which their identity is suspended, a passage characterized by a process of subjective and drive-related reorganization. In light of this, a central hypothesis is proposed: TikTok use can be understood as one of the possible responses to the malaise inherent to adolescence—a response that may be inscribed either through the path of alienation, in alignment with the capitalist discourse, or through the path of separation, as it operates within the logic of sublimation. Drawing on Lacan's theory of the four discourses, the analysis explores how the capitalist discourse is sustained by a refusal of lack and a relentless production of commodities—via "lathouses"—to veil it. In contrast, the hysteric and analyst discourses open the possibility for the emergence of the desiring subject. From this perspective, sublimation can be conceived as a form of separation: a mode of inscription that does not aim to fill the void characteristic of adolescence, but rather elevates it to the dignity of the Thing (*la Chose*). Through the analysis of selected TikTok videos, this study examines creative and artistic expressions of youth as potential forms of subversion. These productions, rather than merely submitting to the imperatives of visibility and entertainment typical of the platform, serve as contours of the Real—whose incidence becomes heightened in adolescence—thus opening gaps through which the adolescent may articulate a well-said ("bien-dire"). It is inferred that adolescents use TikTok in an ambivalent manner: while they may be captured by the alienating logic of the capitalist discourse, they also find in the platform a potential space for productions that stage lack, thereby configuring a form of social bond sustained by the operation of sublimation.

Keywords: Adolescence. TikTok. Capitalist Discourse. Sublimation. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- O esquema Panóptico	44
Figura 2 – Esquema do buquê invertido	58
Figura 3 – Esquema simplificado do buquê invertido.....	60
Figura 4 – Matema dos discursos.....	98
Figura 5 – Matema do discurso do capitalista.....	107
Figura 6 – Interpretação da estrutura algébrica do matema do discurso do capitalista. (Quinet, 2006, 2012).....	109
Figura 7 – Matema do discurso histórico	113
Figura 8 – Matema do discurso do analista	118

LISTA LINK DE VÍDEOS

Vídeo 1 - https://vm.tiktok.com/ZMrT4ur6f/	37
Vídeo 2 - https://vm.tiktok.com/ZMrTxaSge/	47
Vídeo 3 - https://vm.tiktok.com/ZMrTxuV3j/	47
Vídeo 4- https://vm.tiktok.com/ZMrTxAdY8/	47
Vídeo 5 - https://vm.tiktok.com/ZMrTCpaLx/	49
Vídeo 6 - https://vm.tiktok.com/ZMh6YMUr8/	100
Vídeo 7 - https://vm.tiktok.com/ZMh6YUTFt/	101
Vídeo 8 - https://vm.tiktok.com/ZMh6YP1dC/	101
Vídeo 9 - https://vm.tiktok.com/ZMh6YU8mc/	102
Vídeo 11 -: https://vm.tiktok.com/ZMh6Ybb4G/	116
Vídeo 12 - https://vm.tiktok.com/ZMh6YbNmE/	117
Vídeo 13 - https://vm.tiktok.com/ZMhMBWqAH/	120
Vídeo 14 - https://vm.tiktok.com/ZMhMXy54F/	121
Vídeo 15 - https://vm.tiktok.com/ZMhMhgbd/	124

Sumário

INTRODUÇÃO	13
1 – O aplicativo TikTok na Cultura.....	21
1.1- Sociedade em rede e as redes sociais	21
1.2 Cibercultura e as redes sociais	25
1.3 – Datificação e as redes sociais	27
1.4 – As imagens técnicas e o elogio ao superficial do TikTok	29
1.5 O aplicativo TikTok	32
2- A sociedade escópica: o ver e ser visto no aplicativo TikTok.....	36
2.1- A sociedade escópica: posto - logo existo	37
2.2 Satisfação escópica no TikTok	50
3. Adolescer em tempos de TikTok	70
3.1 – Adolescência: travessia subjetiva.....	71
3.2 - Entre-telas: o corpo adolescente no jogo do olhar e visualizar	88
4. Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no TikTok	96
4.1 Laços que estruturam: a teoria dos discursos.....	96
4.2 Do Like: discurso capitalista como desconector de laços.....	100
4.3 Discursos que fissuram: discurso histórico e discurso do analista.....	112
4.4 Do laço: A Subversão da juventude ao sublimar no TikTok.....	120
5- Considerações finais.....	134
REFERÊNCIAS	139

INTRODUÇÃO

Quando o mote do assunto são as vicissitudes do mundo contemporâneo, provavelmente seja inevitável se deparar com notícias sobre o mundo digital e seus aplicativos derivados, sobretudo o TikTok. Somos atravessados pela temática ao ler as colunas de jornais sobre geopolítica, tecnologia, negócios, literatura, arte, nas rodas de conversa comuns e, principalmente, na fala de adolescentes. E aos *low profiles*, Castells (2003) avisa: “se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade de rede”. Ao considerar essas circunstâncias de impacto presente na cultura, especialmente no discurso dos jovens, sentimos a necessidade de explorar o aplicativo TikTok, a plataforma digital mais amplamente utilizada por eles.

Podemos notar tal fenômeno no Brasil, ao país ser classificado como o terceiro maior consumidor de redes sociais de todo o mundo. O aplicativo TikTok foi o segundo mais baixado no Brasil, com seis milhões de downloads somente no mês de janeiro de 2024, um aumento de 50% no número de downloads em comparação com o mesmo mês em 2023. Ainda, segundo a pesquisa TIC Domicílios, 58% das contas ativas do aplicativo TikTok no Brasil são de adolescentes entre 10 e 17 anos.

Esse recorte expressivo não é sem consequências, uma vez que o sujeito adolescente possui uma posição ambivalente em nossa cultura, sendo ao mesmo tempo o futuro da sociedade e uma ameaça ao equilíbrio social. Ou seja, “aquele que desvela, mesmo sem autorização da sociedade, o despertar da sexualidade, mas também como aquele a quem pertence o futuro, o imponderável, a quem tudo pode acontecer” (Viola, 2016, p. 93). Como nos diz Albert (1996) detalhadamente:

A adolescência, ou o adolescer, é para o sujeito um trabalho que se inicia com a puberdade, implica um desligamento dos pais e é o momento de encontro com os impossíveis, sem retorno. Adolescer no real, traz o horror e a angústia ao descobrir o objeto que se foi para o Outro, o sujeito adolescente se depara com o real da incompletude do encontro sexual e com a responsabilidade do

ato. Travessia mais ou menos tumultuada, que será determinada pela história de vida de cada sujeito, seu percurso e a virulência com que empreende o início dela, [...] e de difícil saber quando esta termina. (AMERICANO; FERREIRA, 2003, capa).

Essa posição do sujeito adolescente tem lugar de destaque no discurso social, marcado pelo sintoma e pelo sofrimento. Assim, o adolescente é um alvo fácil do discurso capitalista, caracterizado pela lógica da mercadoria e pela alienação, representado na sociedade escópica, definida pelo predomínio do olhar e da imagem, que promete preencher o vazio e o mal-estar com objetos de consumo e seus derivados, como, por exemplo, o aplicativo TikTok. Contudo, o adolescente também pode sublimar no TikTok, transformando angústia em expressão criativa e inventiva, como veremos adiante.

Dada a relevância do aplicativo como representação do mal-estar dos adolescentes na cultura, embora o TikTok esteja presente no discurso de muitos, o funcionamento do aplicativo ainda é relativamente recente e merece aprofundamento. Diferente da internet, que consiste na rede global de computadores e permite trocas de informações entre usuários de quase todo o mundo, os aplicativos são *softwares* para dispositivos eletrônicos móveis, podendo ser pré-instalados ou adquiridos de forma gratuita ou paga em lojas online, para dar acesso a inúmeras finalidades específicas

Dentre essas variadas funcionalidades, o aplicativo TikTok, de origem chinesa, é uma plataforma de mídia social para compartilhamento de vídeos curtos, geralmente de três minutos, podendo chegar a até dez minutos para alguns usuários específicos. Foi lançado em 2017, ganhou abrangência em 2019 e, em 2021, em plena pandemia motivada pela Covid-19, atingiu um bilhão de usuários ativos, números que continuam a crescer. O usuário tem acesso a edição de vídeo, trilhas sonoras e filtros, onde o eu ideal ganha margem para representação, como veremos mais adiante. Na plataforma, os usuários podem seguir uns aos outros, formando uma rede de interação. O conteúdo é baseado em propor desafios entre os usuários, dublagens, coreografias e *lives* passíveis de monetização, mudando a lógica de consumo.

Os aplicativos podem ser uma das representações da cultura contemporânea, onde cultura e tecnologia se enredam, dando contornos ao tecido social. Segundo Lucia Santaella (2007), quando uma nova mídia é criada e socialmente adotada, ela faz

desenvolver em seu entorno costumes sociais, culturais, políticos, jurídicos e econômicos. “Embora haja uma tendência a pensar as mídias como meios de conexão e transmissão de um ponto a outro, na realidade, alteram de modo significativo os ambientes em que vivemos e a nós mesmos como pessoas” (Santaella, 2007).

De acordo com Pierre Lévy (1999), essa junção cunha o termo 'cibercultura', da qual contempla uma série de modos de pensamento, valores e práticas que se articulam *pari passu* ao meio de comunicação da interconexão dos computadores, denominado 'ciberespaço'. No cerne dos contextos digitais emergentes de crescimento excessivo e do montante de dados deles extraídos, Santaella (2023) afirma que a terminologia cibercultura parece ter sido transformada:

Tanto quanto posso ver, todavia, ela não deixou de existir, apenas mudou de volume, intensidade, crescimento da heterogeneidade a ponto de não ser mais reconhecida como tal. De todo modo, fica difícil recusar que, mesmo ostentando novas faces, o universo digital continue sendo um mundo *ciber* e, portanto, tudo que nele se abriga é ainda a cibercultura agora vestida com novas roupagens. (SANTAELLA, 2023, p.90).

Tal indumentária pode ser chamada de *Big data*, algoritmo de inteligência artificial ou datificação. São registros de dados que os próprios sujeitos não têm conhecimento da coleta (como a velocidade com que teclam palavras, por exemplo) que são comercializados por essas empresas por seu precioso valor preditivo. (Maia, 2022, p. 45). Na era da dataficação, praticamente todos os comportamentos online podem ser medidos, analisados e transformados em dados, abrindo possibilidades de compreensão de padrões de comportamento, interações sociais, hábitos de navegação na internet, preferências de consumo, desenvolvimento de serviços e produtos, entre outros. No entanto, por outro lado, surgem questões urgentes sobre privacidade, segurança dos dados, autonomia individual, desigualdade no acesso e uso da informação, e relações sociais.

Essa transformação tecnológica e suas implicações podem ser entendidas à luz da crítica de Guy Debord sobre a sociedade do espetáculo. Segundo o autor, “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como

uma imensa acumulação de espetáculos” (Debord, 1997). Debord identifica uma transformação social histórica, onde as relações sociais passaram a ser suplantadas por representações e imagens mediadas. Nesta sociedade, o espetáculo refere-se não apenas à mídia social ou ao entretenimento, mas a uma visão de mundo global, onde tudo que era vivido diretamente agora é vivido por meio de representações. Debord argumenta que, na sociedade do espetáculo, o capitalismo alcançou um estágio tal que a mercadoria domina completamente a vida social. Essas mercadorias não são apenas os produtos que são vendidos, mas a vida social em si se torna uma série de imagens e eventos de consumo. Essas imagens e representações se tornam aparentemente mais reais do que as próprias experiências diretas e, como resultado, manipulam, distorcem e controlam as grandes massas.

Este fenômeno contribui para a alienação individual e social, pois as pessoas passam a interagir mais com representações mediadas por mídias, publicidades e entretenimento das redes sociais do que com as representações não mediada pela mídia.

A sociedade do espetáculo é caracterizada pela passividade, separação, superficialidade e consumo, onde a sociedade é constantemente alienada e distanciada de suas próprias pautas. O termo 'espetáculo' descreve essa condição porque encapsula a ideia de uma performance contínua onde todos são, ao mesmo tempo, atores e espectadores, mas o script e as cenas são ditados pela lógica do mercado e do capital. O espetáculo é tanto um resultado quanto um instrumento do modo de produção existente, perpetuando o sistema que o cria. Portanto, a sociedade do espetáculo pode ser compreendida como uma máquina que oculta a relação entre as demandas do capitalismo para sustentá-lo e as pessoas se tornam, em certo sentido, reféns da maquinaria que ele dispõe. (Lemos, 2014, p.162).

Diante dessa e de tantas outras frentes que se ocuparam em dar um nome à sociedade contemporânea, Quinet (2004) cunhou a expressão 'sociedade escópica' – uma conjunção da sociedade do espetáculo, descrita por Guy Debord (1997), com a sociedade disciplinar, desenvolvida por Michel Foucault, relidas a partir do olhar como objeto a, mais-de-gozar, o objeto mais-de-olhar.

É o olhar, como objeto a, excluído da simbolização primordial (S1-S2), que retorna sobre a civilização, trazendo o imperativo do supereu de um empuxo-

a-gozar escópico: um comando de dar-a-ver, de mostrar-se, exhibir-se, tornar-se visível. Na sociedade escópica, para existir é preciso ser visto pelo Outro. Desse modo, se instaura a crença que a visão do Outro é sinal de amor. Inaugura-se um novo cógito: sou visto, logo existo. (QUINET, 2004, p. 280).

Quinet (2004) subverte o cogito cartesiano, 'penso, logo existo', para 'sou visto, logo existo', evidenciando o imperativo de mostrar-se em uma sociedade onde tudo é show. O mundo se transforma em imagem para o gozo do espectador. Todo negócio precisa entrar no mundo do show, no marketing digital, que emprega a fascinação das imagens.

Em nível subjetivo, a sociedade escópica, embarcada pelo discurso capitalista, difere dos outros quatro discursos - o da histórica, o do universitário, o do mestre e o do analista, que demonstram as possibilidades de laço social. O discurso capitalista não estabelece laço social. Nesse discurso, o capitalista, o mais-de-gozar, é imperativo; o laço é realizado com o objeto e não mais com o Outro. Segundo Quinet (2004):

Discurso do capitalismo, se apropria do narcisismo das pessoas para transformar o exibicionismo pulsional do sujeito em imperativo de publicidade, ordenando-o a fazer de tudo para roubar a cena e ter cada vez mais *likes* e seguidores nas redes sociais e conquistar um lugar ao sol. A sociedade escópica digital reatualiza a ilusão de que o sol brilha para todos ao acenar com a possibilidade de qualquer um tornar-se uma celebridade virtual. (QUINET, 2004).

Acerca da prática de uso dos adolescentes no aplicativo TikTok, a tecnologia virtual pode entrar no lugar pelo discurso capitalista e/ou no processo de sublimação.

No que tange à primeira, o mais-de-gozar, ou como nomeia Quinet, o mais-de-olhar, o fascínio pela tela do TikTok, com sua pluralidade de imagens, incide sobre os modos de subjetivação na contemporaneidade, refletindo, por exemplo, na busca pelo prazer instantâneo e na desmotivação em relação às atividades que exigem algum esforço ou adiamento do prazer. A profusão de imagens na contemporaneidade mascara o furo da imagem, justamente o que instiga o sujeito a buscar o saber no campo do Outro. Para o

sujeito adolescente, quando os recursos simbólicos mostram sua fragilidade para tratar o real, abdicar do gozo é uma tarefa mais difícil.

Em contraponto, destaco a perspectiva da possibilidade de sublimação. Na plataforma TikTok, os adolescentes criam e compartilham vídeos curtos, muitas vezes com o objetivo de capturar o olhar e expressar uma representação, como um esboço de sua identidade ou na tentativa de se expressar. Essas práticas podem ser vista, através da perspectiva lacaniana, como uma forma de sublimação: A plataforma TikTok como estatuto de objeto ou prática de uso do aplicativo é elevado ao status de algo digno do desejo, mantendo sua utilidade, mas ultrapassando suas limitações originais. No contexto do TikTok, isso pode ser representado pelo modo como os usuários adolescentes transformam experiências cotidianas, ideias, palavras ou sentimentos em conteúdo criativo. Por exemplo, um sentimento de angústia ou uma experiência difícil pode ser expresso em um conteúdo artístico ou humorístico, elevando-o a algo que é socialmente compartilhável e valorizado.

Diante do que foi apresentado, esta pesquisa desenvolve-se a partir do questionamento sobre quais seriam as possíveis práticas de uso do aplicativo TikTok pelos adolescentes, considerando-o enquanto circuito do "mais-de-olhar" via discurso capitalista e no processo sublimatório como expressão criativa, artística e humorística. Dessa forma, estabelecemos uma hipótese de duplo meio, que permite ampliar a discussão: de que o uso do TikTok pelos sujeitos adolescentes pode tanto transcender as funcionalidades da comunicação tradicional e alcançar uma expressão sublimatória, quanto ser capturado pela lógica da sociedade escópica no discurso capitalista, onde o valor das relações humanas é mediado por imagens e pela produção moderna mercadológica, levando à alienação.

Assim, procuramos, a partir da contribuição da psicanálise, dialogar com as áreas de estudos sociais, filosóficos, antropológicos e artísticos. A análise das práticas dos adolescentes no uso do aplicativo TikTok, como um fenômeno histórico, se justifica conforme Lacan (1959/1960), que ressalta a impossibilidade de discutir arte e psicanálise sem considerar que toda produção artística está situada em um contexto histórico. Além disso, é a partir da posição da arte como pertencente ao registo do que é cultural que podemos superar a noção falsa de que existe uma separação entre o que é singular e o que é social (Oliveira, 2020, p. 18).

Diante das inquietações que motivaram a formulação desta pesquisa, delineamos um percurso que possibilita abordar as questões e hipótese apresentadas. Assim, estruturamos este trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado, *O aplicativo TikTok na Cultura*, nosso objetivo é iniciar a pesquisa contextualizando a intrínseca relação entre o indivíduo e a sociedade, destacando sua relevância histórica conforme postulado por Freud (1921) e Lacan (1998). Apresentaremos pensadores de diversas abordagens que analisam a sociedade contemporânea, com especial atenção aos impactos da tecnologia digital e suas manifestações, como o aplicativo TikTok, visando elucidar os fundamentos do contexto histórico em que os adolescentes estão imersos. Discorreremos sobre as teorias de Manuel Castells acerca da Sociedade em Rede, de Pierre Lévy sobre Cibercultura, sobre o Universo das imagens técnicas de Flusser e datificação. Faremos uma análise detalhada do aplicativo TikTok, escolhido como foco de nossa investigação por sua representatividade na atual condição social. Embora essa abordagem possa parecer distante da teoria psicanalítica lacaniana, esses autores nos auxiliam a compreender como o atual cenário cultural é permeado pela mídia social, desempenhando um papel central na interação do laço social e na estrutura em que esse fenômeno se sustenta. Para isso, ao longo do texto, utilizaremos vídeos do aplicativo TikTok como homólogos às vinhetas clínicas apresentadas por Freud em sua obra, com o objetivo de, a partir de recortes, iluminá-los em nossa análise.

Na seção dois, intitulada *A sociedade escópica: o ver e ser visto no aplicativo TikTok*, examinamos o conceito de *Sociedade Escópica*, desenvolvido por Antônio Quinet (2002). Destacamos as características e implicações desse conceito como uma ferramenta essencial para compreender a sociedade contemporânea, abordando a crescente demanda por visibilidade incentivada pelo aplicativo TikTok. Ao desmembrar essa proposta e analisar a sociedade atual, buscamos entender como o gozo escópico contorna e delimita nossa cultura, contribuindo para as reflexões apresentadas nos capítulos anteriores. Discutimos o conceito de pulsão e o gozo escópico, com base nas teorias de Freud (1905) e Lacan (1963/1964) sobre a formulação original do objeto *a*. Argumentamos que a captura do sujeito pelo aplicativo TikTok reflete elementos da sua estrutura psíquica, especialmente no aspecto escópico.

No terceiro, intitulado *Adolescer em tempos de TikTok*, estabelecemos o conceito

estrutural da adolescência a partir de Freud (1905), em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, e de Lacan (1974), no prefácio *O Despertar da Primavera*, onde identificamos dois tempos lógicos na adolescência: o primeiro, da fantasia, quando o adolescente imagina a existência da relação sexual, e o segundo, o tempo do trauma, no qual o sujeito se confronta com a inexistência da relação sexual e sua dimensão subjetiva. Baseamo-nos nos livros *Esse Sujeito Adolescente* e *O Adolescente e o Outro*, de Alberti (1999), para explorar as vivências geralmente tumultuadas enfrentadas pelo adolescente nesse período. Articulamos os aspectos estruturais do psiquismo do sujeito adolescente em relação ao corpo próprio e ao corpo do Outro, que denuncia o mal-estar na civilização, revelando de maneira evidente as formas contemporâneas de sofrimento e subjetivação, com a finalidade de avançar na análise das possíveis práticas de uso do aplicativo TikTok pelos jovens.

Trabalharemos, no quarto capítulo, com a teoria lacaniana dos discursos, em especial o discurso capitalista, que é articulado com a mercadoria da qual se coloca em contraste com a sublimação, como aponta Metzger (2014) sublimação é o movimento de criação a partir do vazio estrutural do sujeito. Além de trabalhar a diferença entre o sujeito do discurso capitalista e o sujeito da sublimação, desenvolveremos sobre o discurso histórico e o discurso do analista. Esses dois últimos discursos provocam fissuras significativas frente ao discurso capitalista e viabiliza a expressão sublimatória. Enquanto o discurso capitalista captura e aliena o sujeito, especialmente jovens, ao reduzi-los a objetos de consumo, os discursos histórico e do analista revelam a impossibilidade de tal dominação completa, promovendo uma forma distinta de interação entre linguagem e gozo. O discurso histórico se apresenta na adolescência como uma contestação ao domínio do significante-mestre e às normas estabelecidas, expondo as limitações do discurso capitalista em satisfazer as demandas subjetivas. Essa contestação é exemplificada na contemporaneidade através de plataformas como o TikTok, onde jovens negros e indígenas utilizam o discurso histórico para resistir às estruturas coloniais e de mercado, buscando visibilidade e afirmando sua subjetividade. O discurso do analista, por sua vez, ao evidenciar o real impossível de ser capturado pelo significante, atua como uma via de ruptura frente ao capitalismo, permitindo a esses jovens expressarem seu desejo de forma criativa, elevando suas manifestações ao nível de sublimação no aplicativo TikTok.

Assim, apresentamos elementos que fundamentam nosso objetivo de pesquisa sobre as possíveis práticas de uso do aplicativo TikTok pelos adolescentes e seus desdobramentos ao pensar a captura do púbere pela modalidade do gozo escópico e sua estrutura psíquica exclusiva do momento da adolescência. Alicerçados nas contribuições da psicanálise lacaniana, navegamos pelo aplicativo TikTok, o que implica o adolescente e o torna um exímio marinheiro para nos conduzir.

1 – O aplicativo TikTok na Cultura

No primeiro capítulo, intitulado, *O aplicativo TikTok na Cultura*, nosso objetivo é iniciar a pesquisa contextualizando a intrínseca relação entre o indivíduo e a sociedade, pôr em relevo que “desde os primórdios, o ser humano possui uma relação bastante articulada à sociedade e à cultura” (Rocha; Loures, 2022, p. 73), destacando sua relevância histórica conforme postulado por Freud (1921) e Lacan (1963/1964).

Após salientarmos a íntima conexão entre sujeito e o social e o como o psicanalista é convocado a se debruçar sobre o contexto histórico de sua época, podemos localizar, através de teóricos sociais, as transformações no campo da cultura referente à mídia social e o aplicativo TikTok.

Antes de seguir, é importante marcar a intrínseca relação entre o sujeito e o social. Embora uma sociedade seja constituída por vários indivíduos é necessário que haja certa identificação entre cada um desses indivíduos para a construção do agrupamento. “Quanto mais alto o grau dessa ‘homogeneidade mental’, mais profundamente os indivíduos constituem um grupo psicológico e mais notáveis são as manifestações da mente grupal’ (Freud, 1921, p.91). Assim como Freud (1921) conceitua a psicologia individual como inseparável da psicologia social, ao longo do ensino de Lacan, é notório sua persistência em discutir a impossível dissociação entre indivíduo e sociedade. Além do autor destacar a necessidade do psicanalista se atentar ao relevo histórico social em que vive, ele também adverte: “deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (Lacan, 1998, p. 322).

1.1- Sociedade em rede e as redes sociais

As contribuições de Pierre Lévy e Manuel Castells sobre o advento da internet, e por consequência da mídia social, objeto de nossa pesquisa, estabelecem elementos de impacto social, cultural e econômico. Os autores concebem a mídia social como rede de informação interligada catalizadora de cultura.

Segundo Castells (1999), sociólogo espanhol, em seu livro com o título 'Sociedade em Rede', argumenta que devido o advento das tecnologias de informação e comunicação, estamos vivendo numa sociedade caracterizada pela interconexão global através de rede.

Redes são estruturas abertas, capazes de expandir infinitamente, integrando novos nós, desde que esses nós possam se comunicar dentro da rede, isto é, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). (CASTELL, 1999, p. 566).

A rede composta por nós interconectados, facilita a comunicação e a troca de informações. Esses nós podem ser representados por indivíduos, grupos, organizações ou até mesmo países, de forma ilimitada. A característica central das redes é sua capacidade de se reconfigurar continuamente, adaptando-se a novos ambientes e demandas a partir de um mesmo código de comunicação. A sociedade em rede, em suas diversas formas institucionais, permanece predominantemente capitalista e, significativamente diferente das anteriores, possui "duas características distintas fundamentais: é global e está estruturada, em grande medida, em uma rede de fluxos financeiros" (Castells, 1999).

Ao tratar da transformação socioeconômica a partir da tecnologia, o autor afirma que a tecnologia não determina a sociedade, assim como a sociedade não determina a tecnologia. O resultado depende de um complexo padrão interativo, incluindo a iniciativa empreendedora. Em outras palavras, a sociedade não pode ser entendida exclusivamente por suas ferramentas tecnológicas. Embora não haja determinismo tecnológico na transformação social, o uso da tecnologia, ou a falta dela, contém o potencial para transformar a maneira como as sociedades funcionam. Quando uma nova tecnologia é

introduzida, ela tem a capacidade de alterar significativamente vários aspectos da vida social, econômica e cultural.

Em *A Galáxia da Internet* (2001), Castells estabelece o termo *cultura da internet*, que consiste em quatro camadas estruturadas e hierarquicamente distribuídas, cada uma contribuindo para a propagação da *ideologia de liberdade*. A articulação entre essas camadas é fundamental para entender a dinâmica da internet e suas implicações culturais e sociais. Castells define a cultura tecnomeritocrática como cultura hacker ao se transformar quando incorpora normas e costumes em redes de cooperação voltadas para projetos tecnológicos. A cultura comunitária virtual adiciona uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da internet um meio de interação social e integração simbólica. Já a cultura empresarial trabalha em conjunto com a cultura hacker e a cultura comunitária para disseminar as práticas da internet em todos os domínios da sociedade, principalmente como meio de geração de lucro. Essas culturas são interdependentes. Sem a cultura tecnomeritocrática, os hackers seriam uma subcultura de *geeks* e *nerds*. Sem a cultura hacker, as redes comunitárias na internet não se diferenciariam de outras comunidades alternativas. E sem os valores comunitários e a cultura *hacker*, a cultura empresarial não poderia ser caracterizada como específica da internet.

A cultura tecnomeritocrática – uma vez que a internet foi produzida em círculos acadêmicos – está enraizada na discursividade acadêmica e científica, o que no nosso entender, neste contexto, se associa ao discurso universitário. Uma de suas crenças, tais quais os iluministas e a modernidade, é a de que o desenvolvimento tecnológico e científico é decisivo no progresso da humanidade. Os *hackers* formam uma comunidade dentro desta cultura que se utiliza da conexão dos computadores para desenvolvimento de programas e software, tendo como significante a liberdade. (FERREIRA LEMOS, 2014, p.72).

A concepção de ‘ideologia de liberdade’ conduz ao uso da internet, e consequentemente ao uso das comunidades virtuais promovendo a noção que o meio digital é um espaço de livre expressão e cooperação. No entanto essa perspectiva também

está a serviço da lógica capitalista. Enquanto os indivíduos são incentivados a compartilhar informações e colaborar em projetos tecnológicos, as práticas e inovações geradas são frequentemente capturadas e exploradas pela cultura empresarial. Esta, trabalhando em conjunto com a cultura *hacker* e a cultura comunitária, dissemina as práticas da internet em todos os domínios da sociedade como meio de gerar lucro. Assim, a chamada *ideologia de liberdade* não apenas fomenta a criatividade e a interconexão por meio das mídias sociais, mas também sustenta e perpetua a estrutura capitalista predominante, transformando o potencial de liberdade em mais uma ferramenta de produção e controle econômico. Esse mecanismo articula-se ao discurso capitalista, sobre o qual discorreremos mais adiante.

As comunidades virtuais foram estabelecidas pelos primeiros usuários da internet com o objetivo de promover uma cultura comunitária unificada. As comunidades on-line tiveram origens muito semelhantes às dos movimentos contraculturais e dos modos de vida alternativos que despontaram na esteira da década de 1960. Embora as comunidades virtuais tenham se expandido e alcançado um impacto significativo, sua conexão original unificada com a contracultura se fragmentou em diversas sub-comunidades. Castells atribui essa transformação à renovação contínua da juventude em cada geração.

(...) em sua maioria eram/são adolescentes, ou estudantes de graduação, exibindo on-line o comportamento de encenação típico da fase da vida em que estão, quando fazem experimentos frequentes com sua personalidade. Os usuários tendem a adaptar novas tecnologias para satisfazer seus interesses e desejos. (CASTELLS, 2001/2003, p. 59).

De acordo com Lemos (2014), as comunidades virtuais, após sua fragmentação e consolidação como plataformas de redes sociais, tornaram-se uma das maiores 'utilidades' da internet. O Facebook, sendo a rede social mais utilizada no mundo, conta com cerca de 3,1 bilhões de usuários ativos mensais em 2024 e possui uma base de usuários equilibrada em termos de idade, com uma concentração significativa entre 30 e 49 anos¹.

¹ <https://targetinternet.com/resources/how-different-age-groups-are-using-social-media-2024>

O TikTok, foco de nossa pesquisa, ainda não superou o Facebook e o Instagram em número de usuários mensais, mas sua popularidade se destaca no cenário global, com aproximadamente 1.67 bilhões de usuários ativos mensais, onde esse crescimento rápido tem se consolidado por ser uma das principais redes sociais, especialmente entre os jovens.²

Diante da crescente adesão à internet e às redes sociais, que se tornaram ferramentas fundamentais na formação e manutenção de interações sociais, observamos duas tendências importantes: 1- a irreversibilidade do uso dessas plataformas para inúmeras finalidades na vida cotidiana, inclusive a serviço do discurso capitalista; 2- o uso predominante entre os jovens no cenário mundial e brasileiro.

1.2 Cibercultura e as redes sociais

O pensamento do filósofo e sociólogo Pierre Lévy se alinha com as concepções de Castells, pois ambos veem o universo das redes sociais como um espaço onde se estabelecem novas fronteiras econômicas e socioculturais. No livro "Cibercultura", Lévy (1999) escreve que o termo 'ciberespaço' foi cunhado no romance de William Gibson de 1984 e posteriormente adotado pelos usuários das redes sociais. Lévy define o 'ciberespaço' da seguinte forma:

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. [...] Insisto na codificação digital, pois ela condiciona o caráter coloca de forma demasiadamente otimista o 'Ciberespaço' como um lugar de comunicação aberta, como uma plataforma em que converge valores, trabalho e comunicação. Para tal, [...] elenca três

² <https://explodingtopics.com/blog/top-social-media-platforms>

princípios que orientam o crescimento das redes sociais: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. (LÉVY, 1999).

A interconexão consiste como imperativo categórico a comunicação universal como um canal interativo. Apontando para uma civilização da telepresença generalizada em um contínuo sem fronteiras, a interconexão seria um universal por contato. Essa perspectiva promete uma ligação entre as pessoas, por intermédio de uma rede social, sem ressalva e obstruções. Essa promessa não seria uma maneira disfarçada do discurso capitalista se alocar e, ao contrário do que promete – aproximar as pessoas – acabar interpondo as plataformas de redes sociais nas relações entre elas? Desse modo, se torna impossível criar laços nas redes sociais? Iremos retomar essa questão no capítulo 4.

As comunidades virtuais se baseiam na interconexão, prolongando-se a partir dela. Trata-se simplesmente de um coletivo mais ou menos permanente em que se organiza por meio de um novo correio eletrônico mundial. (Levy, 1999. p,130) Uma rede social é construída pelas afinidades de interesse e conhecimentos, independente das proximidades geográficas e filiações institucionais que podem propiciar novas maneiras de interação social para infinitos meios. O autor também desenvolve o argumento de haver um conjunto de leis consuetudinárias - não escrita - que regem as relações, da qual denomina 'netiqueta'. Tal convenção social virtual consiste numa série de regras que inclui ser desaconselhável e fortemente desencorajada a publicidade comercial. Apesar do autor advertir das manipulações e enganações serem inevitáveis nas redes sociais, sua previsão declinou ao que tange a comercialização, e mais, atualmente refinada por algoritmos. Trataremos desse assunto no item 1.3 - a datificação e as redes sociais.

A inteligência coletiva é o título do projeto para viabilizar as redes sociais como dispositivo ideal para que coletivos inteligentes se desenvolva conectando saberes e provocando transformações (Ferreira Lemos, 2014. p, 76). Para Levy, esta seria a melhor maneira de utilizar as redes sociais. Como herdeiro do iluminismo, o autor considera o saber como solução.

Diante do ideal estabelecido por Lévy e Castells, é inegável que as redes sociais representam uma revolução em termos de potencial de transformação social. Originada nos anos 1970 e inicialmente utilizada exclusivamente por militares e pesquisadores

acadêmicos, a internet era inacessível ao público geral. No entanto, grupos ativistas da contracultura se empenharam em democratizar essa tecnologia, transformando-a em um dispositivo de informação acessível a todos. O que permite afirmar que a internet é um movimento social que emergiu da própria sociedade, oriunda de jovens que viviam em grandes metrópoles, interessados na revolução técnica e em novas formas de comunicação interativas e comunitárias. (Ferreira Lemos, 2014, p. 76).

1.3 – Datificação e as redes sociais

À medida que a democratização da internet avança, alcançando de forma mais abrangente a população, e com a disseminação do acesso e uso das redes sociais, especialmente entre os jovens, os dados gerados por essas interações fluem para as grandes bases de dados (*big data*) e daí, são redistribuídas de forma comercial.

Segundo a cientista da comunicação Lúcia Santaella (2021), estamos vivendo na era do *Big Data*. Essa novidade tecnológica caracteriza-se pela coleta, armazenamento e análise de grandes volumes de dados virtuais gerados em alta velocidade, fenômeno conhecido também como datificação. Refere-se à conversão de todos os aspectos da vida em sociedade em dados, permitindo que os eventos sejam colocados em um formato quantificável para análise e comparação. Essa tecnologia nos monitora até mesmo quando falamos perto de telefones celulares e computadores e se intensifica com o uso das redes sociais. Em outras palavras, transforma as atividades da vida cotidiana em informações percebidas como uma forma de valor de mercado.

Essa prática é amplamente difundida ao ponto da ‘datificação’ passar a ser vista quase como uma religião, sendo chamado de ‘dataísmo’. Com a justificativa de frente a complexidade do mundo atual, ‘confiar’ nos dados pode reduzir distorções de pesquisa e revelar padrões de comportamento ainda não identificados.

À semelhança de qualquer religião, o dataísmo tem mandamentos práticos. Um seguidor dessa nova religião, o dataísta, deve querer “maximizar o fluxo de dados, interligando-se cada vez mais”, pois acredita piamente na liberdade de informação e confia mais no *big data* e nos algoritmos de computador do que no conhecimento e sabedoria humanos. (SANTAELLA, L., e KAUFMAN, D., 2021).

Nosso rastro digital passa a tomar valor de moeda para uma indústria complexa que envolve o governo, capital de plataforma, mercado publicitário, indústria da comunicação e informação e as corretoras de dados.

Os cientistas, agências governamentais e as corporações, cada um por diferentes razões, têm um grande interesse nas relações mediadas por dados e no desenvolvimento de métodos que permitam a predição e a manipulação do comportamento. A aspiração de todos os agentes para saber, prever e controlar o comportamento humano se sobrepõe em certas dimensões, ainda que difira em outras. (VAN DIJCK, 2017).

O que queremos destacar aqui é a adoção da datificação como uma tecnologia para entender e prever ações sociais – onde o comportamento humano é medido, analisado e previsto a partir de grandes conjuntos de metadados –, mas também a crença nas intenções das empresas de tecnologia avançada e agências governamentais em proteger os dados dos usuários contra exploração.

Plataformas como o TikTok criam camadas de filtro, direcionando constantemente os usuários a conteúdos que reforçam seus interesses e comportamentos, promovendo um engajamento superficial e rápido, mas altamente viciante. No TikTok, essas características são particularmente evidentes. A plataforma utiliza algoritmos refinados para personalizar o conteúdo exibido, incentivando o rolar da tela contínuo e a interação social gamificada. Com o objetivo de modelar padrões de comportamento presentes e futuros, os jovens, principais usuários do aplicativo, é um alvo atraente por ser uma geração a quem pertence o futuro, onde tudo ainda está por vir.

Nós psicanalistas, apoiados no texto freudiano *Análise terminável e interminável* (1937), partimos da concepção que há algo do sujeito que é da ordem do inefável, algo que escapa à completa compreensão ou domínio. Bem como, no Seminário XI, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, Lacan (1963/1964) introduz a noção de "Real" como aquilo que é impossível de ser completamente simbolizado ou assimilado pelo sujeito. O Real é aquilo que escapa à simbolização e à linguagem, permanecendo como um ponto de impossibilidade dentro da estrutura psíquica. Reconhecemos que há algo inerente ao sujeito, inclusive no adolescente, que permanece incapturável, onde a partir daí é possível extrair um saber e inventar algo singular, como veremos no capítulo 4 – *Do like e do laço: as práticas de uso da juventude no TikTok*.

No entanto, não podemos ignorar que uma parte significativa do sujeito, especialmente dos adolescentes, é capturada, analisada e comercializada dentro da lógica do discurso capitalista. O aplicativo TikTok coleta e explora dados pessoais para fins lucrativos, moldando comportamentos de maneira a servir aos interesses do capital. Esse processo de datificação transforma aspectos da vida psíquica em informações quantificáveis, utilizadas para prever e influenciar o comportamento dos usuários. Nosso trabalho, portanto, além de se debruçar sobre a compreensão daquilo que é incapturável, também se inclina sobre como essas dinâmicas capitalistas impactam a subjetividade e o que os adolescentes fazem a partir disso. Apostamos em desenvolver essa análise ao longo de nosso trabalho, investigando o que do adolescente é capturável, se é da ordem da estrutura psíquica, ou/e do seu saber-fazer com o adolecer.

1.4 – As imagens técnicas e o elogio ao superficial do TikTok

Conforme Vilém Flusser, em seu livro *O Universo das Imagens Técnicas: Elogio da Superficialidade* (2012), o mundo contemporâneo está saturado por imagens produzidas por máquinas e dispositivos, como câmeras, smartphones e computadores. Diferentemente das imagens manuais, que serviam como representações simbólicas, as imagens técnicas são geradas e operam dentro de uma lógica programada, influenciando

diretamente a percepção e o laço social. Essa mediação altera profundamente a cultura, pois determina a forma como as pessoas se relacionam entre si e com o próprio conhecimento. Além disso, há um fascínio pela superficialidade das imagens criadas por esses dispositivos, sem que haja profundidade no sentido ou na estrutura que as produzem. Nesse contexto, não se trata de condenar esse processo, mas de analisá-lo criticamente, compreendendo como ele transforma a sociedade e torna a reflexão e a interpretação crítica mais desafiadoras diante da avalanche de imagens consumidas passivamente. Nesse cenário de produção e disseminação de imagens, estabelece-se uma dinâmica entre criadores e consumidores, bem como a relação mediada por essas imagens.

Partindo das imagens técnicas atuais, podemos reconhecer nelas duas tendências básicas diferentes. Uma indica o rumo da sociedade totalitária, centralmente programada, dos receptores das imagens e dos funcionários das imagens; a outra indica o rumo para a sociedade telemática dialogante dos criadores das imagens e dos colecionadores das imagens. (FLUSSER, 2012).

Diante das duas vertentes das imagens técnicas, podemos nos questionar se o aplicativo TikTok se baseia nesse conceito. Flusser (2012) assim descreve a técnica da "sociedade totalitária, centralmente programada":

As imagens técnicas são irradiadas a partir de centros emissores por enquanto não cosmicamente, isto é, por enquanto 'mal' programados. Essas imagens programam o comportamento dos receptores e são, por sua vez, programadas por funcionários que apertam teclas. Os funcionários, por sua vez, são programados por aparelhos a programarem as imagens que programam os receptores, enquanto os aparelhos são, por sua vez, programados por outros aparelhos a programarem funcionários que programam imagens que programam os receptores. (FLUSSER, 2012).

Essa estrutura cíclica de programação e controle evidencia um sistema onde os usuários tornam-se conduzidos por executores de comando predefinidos feito por sucessões de dispositivos. No TikTok também há hierarquia invisível de controle exercida por esses dispositivos e algoritmos. Esse atravessamento modulado por parâmetros algorítmicos definem quais corpos, rostos e expressões têm maior alcance e aprovação. O TikTok, com base nas regras do jogo da "sociedade totalitária, centralmente programada", as impõe ao adolescente que se propõe a plataforma. Esse modelo induz o usuário do TikTok a se tornar de forma passiva em “funcionário das imagens”, na qual o adolescente, maior faixa etária de usuários do aplicativo, reproduz o conteúdo programado sem questionar a origem e o sentido do *post*. Isso pode ter como consequência uma geração na qual a comunicação se torna altamente previsível e controlada, eliminando a possibilidade de rupturas críticas ou de discursos alternativos que escapem à lógica programada desse sistema.

Ao que se refere a segunda tendência básica das imagens técnicas, “a sociedade telemática dialogante”, é quando as imagens técnicas deixam de ser exclusivamente ferramentas de controle e passam a mediar colaborações ativas entre os usuários digitais. Isso contrasta com a sociedade totalitária da programação rígida, pois na sociedade telemática dialogante há um fluxo contínuo e descentralizado de informações, permitindo uma nova forma de criação e participação coletiva.

Mas outro tipo de homem continua possível: homem que participe de diálogo cósmico “sobre” aparelhos, diálogo possível atualmente graças a técnicas desenvolvidas pelos próprios aparelhos. Semelhante diálogo cósmico sobre e através dos aparelhos poderia resultar em “competência” superior à dos aparelhos. Por certo, tal “competência coletiva” não seria qualitativamente maior que a competência individual humana, mas seria quantitativamente maior: nos aparelhos as competências são apenas quantitativas. De maneira que o diálogo cósmico poderia, em tese, reconquistar o controle sobre os aparelhos para depois programá-los segundo decisões humanas tomadas dialogicamente. (FLUSSER, 2012).

Flusser (2012) aponta que a sociedade telemática, as imagens não apenas circulam de forma programada e controlada, mas também dentro de um sistema dinâmico de trocas, onde cada usuário digital pode criar ou colecionar imagens. No TikTok, essa dinâmica se manifesta no fato de que os usuários não apenas assistem vídeos, mas os recriam, remixam e ressignificam através de tendências, desafios e duetos. Isso transforma o jovem de um mero espectador em um agente ativo da construção de conteúdo. Os vídeos virais podem influenciar outras produções de conteúdos criativos, ou seja, um conteúdo pode ser expandido e reinterpretado por diversos criadores, formando uma rede de conexões simbólicas e culturais. O diálogo telemático pode ser visto como uma forma de sublimação ao possibilitar que o sujeito desloque a pulsão para a criação simbólica, transformando o gozo repetitivo da imagem técnica em uma forma de lidar com o mal-estar púbere (trabalharemos esse ponto no capítulo quatro).

Assim o aplicativo TikTok, calcado na lógica das imagens técnicas, abre um debate mais amplo sobre a relação dos adolescentes entre as imagens, o impacto do digital na subjetividade e nas formas contemporâneas de laço social.

1.5 O aplicativo TikTok

Embora a popularidade e o impacto significativo do aplicativo TikTok, surpreendentemente, nos deparamos com relevante escassez de informações detalhadas no site oficial e na plataforma do aplicativo. Além do mais, há uma quantidade restrita de artigos acadêmicos e científicos que tratam de maneira aprofundada as implicações do TikTok. Ao levar esses pontos em consideração, nos vimos obrigados a complementar nossa análise recorrendo a fontes de pesquisas jornalísticas e outros recursos disponíveis, para trabalharmos uma visada mais abrangente e crítica sobre esse fenômeno contemporâneo.

A criação do TikTok teve início com o lançamento do aplicativo *Douyin* pela empresa *ByteDance* em setembro de 2016, destinado exclusivamente ao mercado chinês,

onde segue as rigorosas regulamentações e censura do governo chinês. Com grande aderência ao aplicativo Douyin, em 2017, a *ByteDance* faz a junção do *Douyin* com a *Musical.ly*, plataforma de vídeos curtos, e expande a aplicação internacionalmente, lançando o TikTok em agosto de 2018. Desse cenário e diante, o TikTok despontou crescimento explosivo, tornando-se uma das redes sociais mais populares do mundo, alcançando um bilhão de usuários ativos mensais em 2021, especialmente durante a pandemia de Covid-19.

No período de nossa pesquisa- 2024, o TikTok se mantém como uma das plataformas de rede social mais populares globalmente. Em 2023 gerou receita estimada de US\$ 16,1 bilhões, um aumento de 67% em relação ao ano anterior. A plataforma foi avaliada em US\$ 50 bilhões por investidores em 2020.³ A empresa *ByteDance*, onde está alocada o TikTok, está avaliada pelos mercados privados a quantia próxima de US\$ 350 bilhões.

Entre dezembro de 2023 e fevereiro de 2024, o aplicativo foi o mais baixado de todo o mundo, com 4 bilhões de downloads⁴, superando os gigantes como Instagram e Facebook⁵. Em março de 2024, o TikTok caiu para o terceiro lugar no ranking entre aplicativos de redes sociais mais baixado no mundo, com 46 milhões de downloads. No Brasil o aplicativo é extremamente popular, no terceiro trimestre de 2023 alcançou 24,08 milhões de downloads⁶, refletindo a alta taxa de engajamento dos usuários brasileiros.

Em relação aos usuários mais jovens, tem presença significativa entre os adolescentes no TikTok. Estima-se, globalmente, a faixa etária predominante dos usuários seja de 10 a 19 anos. No Brasil, apesar de ser treze anos a idade mínima para criar uma conta no TikTok conforme as diretrizes de uso da plataforma, sabemos que 58% das contas ativas no TikTok são de adolescentes entre 10 e 17 anos⁷. Essa adesão é

³ <https://www.reuters.com/article/us-bytedance-tiktok-exclusive-idUSKCN24U1M9/>

⁴ <https://www.businessofapps.com/data/tik-tok-statistics/>

⁵ <https://www.oberlo.com/statistics/most-downloaded-apps>

⁶ <https://www.businessofapps.com/data/tik-tok-statistics/>

⁷ <https://backlinko.com/tiktok-users>

impulsionada pela interface de fácil manuseio, algoritmos de dados altamente avançados e capacidade de produção de vídeos virais que capturam imaginariamente, em especial os jovens, tal como iremos desenvolver esse aspecto no capítulo 2, A sociedade escópica: o ver e ser visto no aplicativo TikTok.

As funcionalidades e característica do TikTok são várias. A plataforma incentiva a criação de vídeos curtos, que podem ter 15 segundos a 3 minutos. Mas para somente alguns criadores de conteúdo há a possibilidade de enviar vídeos de até 60 minutos de extensão. O novo limite de tempo tem por objetivo competir com o YouTube – plataforma de rede social líder do mercado, e demais serviços de *streaming*. A plataforma conta com ferramentas de edição sofisticadas que incluem filtros, efeito de realidade aumentada e biblioteca. Essas funcionalidades incentivam a produção de conteúdo em massa com potencial de viralização capturando a atenção dos usuários.

No site da plataforma encontramos o seguinte slogan: o TikTok é “um lugar que une as pessoas para encontrar momentos de alegria e inspiração”. Embora esse contato esteja intermediado pela interface da tela, de fato, as condições do aplicativo estimulam a interação entre as pessoas, há conteúdos humorísticos e artísticos. No entanto, a ênfase em vídeos curtos e envolventes são de conteúdos superficiais com o intuito de viralizar, gerar dados e promover consumo, criando um ambiente altamente viciante, do qual, os usuários são direcionados a novos conteúdos que correspondem aos seus interesses, formando uma bolha de filtro digital. Tais características contribuem para uma cultura de imediatismo, gratificação instantânea e para engessar ideias e comportamentos já existentes, muitas vezes em detrimento de discussões mais profundas e significativas, limitando a exposição de pontos de vista divergentes e potencialmente exacerbando a polarização social.

O TikTok tem expandido suas operações para além do espaço virtual, promovendo uma série de estratégia integrada. A *Creator Academy* é uma delas. Refere-se a uma plataforma educativa para desenvolver e capacitar criadores de conteúdo. Nesse espaço é oferecido cursos sobre criação de conteúdo, monetização e uso de funcionalidades do aplicativo.⁸ Para engajar seus usuários, a plataforma fortalece sua presença em eventos

⁸ <https://www.tiktok.com/creator-academy/en/homepage>

culturais e populares no cenário social patrocinando blocos de carnaval, shows e festivais, feiras e exposições.

A economia para os usuários segue modelos de monetização. Os usuários podem monetizar seus conteúdos através de patrocinadores e fundos de criadores. Como esse aporte depende diretamente da continuidade de popularidade, a economia dos criadores é volátil, o que pode levar o usuário a condições prejudiciais em busca de likes, visualizações e comentários. Existe um sistema de presente virtual durante as lives onde se coloca uma questão por falta de transparência sobre as taxas e distribuições de ganhos⁹ que incentivam consumo excessivo entre os jovens.

Sobre o contexto geopolítico, há tensões significativas entre os países sobre a restrição e proibição do uso do TikTok. Em 2021 o governo Indiano, após conflito militar na fronteira entre Índia e China, banuiu o uso de vários aplicativos chineses, inclusive o TikTok. Desde então o aplicativo permanece inacessível para os indianos. Similarmente, a Somália e o Afeganistão também proibiram o aplicativo com alegações que a plataforma prejudica a soberania e integridade da nação. As proibições do TikTok nos Estados Unidos, em meio ao crescente poder econômico e tecnológico da China, estão relacionadas à competição por influência global e controle de tecnologias emergentes. A rivalidade entre as duas potências pode ser interpretada pela busca dos Estados Unidos conter a ascensão da China e proteger seus interesses estratégicos como tentativa de reafirmar a influência americana no cenário internacional.

O aplicativo TikTok emergiu como um fenômeno global, redefinindo o uso da rede social e moldando a cultura popular de forma relevante. Seu crescimento meteórico impulsionado por estratégia de expansão agressiva, inovação tecnológica e de consumo guiado por um algoritmo de recomendação poderoso, o mantém como uma das redes sociais mais influente do mundo. Onde consideramos pontos relacionadas à segurança de dados, exposição ao excesso de consumo e agenda de formação de hábitos do nível individual ao social, em maior relevância a juventude na sociedade contemporânea. Consideramos que percorremos um caminho para levar a questão: O que há de estrutural

⁹ <https://backlinko.com/tiktok-users>

no sujeito adolescente que o leva a ser capturado pelo TikTok? Iremos discorrer sobre esse questionamento nos próximos dois capítulos.

2- A sociedade escópica: o ver e ser visto no aplicativo TikTok

Para descrever uma sociedade onde a condição constitutiva do sujeito, o olhar e a visibilidade assumem um papel central na interação social, Antônio Quinet (2002) cunhou o termo “Sociedade Escópica” ao reinterpretar a *Sociedade do Espetáculo* de Guy Debord e a *Sociedade Disciplinar* de Michel Foucault. Vivemos na era do imperativo "seja visto!", o olhar do outro se torna a validação da própria existência. Esse fenômeno é marcado pela exibição constante e pela necessidade de se mostrar ao outro, o que Lacan descreve como um empuxo-a-gozar escópico. No âmago dessa sociedade, a visibilidade se transforma em uma forma de satisfação através do espetáculo da exibição de si mesmo e assim é possível controlar os corpos que desse dispositivo fazem uso de forma direta ou não.

O uso do TikTok exemplifica perfeitamente o conceito de “Sociedade Escópica”. O aplicativo, com seu algoritmo de recomendação altamente refinado a serviço do mercado, conduz os usuários a buscarem incessantemente serem vistos e validados através de likes, visualizações e seguidores. Tal engenharia do TikTok é alcançada por

apoia-se no que é estrutural do sujeito por estar intrinsecamente ligado ao desejo de ser visto, ao gozo escópico.

Para desenvolver o conceito de “Sociedade Escópica”, desmembramo-lo com a intenção de examinar a sociedade atual. Calcados nas teorias de Freud (1905), Lacan (1963/1964), e Quinet (2002) discutimos como o gozo escópico contorna nossa cultura a partir da concepção de pulsão e gozo quanto á formulação do objeto *a*. Argumentamos que elementos da estrutura do sujeito são capturados pelo aplicativo TikTok, em especial no aspecto escópico.

2.1- A sociedade escópica: posto - logo existo

No aplicativo TikTok, encontramos perfis de usuários que compartilham momentos do dia a dia. A jovem Manuela Cit, de 20 anos, acumula 1,7 milhão de seguidores. Seus posts ilustram a dinâmica da exposição digital e a busca por conexão por meio da visibilidade.

Vídeo 1 - <https://vm.tiktok.com/ZMrT4ur6f/>



Não basta vivenciar a rotina da vida ou simplesmente possuir algo; para os jovens, tornou-se essencial demonstrar e exibir esses bens. A aparência de felicidade, sucesso e realização passou a ser uma forma de valor social, reforçando a ideia de que ser visto é tão importante quanto ser. Os influenciadores mostram seu *life style* ao acordar antes das 5h, ter seu momento de religiosidade, praticar atividade física, tomar o café da manhã que combate os radicais livres para se manter jovem.

Para a sociedade contemporânea “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (Debord, 1997, p. 37), a aparência e a visibilidade se transformam em valores primordiais. Para tal, ocorre uma transição degradante do “ser” para o “ter” e, posteriormente, para “parecer” (Debord, 1997). No âmbito do “ser”, a vida do indivíduo é definida por suas ações e existência. Com o avanço do capitalismo, a relevância desloca para o “ter”, onde o valor do indivíduo passa a ser medido por acumulação de bens e mercadorias. Com a disseminação do espetáculo, a dinâmica assume o aspecto do “parecer”. O que se mostra ganha estatuto de valor. Não basta experienciar a vida e tão pouco possuir algo, é imprescindível estar em posse e exibir tais bens. A aparência de felicidade, sucesso e satisfação tornou-se a moeda de troca, especialmente para os influenciadores.

Essa transição culmina em uma cultura de alienação, onde as interações sociais mediadas por imagens moldam percepções e costumes. A busca incessante por visualizações e likes no TikTok reforça a alienação individual e coletiva, promovendo uma bolha contínua de consumo do mesmo.

Essas imagens chegam a nós como imperativos de ideais a serem seguidos, modelos de identificação que são fabricados pela publicidade e pelo esporte, no qual o apelo á identificação é tanto mais imaginário por fazer um apelo direto ao corpo: [...]onde não só a imagem do corpo está presente, mas o desempenho. (QUINET, 2002, p. 281).

A sociedade contemporânea passa a ser marcada pelo imperativo da “visibilidade”, transformando a vida em um espetáculo onde o reconhecimento da

existência depende da observação e validação do outro. Conforme Lacan (1964/1965, p. 76), “eu vejo apenas a partir de um ponto, mas no meu quadro eu sou olhado de todos os lados”. O olhar do sujeito não-todo integrado na cultura retorna de forma transformada, trazendo consigo a satisfação em se ver sendo visto, incentivado por exigência superegórica - “mostre-se”. Esse processo resulta numa paranoia em massa, onde para existir é preciso ser visto pelo Outro. “Hoje, a sociedade escópica parece ter optado pela redução ao ser-visto: seja pela indução ao tenha-seu-minuto-de-fama [...], seja pelo controle visual de uma vigilância permanente. Redução que tem como consequência o ‘ideal da transparência’ (Quinet, 2002, p.280).

O filósofo e cineasta Guy Debord, em 1967, lançou o livro *Sociedade do Espetáculo*, uma obra que permanece atual. Trata-se de uma crítica incisiva à sociedade moderna de consumo, da qual utiliza a tirania das imagens e da submissão alienante ao império da mídia através do poder dos profissionais do espetáculo, hoje conhecidos como influenciadores. Retomando Marx em *O Capital* (1867), Debord destaca a desqualificação da vida ligada à mercadoria e a proletarização do mundo, afirmando a raiz do espetáculo estar no terreno da economia. (Debord, 1997, p. 11). O mercado espetacular cria um desejo incessante pelas mercadorias, ultrapassando a vida. Enquanto isso, a “liberdade democrática” é limitada pelo mercado, ou seja, há democracia desde que siga as regras do consumo.

A acumulação do espetáculo transforma tudo o que era vivido diretamente, sem intermediação mercantil, em algo separado, isolado e intermediado por representações de imagens. Ou seja, [...] todos os bens selecionados pelo sistema especular são também suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das “multidões solitárias” (Debord, 1997, p. 23). O espetáculo revela a perda da ligação direta dos indivíduos entre si e com o mundo, através da abstração de todo trabalho particular e geral da produção. O que reúne os espectadores é o próprio centro que os mantém separados.

O espetáculo como sociedade moderna, está ao mesmo tempo unido e dividido. Como a sociedade, ele constrói sua unidade sobre o esfacelamento. Mas a contradição, quando emerge no espetáculo, é, por sua vez, desmentida por uma inversão de seu sentido; de modo que a divisão é mostrada unitária, ao passo que a unidade é mostrada dividida. (DEBORD, 1997, p. 37).

Na sociedade do espetáculo, as relações entre os indivíduos são mediadas por imagens que, embora pareçam aproximar seus usuários, na verdade, funciona como instrumento de fetiche, mascarando as relações sociais subjacentes. Ou seja, as imagens especulares se tornaram material de consumo ao ponto de mediar as relações, tomando o estatuto de fetiche. O capitalismo se utiliza da insatisfação inerente do sujeito para incitar o consumo. Conforme Rocha e Loures (2022, p. 74) “o sujeito estará fadado, ao longo da vida, a conciliar um equilíbrio entre as exigências da libido e do mundo externo e tende a buscar formas substitutas de satisfazer a pulsão nos objetos como forma de evitar o desprazer, mas esses não são capazes de satisfazer o desejo completamente”. No TikTok, o desejo de interação entre os jovens, mesmo a quilômetros de distância, é alterado em forma de mercadorias, onde a conexão é uma troca fetichizada. A mercantilização das relações no aplicativo mediada por imagens perpetua o isolamento e a alienação dos usuários.

A visão sendo o sentido privilegiado na produção da sociedade moderna, torna as imagens mais reais para o gozo do espectador, compensando os hiatos narcísicos do dia a dia.

O poder da imagem - devido ao seu poder de captação, fascinação, captura – faz o espectador identificar-se com o desportista e achar que, quando seu time ganha, ele também está de alguma forma ganhando. O poder da imagem faz o espectador acreditar ser um vencedor, quando na verdade está apenas sentado em sua casa bebendo uma cerveja diante de uma telinha. (QUINET, 2002, p. 282).

As imagens atreladas ao entretenimento tornam o espetáculo mais fascinante em comparação aos outros veículos de comunicação. Devido a significativa aderência do TikTok, os usuários, particularmente os jovens, fazem da sua vida particular uma novela, um verdadeiro *reality show*. “Os episódios gerados pela vida se transformam efetivamente no novo sucesso [...]” (Quinet, 2002, p. 283). Para isso existe “estratégias” no TikTok para conteúdos viralizarem, geralmente são iniciativas que tendem a fundir a

vida privada com o espetáculo. Segundo Quinet “são todos regidos pelo valor inventado na sociedade escópica, valor (altíssimo) que tenta medir o mais-de-olhar: *índice de audiência*”. (Quinet, 2002, p. 283). Este novo valor sintetiza a intensidade de gozo escópico, com os olhos fixados transformando o telespectador em *televoyeur*.

Os programas do tipo reality show transformam espectadores em celebridades dentro de um script que, apesar de não haver um roteiro novelesco, é um jogo (de prestígio) em que os perdedores vão saindo e os vencedores ficando cada vez mais tensos, sendo, como cavalos de corrida, objetos de torcida e aposta dos telespectadores. As emoções, os desafios, as conquistas, os fracassos, as lágrimas e os risos desses participantes do jogo-vida proporcionam um sentimento de realidade e veracidade em contraposição às falsas emoções de atores em novelas e roteiros de ficção. Para que procurar atores que representam as várias modalidades de afetos, se temos ao vivo e a cores, em tempo real, toda a reação captada pelo olhar da câmera [...] de seres comuns? (QUINET, 2002, p. 283).

No aplicativo TikTok, danças, desafios e representações tornam-se entretenimento para uma legião de espectadores e, como um jogo, qualquer um que se candidate (e passe no crivo do algoritmo e da identificação de ideal) pode se tornar um astro da internet. “Assim, a identificação do telespectador é facilitada, pois ele pode ser o próximo jogador – ter seu momento de fama e celebridade por ter adquirido a visibilidade”. (Quinet, 2002, p. 283). Dessa forma, almejando obter significativa visibilidade no aplicativo, o usuário se vê como um potencial participante em busca de seu "minuto de fama".

Diferente do cinema, produtores de estrelas inatingíveis, os influenciadores usuários do TikTok, são pessoas comuns, elemento esse de identificação para que o espetáculo envolva de fato e, “apontando que o que está em pauta é o espetáculo obscuro da banalidade” (Quinet, 2002, p. 283).

As celebridades tornam-se mais íntimas do que os mais próximos parentes; objetos de secretos amores mais importantes do que os amantes de todo dia. Não só se ama e se admira a celebridade como, no cogito da sociedade escópica, todos aspiram a sê-lo como condição de ser alguém nesta grande novela que é a vida: “Sou visto logo existo”. *Visus ergo sum*. [...] Esse jogo de cena é próprio do âmbito escópico – é o jogo do dar-a-ver ao Outro situado como ideal do eu, jogo comandado pelo imperativo do Mostre-se! (QUINET, 2002, p. 284).

Com a sociedade escópica, o TikTok, impulsionado pelo discurso capitalista (que iremos abordar em breve), se apodera do exibicionismo próprio da constituição do sujeito para transformá-lo em um imperativo de publicidade e na perpetuação do aplicativo. Comandado pelo mote mercantil, quanto mais a vida é exposta, maior o número de seguidores, engajamento e, conseqüentemente, monetização. No entanto, a principal lucratividade recai sobre a própria plataforma, enquanto o retorno financeiro obtido pela maioria dos influenciadores revela-se relativamente insignificante ou nulo.

Segundo Quinet (2002, p. 284), a sociedade escópica reatualiza a ilusão de que “o Sol brilha para todos”, ao sustentar a promessa de que qualquer um pode tornar-se uma celebridade. Diante desse espetáculo especulativo, alguns jovens, embora não todos, podem encontrar brechas para se expressar de forma singular dentro do aplicativo.

Tomemos a compreensão do importante fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty, que destaca que a percepção do olhar atravessa o corpo enquanto carne, um corpo que vai além do aspecto meramente biológico. Em seu livro póstumo, *O visível e o invisível* (1964), Merleau-Ponty apresenta a ideia de um “olhar” que antecede o olho biológico, perspectiva que se articula de forma significativa com a elaboração teórica de Lacan. Nas palavras de Lacan, “o olhar só nos aparece na forma de uma estranha contingência, simbólica daquilo que encontramos no horizonte e como ponto de chegada de nossa experiência, isto é, a falta constitutiva da angústia da castração” (Lacan, 1964/1965, p. 74). Segue Lacan a partir das ideias de Merleau-Ponty:

(...) somos seres olhados no espetáculo do mundo. O que nos faz consciência

nos institui, do mesmo golpe, como *speculum mundi*. Não haverá satisfação em estar sob este olhar (...) que nos discerne e que, de saída, faz de nós seus olhados, mas sem que isto se nos mostre? (LACAN, 1964/1985, p. 76).

Há uma fissura entre ver e olhar: o olhar é de outra ordem. Quando vemos, atuamos com os olhos do “eu”, ou seja, quando atribuímos sentido àquilo que é visível, é por meio de um recorte específico. O que diz respeito ao olhar, esse, pertence ao âmbito pulsional, no qual está implicado o desejo. O desejo não se orienta pelo que é visto, mas pelo que escapa ao olhar, pelo que falta e insiste como engrenagem que faz causar desejo. Ele remonta à vida na medida em que é estruturada por essa falta, como nos aponta Lacan (1964/1965):

A relação do sujeito com o órgão está no coração da nossa experiência. Entre todos os órgãos com que lidamos, o seio, as fezes, e outros ainda, há o olho, e é surpreendente ver que ele remonta a muito longe nas espécies que representam o aparecimento da vida. (LACAN, 1964/1965, p. 93).

Os jovens e influenciadores de origem indígenas e quilombolas usam o TikTok para compartilhar suas histórias e experiências, com o intuito de conscientizar o público sobre sua cultura. Da mesma forma, a juventude quilombola tem utilizado o TikTok para promover a cultura dos quilombos, falar sobre as tradições de suas comunidades e abordar temas relacionados à resistência e ao orgulho de suas raízes. Como coloca Quinet, "O espetáculo da imagem tem seu lado belo, faz suspirar o sujeito do desejo devido à sua pulsação e brilho, que encobre a falta que lhe é constitutiva", sendo possível encontrar algo da ordem do belo no aplicativo.

A sublimação através do belo é uma forma de interpretar como os jovens lidam com o mal-estar ao se expressarem no aplicativo TikTok. Para que um vídeo desses adolescentes se torne digno de interesse e viralize, um dos nomes da provocação de gozo, é preciso que algo do irrepresentável sobressaia, indicando uma recuperação de gozo, como ocorre no efeito do belo, mesmo considerando que o belo funcione como um limite

que nos protege do horror que o indizível pode provocar. No seminário, livro 7: *A ética da psicanálise*, Lacan (1959/1960), em seu desenvolvimento sobre a sublimação, aponta que o objeto de expressão artística forma aquilo que não se deixa ver. No destino da pulsão na sublimação, o irrepresentável pode tomar forma de um objeto qualquer no campo especular, promovendo o efeito de beleza, como ocorre, por exemplo, em vídeos que expressam a subjetividade dos jovens.

Uma outra forma das manifestações da sociedade escópica é o panoptismo disciplinar. “Na sociedade escópica, o olhar – dejetivo da civilização, mais-de-gozar – é elevado ao status de mestre/senhor, ou melhor, é utilizado pelo mestre/senhor fazendo fundir assim o S1 da lei com olhar vigilante e exigente do Grande Diretor.” (Quinet, 2002, p. 285). A vigilância, como conceito central nessa sociedade, revela o paradoxo do gozo escópico: os indivíduos vigiam uns aos outros, simbolizando uma vigilância constante em que o sujeito se sente observado pelo Outro, mesmo na ausência física de um vigilante. Tal paradoxo faz com que cada homem queira ser o próximo influenciador e um espectador de um espetáculo obscuro e feroz como o supereu que vigia e pune. O supereu torna-se representante do “paradoxo da lei” por ser uma lei sem objeto, dar lugar e instaura o objeto *a*, de acordo com Quinet (2002):

Esse objeto é o objeto *a*, que se apresenta ao sujeito como o olhar da vigilância da lei, e como a voz da instância crítica. A lei como máxima pura (S1) e a lei como instância de vigilância e crítica (*a*) são as duas faces do que o sujeito sofre de sua instância moral. Sua conjunção (S1 /*a*) faz do Outro o Um que o vigia, julga e pune. (QUINET, 2002, p. 285).

A estrutura do olhar como objeto *a* está representada no Panóptico de Bentham, utilizada por Michel Foucault para formular a sociedade disciplinar. Trata-se de uma estrutura arquitetônica do século XVIII, inicialmente usada para vigiar prisioneiros, cujo modelo foi posteriormente aplicado ao controle de estudantes, operários, doentes e pessoas consideradas loucas. Consiste em uma torre central cercada por um edifício circular. Na torre central pode ou não haver um vigilante; sua presença física não é imprescindível para que os prisioneiros se sintam constantemente observados, pois basta uma cortina ou vidro escuro para sugerir a existência de um olhar vigilante. Representada por essa imagem:

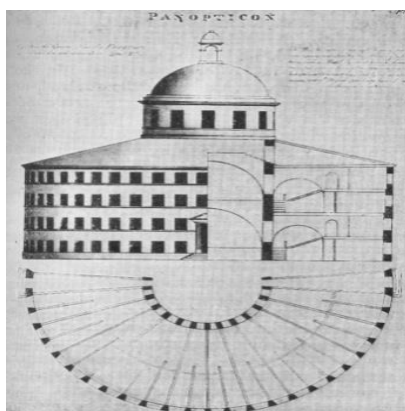


Figura 1- O esquema Panóptico

Foucault (1975) assim descreve:

No centro, uma torre de vigilância. Amplas janelas se abrem sobre a face interna da torre; esta é atravessada por uma galeria que a circunda completamente. A torre é dividida em pequenas celas, cada uma contendo uma mesa, uma cadeira e uma cama. Essas celas, em plena luz do dia, são completamente visíveis para o vigilante postado na torre central. Cada prisioneiro, na sua cela, está completamente sozinho, sempre visível do ponto central. E, do lado de fora, os muros que cercam a prisão cortam toda comunicação com o exterior. Assim, a estrutura panóptica separa completamente os prisioneiros, impondo-lhes o isolamento. O essencial do dispositivo é que o prisioneiro jamais pode ver o vigilante. Ele sabe que está sendo observado, mas não pode ver aquele que o observa. E o que importa, então, é que o poder que se exerce é invisível, ele próprio, enquanto objeto de

observação, enquanto poder de observar, seja absolutamente visível (FOUCAULT, 1975. p. 168).

Segundo Foucault essa estrutura tem efeito de indução de um estado de ser visto, o que lhe oportuna o funcionamento automático de poder. É uma vigilância contante que sustenta a relação de poder em dois aspectos: visível e inverificável. Visível: o prisioneiro estará constantemente sob o olhar da imponente torre central, onde é monitorado; Inverificável: ele nunca saberá com certeza se está sendo observado naquele momento; mas deve estar convencido de que a vigilância é sempre possível.

Trata-se, com efeito, de um modelo cuja estrutura nos é dada pela pulsão escópica e pelo olhar como objeto a. O panóptico nada mais faz senão dar uma estrutura de cimento armado àquilo que a psicanálise desvela como olhar do supereu, correlato da mancha que o sujeito faz na sociedade disciplinar, em que o olhar está por todas as partes como expressão do mal-estar na civilização. (QUINET, 2002, p.286).

Para Quinet “o panóptico dissocia o par ver-ser visto, e faz do sujeito não um ser que vê, mas um ser visto que está o tempo todo sob o foco do olhar do Outro, engaiolado na pirâmide visual do Outro.” (Quinet, 2002, p.286). É o Outro que é detentor do olhar, conferindo-lhe poder. Trata-se de um sistema paranoico localizador o gozo escópico no Outro do poder, levando o sujeito a acreditar que tudo o que faz e até o que pensa pode ser visto. Dessa forma, estabelece-se a sociedade disciplinar no TikTok, onde os usuários se tornam "visíveis" para o Outro invisível. Esse fenômeno se conecta ao processo de datificação. Como exemplificamos, o processo de datificação visa transformar aspectos da vida cotidiana em dados e, amplifica o conceito de panoptismo na era do TikTok, onde a vigilância e o controle social são exercidos de forma invisível e incessante. Assim como no panóptico, os indivíduos sabem que suas ações podem ser observadas, mas desconhecem quando e por quem, o que leva à interiorização da vigilância e ao ajuste do comportamento. O poder invisível se manifesta na capacidade de coletar e analisar dados criando uma dinâmica de controle onde todos são monitorados universalmente, mas de maneira individualizada e específica. A datificação, portanto, estende o olhar totalizador

e particular do panóptico, transformando a vigilância visual em vigilância digital, onde o controle é sutil, abrangente e personalizado.

A transparência como ideal penetra na vida privada dos influenciadores e usuários do TikTok, ao se exibirem na plataforma, enfrentam a exigência de uma transparência total, característica da sociedade escópica. Os usuários, ávidos tanto por desvendar o que está oculto, quanto por ganhar visibilidade, vivem essa dualidade: o desejo de viralizar com visualizações anda de mãos dadas com a expectativa de que os outros também se mostrem completamente. A dimensão da vigilância panóptica constante se estende ao alcance do sujeito se identificar com olhar que tudo vê do Outro, ao ponto de saber de estar sendo olhado e assim monitorar e controlar as próprias escolhas. Esse mecanismo faz com que o sujeito seja seu próprio vigilante, dando ênfase ao supereu controlador e vigilante.

No aplicativo TikTok, a ideia de tendência capturou o imaginário dos jovens da qual criaram as hashtags com #core no final para viralizar e representar a trend do momento. Como podemos encontrar o #barbiecore, #brazilcore, #cottagecore:

Vídeo 2 - <https://vm.tiktok.com/ZMrTxaSge/>



#barbiecore atingiu 1,3 bilhões de visualizações

Vídeo 3 - <https://vm.tiktok.com/ZMrTxuV3j/>



#brazilcore atingiu 13,7 milhões de visualizações

Vídeo 4- <https://vm.tiktok.com/ZMrTxAdY8/>



#cottagecore atingiu 19,3 bilhões de visualizações

No contexto do aplicativo TikTok, a dinâmica da vigilância superegóica toma proporção especialmente intensa. Os usuários do aplicativo tendem ajustar constantemente suas publicações para atender a demanda das expectativas dos seguidores e algoritmo, cria seu conteúdo de publicação esperando ser avaliado por uma ampla gama de seguidores. A expectativa de estar constantemente observado relança a vigilância do julgamento alheio, mas também a expectativa superegóica da própria vigilância. Esse processo na adolescência, momento marcado pelo afrouxamento da demanda ao Outro parental e busca de uma forma de se dizer, da qual passa pela aceitação social - iremos abrir e aprofundar essa temática no próximo capítulo -, no TikTok essa pressão se impõe de forma digital. Os adolescentes se sentem constantemente observados e julgados por

seus pares, seguidores e pela audiência anônima da plataforma. O jovem pode censurar sua expressão ao sentir-se impelido em utilizar a plataforma conforme seu desejo no intuito de evitar “hates”¹⁰. A juventude fica entre a vontade de expressar sua singularidade e a vigilância do supereu em adaptar-se as “trends.”¹¹ Segundo Quinet “esta estrutura desvelada no delírio de observação é arquitetada e concretizada pela sociedade escópica. Ela é a base da razão paranóica.” (Quinet, 2002, p.286).

Conforme Rocha e Loures (2022) em nossa sociedade de lógica de consumo, há uma oferta incessante de objeto que prometem satisfação plena, vislumbrando um ciclo de alienação. O sujeito se torna também um material consumível, transferindo seu tempo e vida para o capital, resultando em uma perda de gozo. Essa perda busca ser compensada pelo "mais-de-gozar", em que o sujeito tenta recuperar, por meio do consumo, o que foi perdido no processo produtivo, - desenvolveremos essa perspectiva pormenorizada no capítulo quatro. No contexto do TikTok, essa lógica se manifesta na busca por visibilidade e validação através de likes e seguidores, onde a promessa de completude é constantemente alimentada pela plataforma. A cada interação, o sujeito se aproxima do reconhecimento e da satisfação desejados, mas a completude permanece ilusória, inserindo-o em um ciclo perpétuo de busca e alienação, típico da lógica capitalista.

No aplicativo TikTok também nos deparamos como a juventude se apropriou da música lançada pelo grupo Clean Bandit com a cantora Zara Larsson em 2017 e a recriou em postar uma foto com fundo pictórico e escrever frases que todos pensam, mas não tem coragem de falar. Na plataforma, há outras possibilidades para que os adolescentes a utilizem como ferramenta que ultrapassa a demanda capitalista, permitindo-lhes expressar o mal-estar e inventar algo que toque o cerne de toda criação, como podemos acompanhar a seguir:

¹⁰ Hates são manifestações de ódio ou críticas degradantes, muitas vezes agressivas, que usuários recebem online, especialmente em redes sociais e plataformas digitais.

¹¹ Trend é uma tendência ou um tema popular que está em alta em determinado momento, especialmente em redes sociais, onde muitas pessoas estão participando ou falando sobre algo específico, como um desafio, hashtag, música ou estilo.

Vídeo 5 - <https://vm.tiktok.com/ZMrTCpaLx/>



Embora o discurso capitalista, encarnado no aplicativo TikTok, se aproprie do desamparo inerente à constituição humana, representado pela pulsão escópica e sustentado no conceito de objeto a, pressupostos que serão explorados nos dois subcapítulos seguintes, os jovens encontram brechas não apenas para seguir tendências e buscar validação escópica, mas também para criar algo carregado de subversão à lógica de consumo, propondo uma expressão singular que pode ser interpretada pelo conceito de sublimação.

Segundo Safatle “a sublimação está necessariamente vinculada à negação do objeto própria à pulsão de morte. [...] Neste sentido, a pulsão de morte pode aparecer para Lacan como motor de des-alienação no Imaginário.” (Safatle, 2003, p. 94-98). Nossa intenção não é aprofundar esse aspecto neste momento; isso será feito no capítulo 4. No entanto, no que diz respeito ao uso que os jovens fazem do aplicativo referente ao capturável e incapturável do jogo escópico na plataforma, essa perspectiva é relevante e se aplica.

2.2 Satisfação escópica no TikTok

O aplicativo TikTok, enquanto plataforma digital que influencia a interação social contemporânea, emergindo do contexto específico dos avanços tecnológicos e culturais do século XXI, configura-se como um fenômeno histórico. Em contraste, a estrutura do sujeito no que se refere à pulsão e ao gozo escópico, mantém-se trans-histórica, transcendendo o tempo e os contextos históricos. Isso reflete “[...] uma

disposição estrutural: poderíamos dizer 'trans-histórica', pois ela independe do momento histórico em que vive o sujeito" (Pacheco Filho, 2009, p.145), sendo uma característica base na qual o fenômeno social da época se apoia. A pulsão e o gozo escópico manifestando-se de diferentes maneiras conforme a prática social ao longo dos tempos como descrito nos capítulos anteriores. Porém desde os primórdios da humanidade até a era digital mantem-se a mesma estrutura lógica.

Antes de desenvolvermos o conceito do olhar enquanto objeto pulsional, ponto central de nosso trabalho, é necessário abordarmos a relação de objeto, que antecede e sustenta essa dinâmica. Partindo das formulações freudianas, a relação de objeto refere-se ao modo como o sujeito se vincula aos objetos que estruturam seu desejo. Essa noção demonstra que, inicialmente, as primeiras experiências de satisfação ocorrem por meio de objetos parciais destacados no próprio corpo. Ou seja, os primeiros objetos de satisfação – o seio, o olhar, a voz, as fezes – são objetos parciais, pois a criança os experimenta de maneira fragmentada, sem uma representação totalizada do Outro. Os objetos parciais possuem esse caráter por estarem diretamente relacionados à estrutura polimórfica da pulsão. As moções pulsionais, inicialmente, manifestam-se por meio de pulsões parciais, cuja meta está voltada para a satisfação específica de um órgão.

Com o tempo, essas experiências parciais se organizam de forma incompleta, formando a percepção de um Outro. Esse processo permite que o sujeito desenvolva o que chamamos freudianamente de amor de objeto, ou seja, a capacidade de se relacionar afetivamente com outras pessoas. Além disso, algumas dessas experiências podem ser sublimadas, isto é, transformadas em formas mais elaboradas de interação social, como afeto, amizade e amor na vida adulta.

Lacan (1962/1963) retoma essa formulação e a logifica ao afirmar que o desejo se organiza em torno da falta de objeto. Ou seja, o desejo não busca um objeto em si, mas está às voltas de recuperar um objeto perdido, que nunca foi plenamente possuído, pois desde o início foi alucinado. Após conceber o gozo em referência à Coisa, *das Ding*, Lacan (1962/1963), em seu décimo seminário, *A angústia*, conceitua o objeto *a*, que faz convergir a estrutura da linguagem com o campo do gozo. O objeto *a* condensa o gozo que resta, que escapa do processo de metaforização introduzido pelo Nome-do-Pai. Corresponde ao enquadre fantasmático do gozo em uma parte extraída do Outro – uma forma de contornar esse gozo sem limites sem, contudo, atingir a Coisa. Quando falamos

em localização do gozo isso já supõe sua captura pela lógica fálica.

Ao se aglutinar em significantes - processo que envolve corte, divisão e perda – o sujeito busca, no campo do Outro, reorganizar-se e encontrar uma sensação de completude. Como não há uma representação integral da pulsão sexual, uma vez que “pelo efeito de fala, [o sujeito] se realiza sempre no Outro”, “ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo.” E “só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala” (Lacan, 1963/1964, p. 184).

Para Lacan (1957/1958, p. 393) a fórmula da relação de objeto é o matema da fantasia, ao postular a fantasia fundamental como sendo o que garante a estrutura mínima ao suporte do desejo. Essa fórmula explica por que Lacan se refere à relação entre sujeito e objeto como uma “pretensa relação”, uma vez que o matema $\$ \diamond a$ revela a existência de inúmeras formas de vínculo entre sujeito e objeto, com exceção de uma: a de igualdade. Assim, o sujeito não deseja o objeto diretamente, mas contorna sua ausência por meio de substituições e fantasias.

A fantasia, por sua vez, funciona como um roteiro imaginário que sustenta o desejo, organizando a relação entre sujeito e objeto. Para Freud, no *Projeto para uma Psicologia Científica* (1895), e no capítulo 7 da *Interpretação dos Sonhos* (1900), a fantasia surge como uma resposta à perda do objeto, garantindo a continuidade do princípio do prazer mesmo quando a realidade impõe restrições. Lacan (1962/1963) reforça essa ideia ao afirmar que a fantasia não visa ao objeto real, mas ao que ele representa, motivo pelo qual o desejo nunca se satisfaz plenamente. Durante a estruturação psíquica, o princípio da realidade introduz a necessidade de renunciar ao objeto alucinado e faz lidar com sua ausência.

Essa dialética entre a fantasia e o princípio da realidade marca a experiência do sujeito ao longo da vida no que se refere à relação de objeto. Nesse contexto, a pulsão escópica adquire um papel central, pois Freud (1905), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, destaca a existência da pulsão de prazer em olhar e em exhibir-se, associada à curiosidade sexual. A partir da observação da manifestação sexual das crianças ao torna-se *voyeur*, Freud nomeia de ‘pulsão de ver’ ou ‘escópica’. Dessa maneira, com a pulsão escópica, a visão ganha estatuto de satisfação, o olhar passa a ser fonte de gozo.

O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais frequência pode ser estimulado, na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no objeto sexual costuma ser chamada de 'beleza'. Daí se chamarem 'atrativos' os méritos do objeto sexual. (FREUD, 1905, p.198).

O olhar enquanto objeto pulsional, transcende a mera percepção visual, emerge na dinâmica do desejo enquanto beleza e causa desejo no sujeito. O sujeito é capturado pelo olhar, que, ao se fixar no objeto, o erotiza, tornando-o uma fonte de gozo. “No caso da pulsão escópica, a satisfação se dissocia do prazer do órgão-olho. Sua satisfação, evidentemente, não é obtida pela manipulação dos olhos, mas por sua propriedade háptica de tocar de longe o objeto sexual, desnudá-lo e comê-lo com os olhos.” (Quinet, 2004, p.78). A satisfação em olhar não se apoia na função de necessidade básica, mas opera além da demanda, é da ordem do desejo. “É o objeto menos palpável, fugaz, sem substância, que vem eludir a castração do sujeito, devido à satisfação que proporciona no campo visual.” (Quinet, 2004, p.78). O olhar investe imperceptivelmente no outro transformando-o em um objeto agalmático, que brilha e atrai. É essa “transmissão da excitação” (ou do charme) que confere o caráter belo e desejante ao olhado, aquilo que é enlaçado pela pulsão. “Lá onde pousam os olhos, acende-se o belo e arde o olhar.” (Quinet, 2004, p.78). Sendo o belo produto da pulsão escópica, - iremos trabalhar o conceito de pulsão sublimatória no quarto capítulo.

No texto *As pulsões e suas vicissitudes* (1915) Freud estabelece a montagem da pulsão: fonte, pressão, finalidade e objeto, destinam-se à reversão ao seu oposto, retorno ao próprio sujeito, recalque e sublimação. Os destinos da pulsão, seja qual for a condição, por não possuírem uma saída final, será sempre parcial, nunca alcançando totalmente a satisfação. Conforme Rocha e Loures (2022, p. 74) “a pulsão não atua como uma força momentânea, mas como uma força constante no sujeito. Essa força é caracterizada por uma fonte inesgotável de estimulação que busca por satisfação, que só se realiza, contudo, parcialmente.” Esses reverses operam como propulsores do sujeito o relançando na busca de gozo constante. Ainda ao que tange aos caminhos da pulsão, a reversão pode tomar dois caminhos: reverte-se ao seu próprio conteúdo e desloca de passividade para atividade. Tomemos exemplos: a pulsão em reversão se apresenta ao

par de opostos escopofilia-exibicionismo; a pulsão substituída em passividade para atividade configura-se na passividade em ser “olhado” para atividade em “olhar”.

[...] o olhar dá a volta no outro para retornar ao próprio corpo, fazendo com que o exibicionista compartilhe do gozo do voyeur. A reversão a seu oposto implica a revirada da pulsão da atividade para a passividade e a reversão do conteúdo. O que é ativo se transforma em passivo: [...] olhar em ser olhado. Esses dois destinos são, de fato, correlativos, pois a transformação da atividade em passividade corresponde ao retorno sobre o próprio indivíduo daquilo a que submeteu o outro com sua pulsão. (QUINET, 2004, p.76).

A pulsão escópica se apresenta em três tempos: autoerotismo, *voyeurismo* e exibicionismo, que permanecem presentes e coexistem, (assim como em outras expressões da pulsão). Em um primeiro momento ao que corresponde ao auto-erotismo é de cunho narcísico. O sujeito faz do seu próprio corpo objeto, que só em um depois investirá no outro. Ao ocupar a posição de ser olhado, o sujeito da pulsão se identifica como objeto frente ao olhar do Outro que o observa. Segundo Quinet “como todos os tempos da pulsão estão presentes, a pulsão escópica permanece sempre presa ao narcisismo que não desvincula do exibicionismo fálico.” (Quinet, 2004, p.76). Ou seja, ver (*voyeurismo*) e ser visto (exibicionismo) como constituição e estruturação da pulsão manifestam-se simultaneamente. O segundo momento, na fase *voyeur*, dá-se a partir da introdução de um objeto estranho, estranho ao sujeito. No terceiro tempo exibicionista há a introdução do outro, de uma pessoa. No final dos três tempos, o sujeito desaparece, é reduzido ao objeto olhado. “Isto mostra a estrutura paradigmática da pulsão, pois revela que a pulsão é acéfala: não há mais sujeito, somente o objeto brilha em satisfação, o gozo escópico, a *Schaulust*.” (Quinet, 2004, p.76).

A argumentação freudiana a respeito da pulsão escópica já nos apresenta elementos importantes para a nossa construção, que aspira entender como este jogo se dá no ambiente de rede, na internet. É possível identificarmos com base em suas elaborações e sem nos preocuparmos em sermos rigorosos, que o modo como se articulam os laços que se estabelecem em ambiente virtual, antes de tudo, estão capturados pela sedução da pulsão escópica, a *Schautrieb*. (FERREIRA LEMOS, 2014, p.137).

O aplicativo TikTok repousa sob a dinâmica da pulsão escópica. O jogo “ver” e “ser visto” da qual se transforma em fonte de gozo ao longo da vida do sujeito, é utilizado como captura e aderência de uso, especialmente entre adolescentes. Nesse período da vida onde o narcisismo é reorganizado, a plataforma permite que o jovem se coloque tanto na posição de *voyeur* quanto na de exibicionista. A juventude cria conteúdos para ser vista e consome o dos outros usuários, num ciclo contínuo de visibilidade e reconhecimento. Reconhecimento como resposta ao reajuste do narcisismo formando uma prática em massa como comentado nos capítulos anteriores. Por outra vertente, ao mesmo tempo, a pulsão de ver pode ser acompanhada pela sublimação onde a pulsão escópica pode ser canalizada para criatividade e performance. Os adolescentes podem encontrar na pulsão escópica uma forma de expressar-se no aplicativo TikTok.

Nesse sentido, Lacan (1949) retoma a noção de narcisismo primário freudiano, a amplia e formaliza o conceito do *Estádio do espelho*. Concepção central em seu ensino, especialmente no contexto da teoria sobre a formação do “eu” e o papel da pulsão escópica no processo de identificação. É através do olhar que o sujeito se reconhece e se identifica com a imagem idealizada no espelho. No estádio do espelho, o sujeito se aliena de sua realidade fragmentada ao buscar completude na imagem refletida. Lacan define o estádio do espelho como uma identificação, “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1949, p. 97). A pulsão de ver e ser visto fundamenta esse processo, pois o sujeito deseja não apenas se perceber como completo, mas também ser reconhecido pelo outro. Lacan refere-se a esse processo como:

[...] O espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estabilizado por algum suporte humano ou artificial [andador], supera, numa [intensa alegria] os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixa-lo, um aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1949, p. 97).

Trata-se do momento experienciado pela criança, situado entre seis e dezoito meses de idade, no qual se constitui a matriz em que o “eu” se precipita.

Esse desenvolvimento é vivido como uma dialética temporal que projeta decisivamente na história a formação do indivíduo: drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949. p, 100).

O estágio do espelho pode distinguir-se em dois momentos: o primeiro tempo refere-se à imagem despedaçada; o segundo à imagem unificada.

Nesse primeiro tempo, trata-se de uma antiimagem, pois não há, propriamente, constituição de uma imagem visível, de um campo visual em que todas as imagens tenham uma consistência própria e nas quais seria possível distinguir nitidamente os elementos de cada totalidade. (Quinet, 2004. p,128).

No início, o corpo do indivíduo pode ser entendido por despedaçado, sem a formação de uma unidade, pois é fragmentado pelas pulsões parciais. As pulsões parciais autoeróticas convertem para a imagem do corpo do outro ou do espelho e prefiguram a unidade do corpo do indivíduo. É a partir do desejo daquele que se apresenta com olhar especular que irá configurar-se o “eu”.

A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estado de *infans* parecer-nos-á pois manifesta, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial,

antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1949, p. 97).

Quando a criança se vê no espelho, ela experimenta um momento de júbilo, pois não apenas se reconhece, mas também se vê sendo olhada. Esse olhar, no entanto, não é apenas o seu próprio, mas o olhar do Outro, que a constitui enquanto sujeito. A imagem refletida lhe oferece uma unidade corporal antecipada, um domínio que ainda não possui plenamente, mas que já a captura em um jogo de identificação. Como destaca Lacan, essa alegria “se deve ao seu triunfo imaginário por antecipar um grau de coordenação muscular que ainda não alcançou realmente.” (Lacan, 1951, p.11). Nesse instante, a criança se aliena na imagem especular, acreditando que é inteira e unificada, mas essa unidade é apenas uma ilusão imaginária, pois seu corpo ainda carece da coordenação que a imagem sugere. Assim, o estágio do espelho não apenas estrutura o “eu”, mas revela a dependência fundamental do sujeito ao olhar do Outro, que sustenta sua constituição simbólica.

Anterior à linguagem e ao simbólico, se estabelece um “eu” a partir da imagem. Essa operação, frente à insuficiência orgânica do bebê, antecipa e inaugura, pela identificação imaginária com o outro, sua imagem corporal. Abrindo para a dialética entre o “eu” e o social que permite sua constituição subjetiva, mediada pelo olhar desejante do Outro. Assim nesse momento na formação do “eu”, há uma imagem especular da qual antecede as identificações posteriores. Ou seja, inicialmente, é a partir do olhar daquele que ocupa a função desejante e se apresenta como olhar especular que irá configurar-se o “eu”. Dessa forma o “eu” do sujeito se constitui, com base na alienação do olhar desejante do Outro, de uma imagem ideal capaz de captar o olhar de um outro.

Esse momento em que conclui o estágio do espelho inaugura, pela *imago* primordial do semelhante e pelo drama do ciúme primordial [...], a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas. (LACAN, 1949, p. 97).

Essa construção do “eu” que se apresenta como “visível” assemelha-se aos efeitos provocados por curtidas, visualizações e compartilhamentos de vídeos no TikTok. Quando os jovens se apresentam e são notados, experimentam uma sensação de completude imaginária, na qual o sujeito se percebe como objeto de amor do Outro.

O usuário da rede social é capturado pelo campo do visível através das imagens dos outros que continuamente se atualizam e, ao mesmo tempo, o sujeito se coloca – dar-se a ver – para os outros a partir da imagem que alcançou no campo visível do espelho. Este é um sem fim do campo do sentido e, portanto, da idealização, no qual o sujeito tem ideia, por exemplo, de que ali pode se apresentar de acordo com seu ‘eu ideal’, o suporte de onde o sujeito se vê como visto pelo Outro, que se constitui no estádio do espelho. [...] O espelho no qual o sujeito se vê é o Outro e, certamente, são as respostas desse Outro – enquanto ideal do eu, que dão a forma do eu ideal que se pode ver refletida nos ‘perfis’ do ciberespaço. (FERREIRA LEMOS, 2014, p.140).

Os jovens ao seguirem tendências no Tiktok, uma das formas de expressão libidinal da pulsão escópica, aderem a desafios e tendências populares, inserindo-se no ciclo de visibilidade e expectativa de reconhecimento e inserção no grupo. Imitar conteúdos amplamente difundidos coloca o sujeito adolescente na oportunidade de ser visto dentro de um padrão já validado pelo olhar do outro. A resignação a acompanhar às tendências tem função de reafirmar o “eu” idealizado e obter uma resposta de aprovação ou não, já que a “receita” para aumentar as chances de tornar-se e manter-se popular é seguir o que é da ordem do socialmente aceito no mundo digital.

Todavia, no texto intitulado *Nossos Antecedentes*, Lacan (1966) revisita sua formulação sobre o estádio do espelho para, a partir desse conceito, demonstrar como o processo de identificação no espelho antecipa o que ele desenvolverá como alienação ao grande Outro. Isso ocorre porque o sujeito, ao se reconhecer no reflexo, já está inserido na estrutura do desejo do Outro. Além disso, Lacan enfatiza que o sujeito não se reduz à construção imaginária do “eu”, evidenciando e reforçando, naquele momento de seu ensino, que a teoria psicanalítica tem como primado o simbólico na constituição do sujeito. E assim “fornece a regra de partilha entre o simbólico e o imaginário” (Lacan, 1966).

Sucede a nossos alunos enganarem-se em nossos escritos, por encontrarem “já presente” aquilo a que depois nos levou nosso ensino. Não será o bastante que o que ali se encontra não lhe tenha bloqueado o caminho? Que se possa ver no que aqui se desenha numa referência à linguagem, o fruto da única imprudência que nunca nos enganou: a de não fiarmos a nada senão à experiência do sujeito que é matéria única do trabalho analítico. (LACAN, 1966, p. 71).

Nesse contexto, prevalece a discussão para pôr em relevo a primazia do simbólico sobre o imaginário e para marcar sua crítica às abordagens psicológicas do “eu”, especialmente a *ego psychology*, que via o “eu” como algo a ser fortalecido na clínica, enquanto Lacan insiste que a psicanálise deve operar na estrutura do desejo e da falta.

Outra forma de abordar a constituição do “eu” em relação à pulsão escópica é através do esquema do buquê invertido:

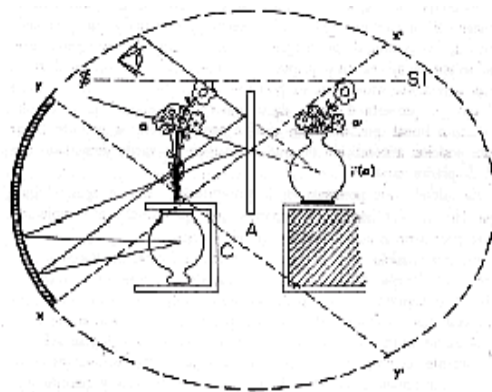


Figura 2 – Esquema do buquê invertido

Percebemos a sequência de ideias de Lacan, sobre a questão da imagem, da qual ganha destaque o texto *Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache* (1960), particularmente quando ele recorre ao exemplo do buquê invertido de Bouasse para demonstrar a relação entre o “eu” e o “outro”. Este esquema é utilizado para ilustrar

como o “eu” se forma a partir de imagem que, embora não sejam reais, criam uma “ilusão de realidade”. No experimento, uma caixa é colocada em frente ao espelho com um vaso vazio dentro e um buquê sobre a caixa. O espelho reflete o buquê, dando a impressão de que ele está dentro do vaso, criando uma imagem virtual. A posição do olho no experimento é indispensável, pois ele deve estar no lugar certo para ver essa ilusão. De forma equivalente o esquema do buquê invertido representa como o sujeito constroi seu “eu” a partir da imagem refletida no espelho – uma imagem simulação, uma aparência. Lacan, em outro momento, na lição¹² *Os Dois Narcisismo*, no Seminário I – *Os Escritos técnicos de Freud*, comenta o esquema: “O que é que vou ver no espelho? Primeiramente, minha própria cara, lá onde não está. Em segundo lugar, num ponto simétrico ao ponto em que está a imagem real, vou ver aparecer essa imagem real como imagem virtual” (Lacan, 1953, p168). Isso remete a experiência humana em que o “eu” se vê e se concebe a partir de algo externo a si, como o outro.

Freud nos apresenta o “olhar” como fonte de satisfação, Lacan ao relê-lo, avança no seu ensino, desenvolvendo o conceito de pulsão escópica de forma mais abrangente. Desenvolve a ideia de como o olhar opera não apenas como satisfação e constituição do “eu”, mas como objeto causa de desejo, objeto *a*. No Seminário 10- *A angústia* (1962/1963), Lacan indica o olhar como objeto, é também neste momento em que anuncia sua formulação original de objeto *a* – como objeto dos objetos, associando sua função a causa de desejo e por consequência, causa de angústia.

O objeto *a* causa o desejo, causa a angústia. Ele se encontra como mais-de-gozar no sonho, no sintoma e no lapso; o olhar é o objeto em causa na vergonha, na inveja, e no ciúme. O olhar se encontra no prazer escópico da pintura, da paisagem, da fotografia, do cinema e evidentemente dos belos corpos. (QUINET, 2002, p. 43).

De acordo com Ferreira Lemos “[...] objeto *a* enquanto o que resta da ordem significante, que permanece sempre perdido, ao mesmo tempo em que afeta o sujeito como algo que é parte de si” (Lemos, 2014, p. 138). Seguindo:

¹² Lacan proferia seus seminários oralmente e sem nomear as lições. A organização e titulação das lições ficaram a cargo de Jacques-Alain Miller, que estruturou o material para publicação.

É essa parte de nós que é aprisionada na máquina e fica irrecuperável para sempre. Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função de causa. (LACAN, 1962/1963, p.237).

O objeto a é o que resta e sobrevive após a divisão provocada pelo corte simbólico lingüístico no campo do Outro, um representante vivo que resiste a castração. É o objeto perdido que causa desejo, como cepo de onde ainda jorra vida. Ainda, no Seminário 10- *A angústia* (1962), Lacan ao desenvolver o conceito de objeto a , revista o esquema do buquê invertido, salientando o ponto nodal que a imagem tem na construção imaginária do sujeito. Localiza, no esquema, o objeto a , descrevendo-o como resto que devido a castração, não pode ser especularizado. Como podemos observar, Lacan, utiliza o esquema do buquê invertido para elaborar o conceito de objeto a , tratando-se aqui do objeto olhar, que fura exatamente a consistência da imagem.

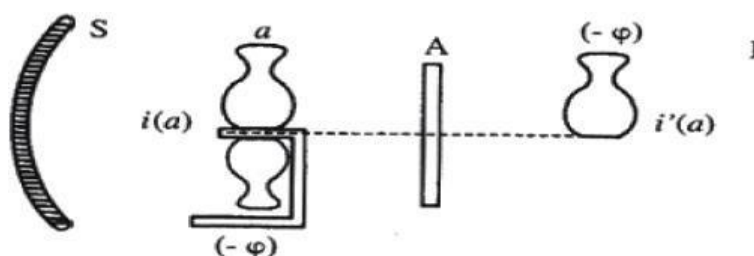


Figura 3 – Esquema simplificado do buquê invertido

No esquema simplificado acima, temos: o conceito de $i(a)$ que representa a imagem real ou imagem do corpo funcionando na materialidade libidinizada; $(-\phi)$ o falo como menos, como lacuna, promovendo a falta na imagem do corpo; (A) apresenta-se como espelho do Outro como olhar de autenticação da imagem narcísica. O acesso a própria imagem passa pela imagem real, bem como pelo espelho do Outro, que aí então refletirá no espelho plano a imagem virtual de $i(a)$. Quanto ao objeto a , não aparece visível na imagem virtual. Segundo Ferreira Lemos é justamente aí que se localiza o equívoco do especular, pois a não está remetido à forma e, portanto, a relação especular

não é uma relação, é uma forma. O especular se refere à uma forma libidinizada (Ferreira Lemos, 2014, p. 154).

Em tudo o que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em *i(a)*, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também cercado e, para dizer a palavra exata, cortado da imagem especular. (LACAN, 1962/1963, p. 49).

Queremos destacar a relação do objeto *a*, enquanto objeto olhar, conforme representado no esquema simplificado do buquê invertido. Neste esquema, o objeto *a* é configurado como uma falta que se manifesta no campo visual, uma falha ou ausência no nível da imagem especular, onde o sujeito se depara com algo que nunca pode ser completamente capturado ou alcançado. “O *a*, oculto na imagem virtual, é ‘suporte de desejo da fantasia’ e, por isso mesmo, não é da ordem do visível.” (Ferreira Lemos, 2014, p. 146).

No Seminário 11: *os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1963/1964), Lacan retorna a questão do olhar como objeto *a* articulada a função do olho e do olhar, a partir do diálogo com as elaborações de Maurice Merleau-Ponty em *O Visível e o Invisível* (1964). Onde “o olho e o olhar, esta é para nós a esquizo na qual se manifesta a pulsão no nível escópico” (Lacan, 1963/1964, p.74). Conforme Merleau-Ponty (1964):

Quando digo que todo visível comporta um invisível, não estou me referindo ao visível no sentido da figura ou da forma objetiva. Mesmo naquilo que possui um aspecto figurativo, o visível não é um qualquer objetivo, um "em-si" sobrevoado, mas algo que se desliza sob o olhar ou é varrido por ele. O visível nasce em silêncio: quando o olhar surge de frente, vem a partir do horizonte; quando entra em cena lateralmente, é "sem ruído" – no mesmo sentido em que Nietzsche afirma que as grandes ideias nascem sem ruído.

Portanto, se entendermos o visível como um dado puramente objetivo, ele não é visível nesse sentido, mas Unverborgen (não oculto). Quando digo que todo visível é também invisível, que a percepção contém em si uma impercepção, que a consciência tem um "ponto cego", não quero dizer que ver é apenas ver menos do que se vê, mas sim que ver é sempre ver mais do que se vê.

É essencial não compreender essa afirmação como uma contradição. Não se trata de imaginar que ao lado do visível perfeitamente definido haja um não-visível que seria apenas ausência objetiva – uma presença objetiva alhures, num "alhures em si". O que importa é compreender que a visibilidade mesma comporta a não-visibilidade.

Na medida em que vejo, aquilo que vejo contém, em si, algo que escapa – uma pessoa familiar, por exemplo, nunca é inteiramente definida. Isso não significa que lá não haja nada, mas que o campo perceptivo de que se trata é um raio do mundo tacitamente assumido. (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 223).

O olhar sendo aquilo que desliza, escorrega e transmite diante das figuras de representação, estabelece função de mancha. Mancha enquanto aquilo que comanda o campo escópico e que, ao mesmo tempo desliza e escapa à captura, ou seja, sempre há algo elidido. “Percebemos então que a função da mancha e do olhar é ali ao mesmo tempo o que comanda mais secretamente e o que escapa sempre à apreensão dessa forma da visão que satisfaz consigo mesma imaginando-se como consciência.” (Lacan, 1963/1964). Esse fato aponta o mundo como *onivoyeur*, ou seja, trata-se de reconhecer que se é observado, mesmo sem que esse olhar se revele explicitamente. Todavia, esse aspecto não o torna exibicionista, no sentido de buscar intencionalmente o olhar do outro, pelo contrário, ao se posicionar desta forma, gera-se um sentimento de estranheza. Dessa forma, se o mundo passa a ser exibicionista, ele mostra alguma Outra coisa, que vem se não do Outro, que está fora da imagem do espelho. Assim podemos estender a compreensão que alguma coisa mancha a imagem do espelho, quebra e evidencia a falta constitutiva do sujeito, da qual justifica essa estranheza. A posição do sujeito é a de ser aquele que não vê, como nos mostra Lacan (1963/1964) a partir do sonho:

O sujeito não vê onde isso vai dar, ele segue, ele pode até mesmo oportunamente se destacar, dizer para si mesmo que é um sonho, mas não

poderia em nenhum caso se apreender dentro do sonho à maneira como, no cogito cartesiano, ele se apreende como pensamento. (LACAN, 1963/1964, p.76).

No campo do olhar, aquilo que se mantém oculto é o que antecede a própria imagem, o que está encoberto e, ao mesmo tempo provoca o sujeito. O sujeito não é visto por meio da imagem, mas sim através daquilo que se impõe como uma mancha no mundo. Lacan aponta essa distinção com o exemplo da lata de sardinhas flutuando sobre as ondas durante uma pescaria. A lata, embora não tenha olhos para ver, exerce a função de olhar. Ela se torna um elemento estranho que se impõe à cena e revela algo a mais: o objeto *a* dentro do campo escópico. Aqui ocorre uma inversão - o sujeito, que normalmente se percebe como aquele que vê, se descobre na posição de quem é visto. Ma mancha, nesse sentido, encarna o olhar, desequilibrando a lógica narcísica do mundo visível e expondo aquilo que a imagem costumava encobrir. Essa manifestação do olhar rompe a aparente harmonia do universo especular, fazendo que o espelho perca sua função de véu. O olhar, ao invés de confirmar a identidade do sujeito dentro de uma estrutura de reconhecimento, irrompe como um elemento de estranhamento, desorganizando suas identificações e referências simbólicas. Nesse processo, o lugar que antes era sentido como familiar, se transforma em algo inquietante, desvelando um real que estava encoberto.

Diante disso, podemos nos questionar se, no aplicativo TikTok, o olhar pode operar como um ponto a partir do qual o objeto visualiza o sujeito ou se a plataforma apenas vela essa dinâmica. Como destacamos, o querer ser visto mascara a angústia da castração, e o TikTok pode ser compreendido como um dispositivo que reforça essa fantasia ao oferecer um gozo escópico. No discurso do capitalista, o saber é reduzido ao gozo, e os objetos (*gadgets*) funcionam como substitutos do objeto *a*, promovendo uma oferta incessante de satisfação ilusória. Esse excesso de imagens, no movimento contínuo da rolagem de tela, reforça a relação especular e alienante do sujeito com o Outro, ocultando a perda de gozo inerente à cultura e perpetuando a lógica da captura pelo olhar.

Nessa perspectiva, ao que tange as lições *Anamorfose e A linha e a Luz*, neste mesmo seminário, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, analisando a luz do

que Lacan (1963/1964) desenvolve sobre a estrutura escópica, o aplicativo TikTok tornou-se uma plataforma de entretenimento a partir da sua função como dispositivo de captura do olhar dentro da lógica do discurso capitalista. Embora o usuário do aplicativo acredite estar no controle de sua experiência visual, escolhendo o que vê e o que posta, na realidade, ele está submetido a um campo de visibilidade estruturado pelo Outro, seja pelo algoritmo, pelos espectadores ou pelo próprio funcionamento da plataforma. Se Lacan nos ensina que o olhar não pertence ao sujeito, mas ao Outro, o TikTok radicaliza essa lógica, transformando o campo escópico em um imperativo ver e dar-se a ver condicionando o gozo ao reconhecimento fugaz do olhar anônimo da audiência.

A relação entre TikTok e anamorfose é evidente quando consideramos a lógica do *scroll* infinito¹³. Na lição *Anamorfose*, Lacan (1963/1964) se vale da pintura *Os Embaixadores* de Hans Holbein para mostrar como a visão é sempre furada e dependente de um ponto de vista. Na pintura, uma mancha disforme, vista de frente, se revela como uma caveira quando olhada sob um ângulo específico. Podemos depreender dessa metáfora como o olhar nunca captura o real em sua totalidade e está sempre deslocado. O TikTok reproduz essa experiência ao estruturar um campo escópico onde o sujeito nunca vê tudo e, ao mesmo tempo, é visto de uma posição onde ele próprio não controla. O que o usuário busca – um momento de satisfação plena, uma imagem definitiva de si – está sempre escorregando, deslocando-se, repetindo-se em novas imagens. O *feed* infinito do TikTok prende o usuário em um estado de antecipação constante, sem nunca satisfazer completamente seu desejo. Como na anamorfose, aquilo que se busca ver nunca se revela plenamente, pois o que move o sujeito não é o que ele vê, mas sim o desejo de continuar olhando. Diante dessa hesitação, Lacan (1963/1964) aponta:

Na relação escópica, o objeto de que se depende a fantasia à qual o sujeito está apenso numa vacilação essencial, é o olhar. Seu privilégio – e também o porquê de o sujeito durante tanto tempo ter podido desconhecer-se como estando nessa dependência – se atém à sua estrutura mesma. (LACAN, 1963/1964, p. 103).

¹³ O *scroll* infinito é um mecanismo de design digital que permite a rolagem contínua de conteúdo sem a necessidade de carregar novas páginas ou clicar em botões. Esse sistema é amplamente utilizado em plataformas como TikTok, onde novos posts, vídeos ou atualizações aparecem automaticamente conforme o usuário desliza a tela.

Na relação escópica, o sujeito acredita dominar o olhar, mas, na verdade, está estruturado por ele, sendo seu desejo sustentado pela falta e pela fantasia de capturar a dimensão do olhar que sempre lhe escapa. Esse insere na lógica do discurso capitalista, onde a falta é foracluída, recalçada de tal forma que parece não existir. No TikTok, não há falta, apenas um excesso de imagens que tentam cobrir a angústia. No entanto, como Lacan nos ensina, quanto mais tentamos tamponar a falta, mais a angústia retorna, agora sob a forma de compulsão, alienação, ansiedade e dependência da tela.

Todavia esse mecanismo “podemos percebê-lo, esse privilégio do olhar na função do desejo, deixando-nos correr, se assim posso dizer, ao longo das veias por onde o domínio da visão foi integrado ao campo do desejo.” (Lacan, 1963/1964, p. 87). É o que Lacan vai nos levar a compreender através da representação artística, a ver como o sujeito apreende ao olhar, o desejo do Outro e apreende-se nesse desejo.

A visão se ordena de um modo que podemos chamar, em geral, a função das imagens. Esta função se define por uma correspondência ponto a ponto de duas unidades no espaço. Quaisquer que sejam os intermediários óticos para estabelecer sua relação, quer uma imagem seja virtual, quer seja real, a correspondência ponto a ponto é essencial. Tudo que é do modo da imagem no campo da visão é portanto redutível a este esquema tão simples que permite estabelecer a anamorfose, quer dizer, à relação a uma imagem enquanto que ligada a uma superfície, com um certo ponto que chamaremos ponto geometral. Pode chamar-se imagem o que quer que seja que for determinado por este método – no qual a linha reta representa o seu papel que é de ser o trajeto da luz. (LACAN, 1963/1964, p. 88).

A visão se organiza por uma estrutura espacial onde a imagem é determinada por um ponto geometral, revelando que a percepção não é neutra, mas atrelada pela posição do olhar dentro de um esquema ótico e simbólico. Lacan chama nossa atenção para a pintura *Os Embaixadores* de Hans Holbein, em especial para essa imagem estranha que paira inclinada à frente dos dois personagens do quadro. Somente ao se afastar da pintura é possível perceber sua forma anamórfica – o crânio de caveira. Assim a visão não se

limita ao que é imediatamente captado pelo olhar, mas nos conduz a algo de simbólico, relacionado à função da falta e à aparição do fantasma fálico.

Dessa forma, a anamorfose exemplifica a estrutura do desejo: ele sempre se organiza em torno de um ponto de falta, de um objeto que não pode ser diretamente apreendido. Esse objeto não é simplesmente algo ausente, mas algo que insiste em aparecer de forma distorcida e evanescente, como a caveira na pintura. “Veremos esboçar-se, a partir dela, não o símbolo fálico, o fantasma anamórfico, mas o olhar como tal, em sua função pulsátil, explosiva e estendida, como ela o é nesse quadro” (Lacan, 1963/1964, p.91). Essa representação artística sublimatória, assim como o desejo, não oferece uma verdade direta, mas joga com a ilusão do olhar, revelando que o sujeito está sempre dividido entre o que pode ver e o que inevitavelmente lhe escapa. No fundo, toda experiência visual é estruturada como uma anamorfose: aquilo que procuramos está sempre além, deslocado, exigindo que mudemos de posição para vislumbrá-lo – mas nunca o possuir inteiramente.

A relação entre anamorfose e sublimação em Lacan se dá pelo modo como ambas operam em torno da falta e do deslocamento do objeto do desejo. Na anamorfose, o objeto não está simplesmente ausente, mas se apresenta de forma distorcida, exigindo um movimento do olhar para ser percebido, assim como na sublimação, que não preenche a falta, mas a circunscreve e lhe dá um novo sentido. Esse processo reflete a dinâmica do desejo, onde o objeto nunca é completamente acessível, mas pode ser elevado à dignidade da Coisa (*das Ding*). A sublimação, assim como a expressão anamórfica, não elimina a falta, mas a transforma em um jogo de percepção deslocando o desejo para novas formas simbólicas de expressão.

Na lição *A Linha e a Luz*, Lacan (1963/1964) mostra que a linha estrutura o visível, mas é a luz que cega. O TikTok exemplifica essa dialética ao ofertar um campo visual organizado por filtros, coreografias e tendências, moldando a imagem que o sujeito tem de si e estruturando sua presença no mundo digital. No entanto, é a luz do olhar do Outro que define sua existência: um vídeo só “existe” se for visto, curtido e compartilhado, ou seja, o vídeo somente tem existência se viralizar. Sem esse olhar, o sujeito se apaga. Isso cria um paradoxo essencial: quanto mais o sujeito busca se fazer ver, mais ele se torna

refém de um olhar que não controla. Ele se coloca na luz para ser visto, e o ao mesmo tempo é tragado pela engenharia escópica da rede.

Todavia na lição seguinte, intitulada *O que é um quadro?* Lacan (1963/1964) evidencia o fato de o olhar estar atrelado a constituição do desejo, pois este só se é possível ao se deparar com a falta do Outro. Ao olhar, o sujeito capta o desejo do Outro e, ao mesmo tempo, se inscreve nesse desejo, tornando-se parte dele. Nas palavras de Lacan (1963/1964):

Para começar, preciso insistir nisto - no campo escópico, o olhar está do lado de fora, sou olhado, quer dizer, sou quadro.

É aí que está a função que se encontra no mais íntimo da instituição do sujeito no visível. O que me determina fundamentalmente no visível é o olhar que está do lado de fora. É pelo olhar que entro na luz, e é do olhar que recebo seu efeito. Donde se tira que o olhar é o instrumento pelo qual a luz se encarna, e pelo qual – se vocês me permitem servir-me de um termo, como faço frequentemente, decompondo-o – sou *foto-grafado*. (LACAN, 1963/1964, p.107).

O desejo, a partir do desejo do Outro, fotografa o sujeito, dando-lhe um lugar. No que tange ao uso que os adolescentes fazem do TikTok para dar lugar ao mal-estar do período púbere, o desejo, a partir do olhar, impulsiona os jovens a se expressarem e a subjetivarem-se diante do olhar do Outro. Assim, a adolescência se torna um espaço de experimentação e transformação, no qual o sujeito encontra maneiras inéditas de se posicionar no mundo, sendo o aplicativo um lugar para tal. De acordo com Lacan (1963/1964):

Vemos então aqui que o olhar opera numa certa queda, queda de desejo, sem dúvida, mas, como dizer? O sujeito não está aí de modo algum, ele é teleguiado. Modificando a fórmula que é a que eu dou para o desejo enquanto inconsciente – *o desejo do homem é o desejo do outro* – direi que é de uma espécie de desejo ao Outro que se trata, na extremidade do qual está o *dar-a-*

ver?”. (LACAN, 1963/1964, p.115).

Frente essa construção entre desejo e angústia quanto a esquite do olhar, no Seminário 16: *De um Outro ao outro* (1968/1969), Lacan explora a relação do objeto *a* articulado ao conceito marxista de mais-valia. Lacan destaca a articulação do objeto *a*, assim como a mais-valia, representa um valor que escapa a contabilização simbólica, tendo função de resto que excede o cálculo do trabalho ou da troca.

O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a*. Desde o momento em que o mercado define como mercadoria um objeto qualquer do trabalho humano, esse objeto carrega em si algo da mais-valia. Assim, o mais-de-gozar é aquilo que permite isolar a função do objeto *a*. (LACAN, 1968/1969. p, 19).

O objeto *a* é um mais-de-gozar, é um gozo que se excede, jamais plenamente alcançado pelo sujeito, mas que também não pertence ao Outro, criando cortina de fumaça de que o Outro possui algo de valor inestimável, quando, na verdade, também lhe falta esse gozo. Lacan relaciona esse conceito ao objeto olhar, que, como objeto *a*, funciona como um brilho que causa desejo no sujeito, mas que também traz a dimensão angustiante da castração e da perda de gozo, destacando a dualidade entre o desejo e a angústia. Nas palavras de Loures “o que olhamos também nos olha [...], pois o expectador, remetido aos seus desejos mais íntimos, tem sua intimidade violada. Afinal, como nos diz Freud (1905), no campo da sexualidade, o mais sublime e o mais nefando estão em íntima dependência. (Loures, 2022, p. 136). Complementa Quinet (2022):

No tocante ao olhar como objeto *a* esse olhar é por um lado um objeto perdido do Outro e repentinamente reencontrado como agalma, que causa o desejo pois vem como um a-mais dos objetos, um mais-de-olhar, com seu brilho de maravilhamento que faz do sujeito um puro efeito de desejo. Por outro lado, a outra vertente do objeto *a* é aquela que traz o gozo como fundamentalmente mau em sua face mortífera, para além do princípio do prazer: gozo conotando

a angústia de castração [...] Se o objeto é causa, seu efeito é o sujeito do desejo. Esse sujeito é, para a psicanálise, efeito da linguagem e causado pelo objeto a. (QUINET, 2002, p.64).

Argumentamos que a captura do sujeito frente ao aplicativo TikTok reflete elementos de sua estrutura psíquica, especialmente no aspecto escópico. Com foco no TikTok, mobilizado pela pulsão escópica, a relação entre "ver" e "ser visto" no aplicativo, a partir da construção freudiana sobre o olhar, ganha status de satisfação através da erotização da pulsão escópica. Os jovens são capturados pelo olhar, através da satisfação escópica que dialoga diretamente com a estrutura gozante do sujeito na sociedade escópica. Esta inclui a constituição do "eu", representada no Estádio do Espelho, bem como no Esquema do Buquê Invertido, com a qual, em sua representação simplificada, reflete a incompletude estrutural do objeto *a*, enquanto objeto olhar causa desejo e angústia, desembocando na articulação do conceito de mais-de-gozar, como valor que escapa ao cálculo. Sentimo-nos autorizados a levantar a questão: qual é a estrutura do adolescer, sobre a qual repousa a sociedade escópica? A ver!

3. Adolescer em tempos de TikTok

A adolescência e suas consequências são motivo de interesse para a psicanálise, desde Freud e Lacan até os psicanalistas contemporâneos, há um constante esforço para explorar as complexidades dessa fase. Propomos uma reflexão sobre a adolescência à luz da psicanálise, considerando os atravessamentos contemporâneos que reorganizam a experiência subjetiva da sexualidade, do corpo, do desejo e do olhar. Exploramos como a lógica escópica no TikTok impacta o processo de constituição subjetiva e de que maneira o adolescente pode, por meio da sublimação e do saber-fazer, encontrar vias de invenção que sustentem sua singularidade. Como nos aponta Lacan (1959/1960):

Os Ichziele sac preexistentes, há sublimação quando a energia libidinal é reanimada, reatualizada, pela fase pubertária na qual entra a criança. Uma parte de energia é transferida das metas de prazer às metas ichgerechte, conformes ao eu. E embora a distinção freudiana seja mantida entre *Verdrängung* e *Sublimierung*, é no entanto somente no momento em que a *Verdrängung* aparece que a *Sublimierung* é apreensível. (LACAN, 1959/1960, p. 189).

Enquanto construção histórica e subjetiva, a adolescência, representa um tempo de travessia marcado pela reconfiguração do laço do sujeito com o Outro, pelo confronto com o real da puberdade e pela reelaboração das identificações infantis. O campo psicanalítico, desde Freud, reconhece esse período como um momento de retorno das questões fundamentais da constituição psíquica, agora ressignificadas no encontro do sujeito com o desejo, a castração e a impossibilidade estrutural da relação sexual. Ao situar a adolescência como um ponto nodal na dialética entre alienação e separação, se destaca a necessidade de construção de um saber-fazer (*savoir-faire*) que permita ao sujeito sustentar-se frente ao mal-estar decorrente da reorganização pulsional e das exigências da cultura.

O corpo, na adolescência, adquire um estatuto singular, pois não se reduz somente a concepção biológica ou anatômica, mas é atravessado pela linguagem, pela sexualidade, pelo olhar do Outro e pelo desejo. O sujeito, ao se defrontar com a transformação pubertária, busca estabilizar uma imagem de si, ancorada na dialética especular do Estádio do Espelho, mas depara-se com a inconsistência desse contorno e com a

fragmentação inerente ao corpo falante. Assim, o corpo adolescente não é apenas um corpo em mutação, mas um corpo atravessado pelo significante, que resiste à captura imaginária e exige novas formas de elaboração subjetiva.

Diante da cultura escópica contemporânea, o adolescente encontra-se imerso em um campo onde a imagem assume um estatuto privilegiado, promovendo identificações massivas e reorganizando as modalidades do laço social. O TikTok, como plataforma do consumo exibicionista e *voyeurista*, radicaliza a relação do sujeito com o campo do olhar, instaurando um circuito onde a pulsão escópica se articula a uma lógica de consumo.

Assim, o adolescente, ao se confrontar com essa impossibilidade, é convocado a inventar soluções singulares que permitam a travessia da puberdade sem sucumbir à alienação total ao campo do Outro.

Propomos uma reflexão sobre a adolescência à luz da psicanálise, considerando os atravessamentos contemporâneos que reorganizam a experiência subjetiva da sexualidade, do corpo, do desejo e do olhar. Exploramos como a lógica escópica no TikTok impacta o processo de constituição subjetiva e de que maneira o adolescente pode, por meio da sublimação e do saber-fazer, encontrar vias de invenção que sustentem sua singularidade.

3.1 – Adolescência: travessia subjetiva

A adolescência, enquanto conceito, não é universal ou atemporal, mas uma construção histórica que emergiu especialmente no século XIX, em um contexto de intensas transformações sociais, culturais e econômicas. Esse período de adolecer, marcado pela Revolução Industrial, trouxe novas configurações nas relações de trabalho e produção, e pela ascensão do discurso capitalista, que reforçou a ideia de um indivíduo autônomo e responsável por moldar seu próprio destino. Nesse cenário, a adolescência passou a ser vista como uma etapa de transição, caracterizada pelo rompimento com as identificações da infância e pela busca de um lugar no laço social, refletindo as tensões

entre as demandas culturais e os desafios subjetivos dessa fase da vida.

O interesse da psicanálise pela adolescência é refletido em sua expressiva produção em torno desse tema. Desde os primeiros anos da práxis psicanalítica, os adolescentes e suas questões já eram discutidos nas reuniões de Freud com seu “grupo das quartas-feiras”. Mesmo que a adolescência não seja um conceito específico da psicanálise, ela é, evidentemente, um de seus grandes temas de interesse clínico e teórico ao longo de toda a história do movimento psicanalítico, incluindo a contemporaneidade.

O surgimento de sintomas entre os jovens contemporâneos, como a presença massiva nas redes sociais, especialmente no TikTok, não pode ser reduzido a uma questão comportamental isolada; ao contrário, indicam a emergência de uma tentativa dos adolescentes de lidarem com o mal-estar na cultura atual, sobretudo, pela via do corpo e da imagem. Este é um momento da vida profundamente marcado por acontecimentos no âmbito do psiquismo, que evidenciam o horizonte de sua época, e nos convidam a refletir sobre a especificidade desse período.

Antes de avançarmos, é essencial estabelecermos as definições estruturais do conceito de adolescência segundo Freud e Lacan, para então podermos abordar o contexto atual. Compreender as formulações freudianas sobre as transformações da puberdade e as contribuições lacanianas sobre a formalização do conceito de adolescência nos permitirá uma análise mais fundamentada das dinâmicas psíquicas que se manifestam nessa fase no mundo contemporâneo.

Nas publicações chamadas *Pré-psicanalíticas* (1886), Freud dedicou-se à delimitação teórica da etiologia da neurose histérica, que se apoia na sexualidade infantil edípica, destacando que ela se torna mais evidente no momento da puberdade. Segundo Freud, "a juventude, dos quinze anos em diante, é o período no qual a neurose histérica, na maioria das vezes, se mostra ativa [...]" (Freud, 1888, p. 88). Nesse sentido, Freud apontou que a sintomatologia da histeria ganha relevo na puberdade, momento em que o corpo e o psiquismo se veem reativado por transformações pulsionais. Como complementa Albert, "o argumento que consiste em situar o início da adolescência como momento da maturação sexual fisiológica se fundamenta no desencadeamento de uma transformação pulsional." (1995, p. 23).

Mais tarde, na puberdade, quando as reações dos órgãos sexuais se desenvolvem num nível desproporcional a seu estado infantil, esse traço psíquico inconsciente é de algum modo despertado. Graças à transformação devida à puberdade, a lembrança exibe um poder que esteve totalmente ausente do próprio evento. A lembrança atua como se ele fosse um evento contemporâneo. O que acontece é, por assim dizer, a ação póstuma de um trauma sexual. (FREUD, 1896, p. 152).

A teoria freudiana sobre a adolescência articula a puberdade como um momento de reencontro com o real do sexo e com as marcas do desejo inconsciente, evidenciando o impacto da impossibilidade de satisfação plena e o papel estruturante da perda do objeto primordial. Podemos inferir que essa explicação sobre a transformação pulsional emergente na puberdade deve-se à sua hipótese de que o sujeito, nesse momento, se confronta novamente com a questão da sexualidade, sendo a primeira vivenciada no complexo de Édipo. A puberdade e o despertar da sexualidade ocupam um papel relevante na teorização, ao potencializar traços das experiências sexuais infantis, reativando conflitos psíquicos anteriores.

Para o psicanalista, o texto *princeps* sobre a adolescência data de 1905; a redação de “Três ensaios sobre a sexualidade” não só se fundamenta a adolescência na puberdade, ou seja, no encontro com o real do sexo, como também considera um trabalho que implica o desligamento dos pais. (ALBERT, 1995, p. 10).

Freud (1905), em seu texto seminal *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, desenvolve a ideia de que o sujeito é estruturado pela impossibilidade de satisfação plena, especialmente em relação ao objeto primordial perdido, como o seio materno. Ele explora a noção de pulsão como uma força constante que busca um objeto perdido, mas que, ao mesmo tempo, é relançada a nunca alcançar satisfação completa, evidenciando a dinâmica de desejo que caracteriza o inconsciente.

No primeiro ensaio, intitulado *As Aberrações Sexuais*, Freud (1905) discute como a distribuição pulsional ocorre, indicando que as pulsões podem ser desviadas de sua meta genital para objetivos substitutivos. Isso implica que o objeto de satisfação original

(primordial) é inacessível e ausente, de modo que as pulsões se vinculam a outros diversos objetos e metas, ressaltando que o desejo nunca alcança uma satisfação completa. Discutimos a relação de objeto com mais detalhes no capítulo - *A sociedade escópica ver e ser visto no aplicativo TikTok*. Todavia, Freud pontua que:

Introduzamos aqui dois termos: chamemos de objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual, e de alvo sexual a ação para qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa. (FREUD, 1905, p. 128).

Em *As transformações da Puberdade*, terceira redação do ensaio, Freud (1905) ao abordar pela primeira vez em específico aspectos relacionados à adolescência, faz uma analogia das transformações da puberdade com a perfuração de um túnel a partir de dois lados. Essa metáfora ilustra a reorganização das pulsões que emergem nesse período, destacando a complexidade das mudanças psíquicas e corporais envolvidas. Nesse processo, as pulsões da infância, adormecidas no período de latência, ressurgem, demandando reorganização genital, somática, psíquica e social. Sintetiza sua perspectiva da puberdade como o "reencontro com o objeto", remetendo ao primeiro objeto de desejo, o seio materno.

Até esse momento, a pulsão sexual era predominantemente auto-erótica; agora encontra o objeto sexual. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independente uma das outras, buscavam um certo tipo de prazer como alvo sexual exclusivo. Agora, porém, surge um novo alvo sexual para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. (FREUD, 1905, p. 196).

Freud (1905) analisa a reorganização das pulsões na puberdade, destacando como o sujeito adolescente revisita a perda dos primeiros objetos de amor da infância enquanto busca novas formas de satisfação. Esse processo evidencia tanto a inexistência de uma

representação precisa do objeto de satisfação pulsional quanto a impossibilidade de retorno ao objeto primordial. Ao longo de sua obra, o objeto perdido emerge como um conceito implícito, à medida que Freud descreve o funcionamento da pulsão, que se desloca continuamente em direção a novos objetos, já que o primeiro objeto de satisfação jamais é plenamente recuperado. A teoria freudiana ilumina a puberdade como um momento de reencontro com o real do sexo e de reativação de traços inconscientes das experiências infantis, revelando tanto a impossibilidade de satisfação plena quanto o impacto estruturante da perda do objeto primordial.

Essa perspectiva encontra ressonância em Lacan, que, no Seminário 4 – *A relação de objeto* (1956/1957), aponta para a bipartição do desenvolvimento da sexualidade humana, estruturada em dois tempos e responsável pela formação de uma “memória latente” do primeiro objeto, encarnado na figura materna e destinado a ser reencontrado posteriormente. Para Lacan, a puberdade se ancora nessa dialética inaugural, já delineada nos *Três Ensaio*s. No Seminário 5 – *As formações do inconsciente* (1957/1958), Lacan propõe três tempos para o complexo de Édipo, destacando a função do “ideal do eu” como solução identificatória. Além disso, aponta que as definições edípicas podem ser contestadas, revisadas e deslocadas na puberdade.

Como referência principal e ulterior sobre adolescência nos servimos do escrito *Prefácio O despertar da primavera* de Lacan (1974), inspirado na peça do dramaturgo alemão Frank Wedekind (1891). Nesse texto Lacan faz uso da peça como apreensão das questões sobre a sexualidade adolescente, abordando a puberdade e a estruturação do desejo. Ele destaca como a peça expõe o encontro do adolescente com o real da sexualidade e a inadequação das respostas parentais e sociais. Assim como Albert (1995) nos pontua detalhadamente:

Com efeito, a peça *O despertar da primavera*, de Wedekind, aponta para os grandes conflitos da adolescência: 1) a sexualidade - enquanto a criança acredita que um dia será papai ou mamãe (que se relacionaram tão bem, a ponto de terem-na produzido), o adolescente descobre a relação sexual como algo impossível: as fantasias sexuais o afastam dela, pois, desde o primeiro encontro com o sexo, o objeto se revela cada vez mais inadequado à completude do Outro; 2) o luto pela perda de um ideal de completude, que é impossível; 3) a tendência a agir,

coroadada com a história da personagem Moritz[...]; 4) a descoberta da contradição entre a ternura e o sexo - o encontro de Wendla com Melchior mostra, de maneira clara, que ali era o sexo o que imperava, não havendo nenhuma manifestação, ao longo de toda a peça, de um sentimento amoroso por parte de um dos dois; 5) o desejo de saber sobre o interdito - o sexo, a morte -, que, na peça, revela-se nas conversas entre as moças, de um lado, e entre os rapazes, do outro, sobretudo as de Melchior e Moritz sobre o Fausto, de Goethe; e 6) a polimorfia perversa da sexualidade, que aparece não só nas fantasias, como também nos atos masturbatórios e na cena sexual entre Melchior e Wendla. (ALBERT, 1995, p.43).

À luz da peça teatral *Despertar da Primavera*, Albert (1995), explora a sexualidade como ponto central na construção subjetiva do adolescente. Usada para exemplificar como a sexualidade, no período da adolescência, emerge de forma traumática e enigmática, confrontando os jovens com a falta estrutural e o vazio estruturante do desejo humano. Nesse sentido a sexualidade é vivida como enigma, revelando a inadequação das respostas familiares e sociais, e desvelando o real da falta e do sem sentido.

Diante de tantas contingências vivenciadas na posição do adolescer, este é interpretado numa posição ambivalente na cultura ocupando duas faces da mesma moeda. Uma face é a promessa de futuro da sociedade; do outro lado, na outra face, é vista como ameaça ao suposto equilíbrio social empreendido através das gerações anteriores. A figura do adolescente assume uma posição paradoxal e subversiva: ele é aquele que revela, mesmo sem o aval da sociedade, o despertar da sexualidade, colocando em questão as normas e condutas estabelecidas. “A adolescência [...] traz consigo a ameaça de um conflito de gerações (Albert, 1995, p. 25). Ao mesmo tempo, é também quem carrega o potencial do futuro, o incerto, aquilo que escapa ao controle e às previsões sociais. O adolescente encarna tanto o desvelamento de uma verdade inconveniente quanto o lugar da expectativa, onde tudo ainda pode ser realizado ou transformado. O adolescente, diante dessa abertura para o real, que se torna alvo do discurso capitalista ao prometer preencher o vazio com objetos de consumo, há, por outro lado, um espaço que possibilita ao adolescente expressar algo de sua singularidade. Essa dupla via, de captura pelo gozo capitalista e de criação subjetiva, nos leva a questionar como o adolescente, em uma

sociedade escópica, em particular no aplicativo TikTok, pode se posicionar entre essas articulações, sabendo que uma não exclui a outra, mas ambas se tensionam.

Ainda recorrendo ao prefácio de Lacan (1974) para a peça *O Despertar da Primavera*, Laguárdia de Lima e Fernandes Kelles (2017) destacam dois tempos lógicos da adolescência: o primeiro tempo faz referência a fantasia, que pode ser ilustrado com a citação de Lacan – “[...] para os meninos adolescentes, fazer amor com as mocinhas, assinalando que eles não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos” (1974, p. 557). Albert complementa: “O Despertar da Primavera é o despertar das fantasias, que, Freud dizia, ficam adormecidas durante a latência e reaparecem na puberdade” (Albert, 1995, p. 58). Nesse tempo, o adolescente imagina simbolicamente o encontro amoroso completo, sustentando a crença em uma possível harmonia ou completude. O segundo tempo refere-se ao trauma, no qual o sujeito se confronta com a “inexistência da relação sexual”, percebendo a impossibilidade de satisfação completa, sendo esse momento marcado pela angústia e pelo encontro com o real do sexo. Nas palavras de Assadi (2015) “[...] angústia protege o trauma, e a conclusão é que a angústia mitiga o trauma, se emparelhando ao desamparo”. Tal concepção é expressa por Lacan ao afirmar: “é notável por ser encarada como tal, isto é, por demonstrar que isso não é satisfatório para todos, chegando a confessar que, se é mal-sucedido, é para todo mundo” (1974, p. 557). Como pontua Albert (2015):

Todas as escolhas sexuais do adolescente partirão de seus encontros com o que foge à pré-concepção sexual da infância, falocêntrica por excelência e, portanto, sempre referida à primazia do falo[...]. Quando as certezas vacilam quanto à pré-concepção da infância, o adolescente se vê obrigado a lidar com o impossível a simbolizar do sexo. Então experimenta fantasias que encenam a sua relação com o real do sexo, identificado na Mulher (com M maiúsculo); independente de esse sujeito ser uma moça ou um rapaz. O impossível a simbolizar é identificado com a Mulher justamente porque o sexo da mulher é um buraco, remetendo o sujeito a seus próprios impossíveis, ao que ele não entende, ao que percebe mas não consegue significar. Tal buraco reenvia todo adolescente, independente de sua cultura, língua, ou mesmo grau de instrução, ao osso do humano: há um ponto de irrepresentável.

Deparar-se com o outro sexo contribui assim com a vacilação gestáltica na adolescência, ele já não reconhece mais seu próprio corpo nem o mundo a sua volta, o sujeito se vê sobrepujado por tantas questões que às vezes até pode duvidar de sua própria capacidade para dar conta de todas elas. (ALBERT, 2015, p. 30).

Albert (2015) no livro intitulado *O adolescente e o Outro* aborda o adolescente em relação a sexualidade, destacando que esse período envolve o encontro com o real do sexo e traz consequências sobre o corpo e imagem. O corpo se torna palco das transformações pulsionais, trazendo à tona questões que afetam tanto a imagem quanto a percepção de si. O corpo passa a ser interpretado de uma nova maneira, tornando-se objeto de desejo e angústia. Essa transformação do corpo e da imagem ganha um novo contorno na era digital, onde o aplicativo TikTok serve como um espaço onde os adolescentes apresentam seu corpo e sua imagem para a validação externa, explorando a pulsão escópica que alterna entre o gozo e a angústia de ser visto. Tal concepção se associa com as ideias de Lacan sobre o corpo como um lugar onde o adolescente tenta sustentar a fantasia de completude, mas ao mesmo tempo, enfrenta o trauma de sua divisão subjetiva. O corpo, nesse período, é alvo de intensas identificações e reelaborações da imagem, refletindo o confronto com o real da sexualidade e a ausência de uma relação sexual plenamente simbólica. A imagem corporal, frequentemente idealizada ou em descompasso, torna-se um terreno de conflitos e descobertas.

Tal ruptura com as identificações infantis e a busca por novas referências coloca a identidade do sujeito adolescente em suspenso, especialmente no campo social, Freud descreve esse processo no texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921). Ao que tange a adolescência, o jovem se vê confrontado com novas identificações e o funcionamento da dinâmica social. Ao se inserir em grupos, o adolescente se identifica com novos ideais e figuras que ocupam o lugar de referência simbólica. Esse momento tem importância estruturante, pois é um condutor de travessia desse período que pode revelar a delicada posição subjetiva do jovem. A identificação na lógica da psicologia das massas, conforme desenvolvida por Freud (1921), opera a partir de um mecanismo fundamental: a inscrição do sujeito adolescente na rede de significante do Outro. O jovem ao se inserir em um grupo, faz laços de identificação com um líder e/ou com membros,

ao ponto de sua singularidade subjetiva poder vir a ser inibida em prol de pertencimento coletivo. Para que esse grupo se torne coeso a identificação ao mesmo ideal é determinante, geralmente encarnado na figura de autoridade ou por um significante central que estrutura o laço social. Conforme nos aponta Freud (1921):

Nas [...] relações com os pais e irmãos, com a amada, o amigo, o professor e o médico, o indivíduo sempre sofre a influência de apenas uma pessoa, ou um número mínimo delas, cada uma das quais adquiriu para ele significação extraordinária. Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo, mas em muitos aspectos elas lhe podem ser estranhas. Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. (FREUD, 1921, p.15).

Freud (1921) desenvolve e estabelece três formas pelas quais o mecanismo de identificação opera. A primeira identificação ocorre na inauguração do laço social com o Outro primordial, geralmente associado a quem ocupa a função materna e paterna. A identificação secundária se constrói ao longo da vida, a partir de referências culturais e sociais estabelecidas pelo sujeito. Por sua vez, a identificação histórica caracteriza-se pela identificação com o desejo do Outro, ou seja, o sujeito deseja ser desejado na posição que o Outro deseja. A identificação histórica ganha destaque, pois os sujeitos não apenas renunciam a sua singularidade para reproduzir os costumes do grupo, mas também desejam ser como o Outro que estrutura o coletivo. O laço social, nesse caso, sustenta-se menos pela diferença e mais pela hegemonia, o que pode ter como consequência a segregação.

Se na perspectiva freudiana, a identificação se sustenta direcionada ao Outro representado pelo líder, enquanto no discurso capitalista contemporâneo a figura do líder divide espaço com imagens representantes da mercadoria. Passa a ocorrer a evanescência da figura de autoridade, o líder perde força de sua atuação, e profusão de figuras e imagens

ganham lugar e capturam o adolescente. A identificação se dá menos pelo mestre e passa a dar também pela lógica de mercadoria através de imagens, onde o sujeito se aliena a repetição dos objetos de consumo e à própria imagem. A incidência do discurso capitalista inverte a posição do sujeito, e através da mercadoria promete a eliminação da falta e incita o circuito do gozo de consumo. Essa dinâmica faz com que a subjetividade do adolescente seja reduzida a uma identidade performática instigado a produzir-se como objeto de gozo para imagem que tem do Outro, operando na lógica escópica da sociedade do espetáculo.

Nesse sentido as redes sociais, em especial o aplicativo TikTok, se torna um campo fértil para a identificação massiva dos jovens por uma imagem de Ideal do Eu, por meio dos influenciadores e tendências. A possibilidade de se fazer ver e ser visto e principalmente pelo jubilo ver sendo visto, reforçando a lógica escópica de identificação e o imperativo da exposição e consumo. Comentaremos essa perspectiva mais aprofundada no capítulo quatro.

Como mencionado, o processo de identificação se estrutura a partir dos vereditos do Outro, ou seja, dos significantes que lhe são dirigidos ao adolescente. Todavia esses significantes muitas vezes, fazem injúria ao sujeito. Como na adolescência a identidade do jovem está em suspenso, por estar fazendo a travessia marcada por um momento de reorganização subjetiva, o sujeito se vê confrontado com uma série de nomeações que lhe são impostas, e que nem sempre coincidem com a sua própria experiência subjetiva. Como salienta Soler (2021):

Para colocar em questão o sentimento de identidade, há também fenômenos menos extremos, que se destacam mesmo da banalidade. É tudo o que se poderia formular de uma expressão divertida: “eu não sou o que vocês pensam que sou”. Dito de outra maneira: todas as experiências com as quais o sujeito se defronta, no protesto barulhento ou silencioso, os vereditos identitários do Outro, todos os seus “tu és”... isto ou aquilo. Esses fenômenos são particularmente agudos no momento da adolescência por razões fundamentais. Eu chamo vereditos do Outro todos os julgamentos de atribuição que ele aplica ao sujeito e cujos significantes “fazem injúria” ao sujeito, dizia Lacan, a um sujeito que se percebe outro que não aquele que as palavras que lhe são lançadas sobre a realidade, mas sem poder dizer qual outro ele é. (SOLER, 2021, p.15).

Como consequência, há um tensionamento entre a o adolescente se posicionar de forma singular e a pressão para declinar a alienação aos moldes da sociedade escópica. Essa discrepância gera angústia e pode levar o jovem a uma tentativa de reivindicar um lugar próprio ao discurso social. Entretanto o sujeito não se reduz ao conjunto de identificações imaginárias e simbólicas que recebe, pois há sempre algo que escapa à nomeação – um resto que resiste à captura dos significantes e que sustenta o desejo. Soler (2021) aponta que:

Se o que a psicanálise chamou de o eu é o conjunto das imagens, imagem do corpo inclusive, e de significantes que identificam o indivíduo social ou socializado, logo se concebe que o que Lacan chama de sujeito é a parte do ser que não é identificada, não identificada por essas imagens e esses significantes. (SOLER, 2021, p.16).

Se a identificação com a massa de imagens mercadológicas tende à alienação, por outro lado, há um resto que resiste à captura total do adolescente por essa lógica. Diante disso, cabe perguntar: há saídas para o jovem nesse cenário virtual? O adolescente pode encontrar brechas para reinscrever seu desejo, transformando a lógica da repetição de consumo em um ato de criação, permitindo se dizer. Esse movimento pode ser interpretado a partir do que a psicanálise propõe como operação sublimatória. Algo da ordem do desejo resiste ao império do gozo imposto pelo discurso capitalista. Dessa forma, a adolescência se revela um momento privilegiado para a irrupção dessa questão identitária, onde o sujeito busca articular, por meio do laço social e dos significantes na cultura, uma posição que lhe seja própria, ainda que marcada pela incerteza e pelo não-saber.

No que se refere ao *Prefácio O Despertar da primavera* (1974) salientamos a seguinte citação de Lacan “trata-se no entanto, de uma experiência ao alcance de todos. Que o pudor designa: privado. Privado de quê? Justamente, de que o púbis só faça passar ao público, onde se exhibe como objeto de uma levantada de véu.” (1974, p. 558). Nesse sentido o adolescente faz a travessia do meio privado para o meio público, ou seja, do

núcleo daqueles que ocupam função materna e paterna para o meio social. Albert (1995) discorre sobre o desligamento dos pais ser um processo crucial no tempo adolecer. Como parte do processo de subjetivação do adolescente este vai se distanciando gradativamente da autoridade parental na busca pela própria identidade e uma nova relação com o desejo. Onde muitas vezes colocando em questão as referências parentais que sustentavam sua infância.

O adolescente é esse sujeito que escolhe sustentado na alienação ao Outro mas inscrevendo, na relação com o Outro, a vertente da separação. O trabalho da adolescência se inscreve na elaboração desse binômio: alienação e separação. Atravessá-la é também suportar o fato humano de que somos todos alienados e, ao mesmo tempo, poder tirar conseqüências absolutamente singulares dessa mesma alienação — e se servir dela! (ALBERT, 1995, p. 65).

Essa postura questionadora está associada à precipitação de reconfigura-se frente ao próprio desejo e identidade no contexto em que as figuras de identidade sejam pais, professores ou instituições – representam um saber que o adolescente vê como insuficiente, faltoso ou opressor. Ao desvelar as falhas e limites das gerações anteriores, o adolescente busca afirmar sua singularidade e construir um novo laço social. O adolescente atravessa esse processo ao suportar o fato humano de que todos somos alienados ao Outro, mas ao mesmo tempo, deve tirar conseqüências singulares dessa alienação, servindo-se dela, separar-se, para reconfigurar sua própria posição no laço social. Em outras palavras, a causação do sujeito na operação de alienação e separação, tal como estabelecida por Lacan (1963/1964), indica que a separação corresponde a um retorno da alienação. Tal operação ocorre porque a relação entre sujeito e Outro é assimétrica, circular e não recíproca.

[...] Lacan para especificar as operações de alienação e separação que expressam a causação do sujeito, é em última instância a análise das funções lógicas possíveis do conectivo “ou-ou”. Ora, o “ou” inclusivo (alienação), exclusivo (separação) e o “ou” da escolha forçada (um tipo

especial de alienação), não podem ser apreendidos fora de um processo interpretativo [...]. (DUNKER; ASSADI, 2004).

A adolescência pode ser pensada como um momento lógico na estruturação subjetiva em que os processos de alienação e separação, tal como formulados por Lacan (1963/1964) em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: o seminário*, livro 11, são reatualizados com uma intensidade singular. Esses dois tempos estruturam a entrada do sujeito na linguagem e da cultura, sendo essenciais para compreender a relação do adolescente como Outro e o próprio desejo. Na adolescência esse processo se torna particularmente relevante, pois é o momento em que a subjetividade é convocada a se reinscrever a partir das identificações infantil e elaboração singular diante do desejo do Outro.

É importante salientar que o termo infantil tem origem no latim *infantilis*, derivado de *infans*, que significa literalmente “aquele que não fala”. Ou seja, a criança, enquanto ainda sem fala própria, é falada pelos que ocupam o lugar do Outro. Sua constituição subjetiva exige, nesse sentido, uma alienação às palavras do Outro — essas palavras já dadas, acostumadas, que a antecedem. É apenas a partir desse processo que a criança pode emergir como sujeito. No momento lógico da separação, próprio da adolescência, ocorre o descolamento dessas significações impingidas: o jovem se separa do que lhe foi dito para, então, encontrar um modo próprio de se dizer — ou, em melhores circunstâncias, de bem-dizer aquilo que lhe escapa.

Segundo Bulcão Nascimento (2010) a alienação corresponde ao primeiro momento da constituição subjetiva ao passo quando o sujeito se insere na linguagem, ou seja, para que o sujeito possa existir ele deve se inscrever no campo da linguagem e dos significantes preexistentes a ele. Essa captura pelo simbólico se dá pelo binômio S1-S2, onde S1 representa um significante primordial que marca a entrada do sujeito na linguagem, e S2 remete à sequência significante que dá sentido retroativamente ao primeiro. O sujeito é, assim, determinado pelo campo do Outro e submetido às regras do discurso e da cultura.

Temos aqui o par mínimo da cadeia significante: S1-S2. S1 como o substituto do grito, primeiro significante do sujeito; S2 como o significante da resposta, o significante que faz do grito mesmo um significante³. Ora, dizer que é S2 que transforma, num a posteriori, o grito em um significante, equivale a dizer que é S2 que inaugura a função propriamente de significação da linguagem. Em outros termos, não é senão após ter tido lugar a resposta do Outro que podemos realmente afirmar que houve algo como uma mensagem, um apelo. S2 é, portanto, o vetor semântico, já que é ele que dá, retroativamente, sentido a S1. A dimensão do sentido está assim na articulação de S1-S2. Desta forma, não é somente o fato de tomar S1 como representante, mas sobretudo o fato de articulá-lo a S2 o que produz sentido e, em consequência, alienação. O processo de alienação consiste precisamente em que o sujeito se faça representar por um significante para outros significantes. A chave está na preposição para preposição que indica o assujeitamento às leis do Outro. (BULCÃO NASCIMENTO, 2010).

Essa captura pelo significante implica uma perda estrutural, ou seja, para se inscrever no campo da linguagem, resta uma cota pulsional que não foi possível de significar. Isso tem por consequência que toda nomeação é acompanhada de um resto irreduzível, um ponto de opacidade que retorna. Na adolescência, essa tensão se expressa, por exemplo, no questionamento da identidade ("quem sou eu?"), no confronto com a autoridade do Outro e na busca por novas formas de inscrição subjetiva.

A separação é o encontro com a falta e a emergência do desejo. Nesse tempo lógico o sujeito desvela a falta do Outro, e frente essa falta, pode se posicionar de forma mais singular diante do próprio desejo. Se na alienação o sujeito está completamente submetido ao Outro, na separação ele descobre que o Outro é furado, que há uma falta fundamental. Esse momento é crucial na adolescência, pois é quando o sujeito se depara com a inconsistência do Outro parental e institucional, percebendo que as figuras de autoridade não possuem todas as respostas. Essa operação pode ser representada quando ocorre na relação S1-S2, permitindo ao sujeito um encontro com *a*, o objeto causa do desejo. Esse objeto *a* é aquilo que escapa à captura significante, aquilo que resiste à simbolização e que, ao mesmo tempo, estrutura a economia libidinal do sujeito. Assim como pontua Lacan (1963/1964):

Uma falta, é pelo sujeito, encontrado no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança, o seguinte, que é radicalmente destacável - ele *me diz isso, mas o que é que ele quer?*

Nesse intervalo cortando os significantes, que faz parte da estrutura mesma do significante, está a morada do que, em outros registros de meu desenvolvimento chamei de metonímia. É de lá que se inclina, é de lá que desliza, é de lá que foge como furão, o que chamamos desejo. (LACAN, 1963/1964, p. 209).

Na adolescência, esse processo pode ser observado na forma como o jovem lida com a exigência de construir um lugar próprio, distinto das identificações infantis. Enquanto a alienação o insere no campo dos ideais e das normas sociais, a separação lhe permite questionar esses ideais e buscar uma posição desejante. Isso pode ocorrer por meio de atos transgressivos, da recusa às expectativas parentais ou da criação de novas referências identificatórias. Porém essa operação de transformação subjetiva desenvolve-se pela via da operação de alienação e separação. Como nos sinaliza Dunker e Assadi (2024):

Nossa hipótese é de que a marcação lingüística dessas transformações subjetivas, da alienação à separação, é expressa pela modificação da forma retórica dominante no discurso. Isso não quer dizer que toda transformação desse tipo implique modificação do sujeito, mas que toda modificação do sujeito seria acusada por esse indicador. (DUNKER; ASSADI, 2004).

Assim, o questionamento das figuras de autoridade e das gerações anteriores se insere como parte da tarefa de se separar simbolicamente do Outro que ocupam função materna e paterna, sem perder de vista que a alienação é uma condição inevitável, mas a separação também uma oportunidade de invenção e singularidade. No TikTok, essa alienação se manifesta na busca constante por reconhecimento por meio da aderência a

tendências e na espera pela aprovação do Outro no digital. No entanto, essa mesma plataforma oferece ao adolescente uma oportunidade de expressar sua singularidade, representando um movimento de separação e criação subjetiva.

O analista, tantas vezes convidado a acompanhar o adolescente em seu trabalho, e que basicamente deve proceder aos cortes ímpares na infinda cadeia de demandas, como o disse Lacan em "O Seminário, livro 9: a identificação" (1961-2), surpreende-se com a perspicácia dos ditos que o "despertar da primavera" provoca nesses sujeitos, que, mais do que quaisquer outros, vivem o momento mais rico do exercício da subjetividade: o sujeito adolescente sabe por experiência que não pensa ou não é, jamais totalmente determinado pelo pensamento e nunca sendo por inteiro. (ALBERT, 1995, p. 11).

Nesse sentido, a clínica psicanalítica com o sujeito adolescente direciona-se ao favorecer a emergência de um desejo próprio, permitindo que ele invente uma forma singular de lidar com a falta e de construir um percurso ao laço social que não seja meramente alienado a lógica mercadológica. A travessia da alienação à separação não é um destino garantido, mas uma possibilidade que se abre a partir do encontro com o desejo.

A adolescência representa um momento de reconfiguração subjetiva, no qual o sujeito precisa lidar com a angústia e o desejo, ambos intensificados pela reorganização pulsional deflagrada pela puberdade. Pois é na adolescência que o sujeito se depara com a necessidade de reinscrever o desejo, já que as coordenadas infantis de satisfação deixam de operar da mesma maneira e, com a angústia própria do encontro com a falta. Como aponta Rocha e Loures (2022).

O sujeito é conceituado pela psicanálise como um ser constituído por uma falta fundamental. Se Freud, desde os primórdios da psicanálise, aponta para um resto irreduzível da constituição do sujeito, das Ding, Lacan, com a sua teoria do objeto a e, posteriormente, em seus desenvolvimentos sobre os processos de alienação e separação na causação do sujeito, irá enfatizar que, em última

instância, o ser do sujeito refere-se a esse objeto, sem imagem, sentido ou consistência e para sempre perdido. (ROCHA; LOURES, 2022, p. 73).

Esse objeto, o objeto *a*, representa um vazio vinculado ao campo do gozo, que se manifesta em cada etapa do processo de subjetivação do sujeito. O objeto *a* tem função de intermediar o corpo ao significante e a formação do sujeito por meio do trauma, que advém da introdução na linguagem e do confronto com a realidade da sexualidade, exerce uma função de organização no corpo, evitando sua fragmentação e caos. Baseada na angústia de castração essa função organizadora impulsiona um movimento retroativo e se manifesta quando objeto *a* incide em cada tempo lógico da subjetivação do sujeito. Ao se deparar com o real da castração, o sujeito é remetido, de forma retroativa, a revisitar cada tempo lógico em que os objetos parciais deixaram suas marcas. Esse retorno retroativo atravessa cada um desses objetos com o vazio da castração, trazendo consigo um evento contingente que remete o sujeito novamente à castração, conferindo sentido à sequência temporal. Como pontua Lacan (1962/1963):

Há milhares de indícios sensíveis de que o momento em que realmente começa o funcionamento do conceito [...] poderia ser situado de maneira totalmente diversa, em função de um vínculo a ser estabelecido entre a maturação do objeto *a*, tal como eu o defino, e a idade da puberdade. (LACAN, 1962/1963, p. 282).

Na adolescência, a relevância desse processo se torna evidente. Ao se deparar com o real da sexualidade e com a castração de forma mais explícita, o adolescente é impulsionado a confrontar a impossibilidade da relação sexual e a reelaborar suas fantasias e identificações. No contexto digital contemporâneo, plataformas como o TikTok, se tornam espaços privilegiados onde esse mal-estar se manifesta, seja por meio da alienação nos moldes do discurso capitalista, seja pela possibilidade de transformar essa experiência de travessia em formas de invenção singular sublimatória. Esse momento de redefinição é fundamental para que o adolescente possa atravessar o campo da alienação e da separação, articulando sua singularidade a partir do impacto desses eventos. Assim, a função organizadora do objeto *a*, em meio à angústia e ao trauma da

castração, contribui para a estruturação psíquica do adolescente, despertando nele o desejo de saber-fazer a transição para a vida adulta.

3.2 - Entre-telas: o corpo adolescente no jogo do olhar e visualizar

Na adolescência, a dimensão do corpo torna-se um eixo central da experiência subjetiva, marcado pelo encontro com o real da puberdade e pela necessidade de reelaboração das identificações imaginárias construídas na infância. Esse processo evidencia a distinção entre o corpo próprio, que o sujeito acredita possuir, e o corpo do Outro, que se impõe como referência ao desejo e ao gozo, mas que nunca pode ser completamente apreendido, apenas parcialmente.

Diferente do corpo objeto da medicina, que faz equivaler corpo e organismo, o corpo a partir da perspectiva psicanalítica, adiciona o postulado que o corpo se fabrica com o discurso e isso o eleva como “corpo sensível a um dizer” (Lacan, 1963/1964). A incidência da linguagem, que marca o corpo do ser falante, subverte a relação do sujeito com seu corpo, uma vez que o sujeito não é o corpo, apesar de acreditar que o tem. Conforme Lacan (1963/1964) “na realidade ele não o tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante [...]. O corpo decerto não se evapora e nesse sentido ele é consistente”. Lacan (1963/1964) define consistência pelo que se mantém unido:

O que quer dizer consistência? Que dizer aquilo que mantém junto, e é por isso que é, aqui, simbolizada pela superfície. Com efeito, pobres de nós, só temos ideia da consistência pelo que constitui saco ou trapo. É a primeira ideia que fazemos disso. Mesmo o corpo, nós o sentimos como pele retendo em seu saco um monte de órgãos” (LACAN, 1963/1964, p.41)

Logo, o que o sujeito tem por aquilo que acredita possuir — seu corpo próprio — equivale à consistência do “eu”, oferecendo uma ideia de unificação e fechamento. Isso está de acordo com a tese freudiana segundo a qual “o eu é, primeiro e acima de tudo, um eu corporal, não é uma entidade de superfície, mas é, o próprio eu, a projeção de uma

superfície” (Freud, 1923/1996). Essa construção implica que o corpo próprio é uma consistência simbólica representada pelo Outro, sustentado pela linguagem e pelo imaginário refletido na imagem especular. A constituição do corpo passa pelo complexo ótico denominado *Estádio do Espelho*. Lacan (1949) o definiu como “a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem.” Esse momento ocorre quando o sujeito assume uma imagem especular como referência a unidade do corpo. No entanto, essa unidade, por ser imaginária, é ilusória, pois comporta um resto inapreensível do real. Trabalhamos com mais qualidade esse conceito no capítulo dois, *A sociedade escópica: o ver e ser visto no aplicativo TikTok*. Assim, compreendemos que o *Estádio do Espelho* não garante uma unidade corporal plena nem a constituição definitiva do “eu”. Há, sem dúvida, um processo de construção no sentido de estabelecer uma borda, porém esse contorno é furado e borrado. Dessa forma, o litoral entre o “eu” e o Outro chega à adolescência em permanente reconstrução, colocando a prova a reestruturação da imagem do corpo. Essa reconfiguração do contorno do corpo é marcada pela estranheza e pelo mal-estar, ou seja, o corpo, em sua própria concepção, é um estranho, que frequentemente sofre tentativas de ser capturado como algo patológico.

Dessa maneira, o “corpo de um” (esse que chamamos indevidamente de próprio, já que nada é mais estranho, íntimo) experimenta as transformações pubertárias e o trabalho psíquico de subjetivação dessas mudanças, que, embora sejam significativas, não revelam precisamente um corpo inteiramente novo, mas escancaram a natureza fragmentada do corpo do humano pela própria intrusão da linguagem. (ALMEIDA; FERNANDES, 2020).

O corpo, enquanto estrangeiro ao sujeito, manifesta seu mal-estar na forma do sintoma, que não deve ser reduzido a uma patologia rigidamente enquadrada nos manuais. Classificar o adolescente em categorias diagnósticas fixas é apagar sua verdade, sua singularidade, cristalizando-o em um lugar que, ao invés de acolher seu mal-estar, o silencia. A psicanálise, ao contrário, sustenta a escuta desse sintoma, permitindo que, a partir dele, o jovem encontre modos singulares de saber-fazer com o real que o atravessa.

Segundo Soler (2017), “a adolescência é a idade do encontro com o corpo do Outro”. O corpo do Outro não se refere apenas ao corpo físico de outra pessoa, mas ao lugar do Outro simbólico, no qual o sujeito supõe um saber e, a partir disso, depreende algo sobre seu próprio desejo e seu próprio corpo.

Que o sujeito como tal está na incerteza em razão de ser dividido pelo efeito da linguagem, é o que lhes ensino, eu enquanto Lacan, seguindo os traços da escavação freudiana. Pelo efeito de fala, o sujeito se realiza sempre no Outro, mas ele aí já não persegue mais que uma metade de si mesmo. Ele só achará seu desejo sempre mais dividido, pulverizado, na destacável metonímia da fala. O efeito de linguagem esta o tempo todo misturado com o fato, que e o fundo da experiência analítica, de que o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro. E por isso que ele precisa sair disso, tirar-se disso, e no tirar-se disso, no fim, ele saberá que o Outro real tem, tanto quanto ele, que se tirar-se disso, que se safar disso. E mesmo aí que se impõe a necessidade de boa-fé, fundada na certeza de que a mesma implicação da dificuldade em relação as vias do desejo existe também no Outro. (LACAN, 1973/1985, p. 184).

Na adolescência, esse encontro com o corpo do Outro se torna central, pois a promessa da puberdade é a possibilidade de acesso ao corpo do outro. “O corpo do outro, assim escrito com minúscula, é aquele do qual o sujeito supõe gozar e isto é a promessa da puberdade” (Almeida; Fernandes, 2020). Mas essa relação se revela impossível na completude esperada. Lacan (1972/1973) aponta que “só se pode gozar de uma parte do corpo do Outro”. Pois o que tange a relação sexual, o corpo do outro mostra-se como conjunto de objetos parciais. “Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado” (Lacan, 1972/1973, p.197). A partir dessa conjectura o advento do sexual sempre será da ordem da “inadequação radical do pensamento à realidade do sexo” (Lacan, 1966/1967). Logo para Lacan (1972/1973, p. 14), “o que chamamos de gozo sexual é marcado, dominado, pela impossibilidade de estabelecer, como tal, em parte alguma do enunciável, esse único UM que nos interessa, o UM da relação sexual.”

Assim, o encontro com o Outro não é pacífico, pois, muito além do ato sexual (mas também nele), trata-se de um “mau encontro”, até mesmo quando há o orgasmo, porque a linguagem coloca o humano em uma posição outra que não a da completa submissão às necessidades. Inclusive nos casos em que supomos haver uma complementaridade, como no caso do par masoquismo-sadismo. (Almeida; Fernandes, 2020).

A dimensão da linguagem no humano impossibilita a plena satisfação no encontro com o corpo do Outro. De acordo com Lacan (1957/1958), “desde a origem, a necessidade tem sua motivação no plano do desejo, isto é, de alguma coisa que se destina, no homem, a ter uma certa relação com o significante”. Assim, “gozar tem essa propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro” (Lacan, 1972/1973). Diante a isso, a adolescência é sempre da ordem do mau encontro, uma vez, que as promessas do adolecer não se realizam. Pois “Não há relação sexual.” (Lacan, 1972/1973).

Nesse contexto, rompe a angústia, porque o encontro do adolescente com o sexo implica a uma exigência subjetiva: a necessidade de posicionar-se na partilha dos sexos. Esse processo envolve não apenas a identificação de um lugar simbólico no campo do desejo e da linguagem, mas também a constatação de que não há um saber prévio que o determine de forma absoluta.

Originalmente, exige de antemão um enorme esforço do sujeito pelo simples fato de que a adolescência implica um encontro com o sexo — o qual não se reduz à relação sexual propriamente dita, mas, muito antes disso, é o encontro do adolescente com as questões sobre a assunção de um posicionamento na partilha dos sexos. Esse encontro, que não pode ser evitado e do qual nem mesmo o pai pode salvar seu filho, será mais ou menos angustiante de acordo com o sujeito. (ALBERT, 2010, p. 08).

Lacan (1962/1963) define a angústia como “aquilo que não engana, o que está fora de dúvida”, porque ela se manifesta quando há uma iminência de encontro

com algo que escapa ao significante, à simbolização, e se apresenta algo do real. Todavia a angústia emerge da falta de garantia sobre o próprio desejo e sobre como lidar com o desejo do Outro. No caso da adolescência, essa experiência se dá no enfrentamento do não saber a sua posição subjetiva frente ao corpo e desejo do Outro, na falta de um modelo universalmente dado e garantido pelo Outro. Dessa maneira o encontro com o corpo do Outro não é algo estável ou completamente apropriável pelo sujeito; ele escapa, se desorganiza e exige novas formas de subjetivação.

Assim a diferença fundamental entre o corpo próprio e o corpo do Outro reside no fato do corpo próprio ser um efeito de sentido, estruturado a partir da linguagem e da imagem, sempre incompleto e atravessado por um resto. Já o corpo do Outro é o que escapa à captura total pelo sujeito, sendo, ao mesmo tempo, objeto de desejo e fonte de angústia. Na adolescência, esse dilema se acentua, pois o sujeito precisa lidar com a transformação do próprio corpo e com o encontro faltoso com o corpo do Outro, o que implica uma reconfiguração frente ao desejo e de sua identidade.

O adolescente precisa inventar uma forma singular de responder a essa questão, o que torna essa travessia marcada por intensas inquietações. Diante da falta de garantia imposta pelo encontro com o sexo na adolescência, o sujeito se vê convocado a criar uma forma própria de lidar com essa falta. Esse movimento não é opcional, pois a inexistência de um saber prévio ou de uma fórmula universal que assegure a posição do sujeito na partilha dos sexos impõe a necessidade de inventar uma saída singular para sustentar-se diante do desejo e da angústia. Esse processo pode ser associado ao que Lacan (1975/1976) chama de *savoir-faire*, ou saber-fazer. O saber-fazer, diferente do saber conceitual, refere-se a um saber inventivo e criativo, um saber que se constrói na contingência e na experiência subjetiva. Ou seja, diante da ausência de um manual que diga como lidar com o real da sexualidade, o adolescente precisa elaborar soluções, formas singulares de se sustentar no laço social e na relação com o corpo e com o desejo. Nesse contexto, a sublimação se apresenta como possível representação criativa, permitindo que o excesso pulsional, típico da adolescência, encontre um destino que não recaia no gozo mortífero ou na alienação total aos moldes do discurso capitalista. Ao deslocar a pulsão para produções simbólicas, culturais e criativas, o adolescente constrói uma solução subjetiva que, ao mesmo tempo, responde ao impasse das transformações do corpo e do desejo, inscrevendo-o no laço social. Assim, o saber-fazer e a sublimação

se articulam como modos de invenção frente ao mal-estar próprio dessa fase, possibilitando ao sujeito adolescente transformar sua inquietação em uma criação que lhe permita sustentar-se diante do furo no real que o atravessa.

Posto isso, considerando a presença expressiva dos adolescentes nas redes sociais, surge a seguinte questão: de que maneira o fenômeno da exibição no aplicativo TikTok impacta a construção da imagem corporal na adolescência?

A adolescência implica o “desligamento da autoridade dos pais” (Freud, 1905, p. 214). Tal processo envolve o redirecionamento do olhar, que passa do Outro parental para o Outro social. Esse olhar da cultura é estruturante e permite ao adolescente construir um novo lugar simbólico no dito mundo adulto. Durante essa transição, o discurso capitalista, que coloca em primazia a relação mercadológica em detrimento do laço social (trabalharemos esse conceito no capítulo quatro), interfere como a juventude estabelece a relação com a imagem do corpo.

O aplicativo TikTok, um dos muitos nomes do discurso capitalista, hegemonicamente escópico, “incita os sujeitos a uma posição subjetiva particular frente ao Outro. As disputas por visualizações e likes passam a reger os laços que se organizam preponderantemente em torno da imagem, da exibição e da solicitação do olhar.” (Gomes; Pedrosa Filho; Teixeira, 2021, p. 92). Cabe ressaltar que segundo Lacan (1963/1964) “O corpo ganha seu peso pela via do olhar”. Essa formulação remete à ideia de que o corpo do sujeito nunca é inteiramente próprio, mas sempre atravessado pelo olhar do Outro, o que é especialmente evidente na adolescência. No contexto do TikTok, essa dinâmica se intensifica, pois impacta as escolhas sintomáticas dos adolescentes frente ao corpo.

Diferente do que ocorre no *Estádio do Espelho*, no qual o espelhamento é estruturante e permite ao sujeito identificar-se com uma imagem unificada, ainda que ilusória, garantindo uma organização mínima da sua identidade, a interface da tela do TikTok assume um caráter de “reflectograma”. Lacan (1960/1961) refere-se a esse fenômeno como um espelhamento infinito, um efeito visual gerado quando dois espelhos são colocados um diante do outro, criando uma sucessão interminável de imagens que se repetem sem um ponto fixo de estabilização.

A tela permite disfarçar a falta de um significante no Outro, o $S(A)$. É como se a imagem adquirisse consistência, como se fosse possível “tocá-la” com as pontas dos dedos. Se os adolescentes estão especialmente preocupados com a própria imagem, despedindo-se do corpo infantil e buscando uma nova autenticação diante do espelho, os efeitos dessas mudanças se tornam particularmente controlados, manipulados, editados, “corrigidos” pelas telas das redes sociais. (GOMES; PEDROSA FILHO; TEIXEIRA, 2021, p. 95).

A experiência digital no TikTok pode provocar sobreposições imaginárias ao não oferecer limites e contornos simbólicos na relação com o corpo próprio e com o corpo do Outro. O aplicativo proporciona um espaço de “visualização infinita”, na medida em que suspende a falta constitutiva do olhar, a qual confere um ponto de unidade corporal. Diante disso, é fundamental distinguir o olhar e o visualizar. O olhar não se configura apenas em ver, mas encontra satisfação em ver, evidenciando sua relação com o desejo inconsciente, pois inclui o Outro marcado pela falta. Nesse sentido, o olhar torna-se um ponto cego no circuito pulsional, promovendo uma experiência de inquietação. Essa inquietação, ou seja, a angústia, surge quando o olhar atravessa a imagem especular, rompendo sua consistência ilusória, conforme discutido no capítulo dois.

No que se refere ao ato de visualizar, “ficamos tão fascinados com a imagem do espelho que esquecemos dos seus limites.” (Lacan, 1962/1963). É justamente pelas infinitas sobreposições de imagens refletidas – tal como Narciso, fascinado pelo próprio reflexo no espelho d’água no lago – que a tela do TikTok suprime a falta-a-ver, apagando a inquietação que abre para a experiência do desejo e da castração. Como apontam Gomes, Pedrosa Filho e Teixeira (2021), esse fenômeno redefine a relação do sujeito com a própria imagem, fortalecendo um circuito fechado de exibição e reconhecimento.

Nas redes sociais, contudo, não é a função do olhar que vai fazê-las funcionar, captar uma multidão fascinada de adolescentes. O olhar causa embaraço, estorvo, perturba a imagem, e põe em xeque a função da visão. A visão serve justamente para tirar o olhar da cena, garantindo uma permanência ostentatória, fálica. Por isso, é tão frustrante publicar e não ser visualizado. (GOMES; PEDROSA FILHO; TEIXEIRA, 2021, p. 96).

O olhar não é apenas um fenômeno óptico, mas um operador pulsional que implica a relação do adolescente com a alteridade do Outro. Sendo aquilo que falta e, por isso, sustenta o desejo, o olhar se instaura no campo da alteridade do Outro. Servir-se dessa alteridade, permite ao adolescente posicionar-se, lidar com a castração e construir modos singulares de existência na dimensão do corpo.

No entanto, no aplicativo TikTok, a lógica da visualização instaura um circuito fechado que esvanece essa alteridade, reduzindo a experiência do olhar ao mero ato de visualizar, transformando-o em uma superfície homogênea. De forma perspicaz, Lacan (1972/1973, p. 131) ensina: “que um computador pense, quanto a mim estou de acordo. Mas que ele saiba, quem é que vai dizer isto? Pois a fundação de um saber é que o gozo do seu exercício é o mesmo do da sua aquisição.” O adolescente, nesse contexto, perde a possibilidade de servir-se da falta constitutiva da alteridade do Outro para um saber-fazer com seu próprio corpo e com o corpo do Outro, pois essa falta é eclipsada pela promessa ilusória de completude óptica. Dessa forma, em vez de elaborar um laço simbólico com o Outro para ir além dele, o sujeito encontra-se capturado em uma miragem escópica que o aliena de sua própria divisão, dificultando a criação de respostas singulares para a dimensão do corpo.

Assim, o corpo adolescente, entre o olhar e o visualizar, revela-se como um território tensionado entre o desejo e a captura imaginária. A dinâmica escópica do TikTok, ao oferecer uma miragem de completude, obscurece a falta constitutiva que sustenta o desejo e o saber-fazer do sujeito. Nesse cenário, os psicanalistas são convocados a sustentar a escuta desse mal-estar, possibilitando que a inquietação se subverta em criação. Assim, o desafio contemporâneo é recolocar a falta em cena, para que o adolescente possa se apropriar de seu corpo para além da imagem.

4. Do Like e do Laço: as práticas de uso da juventude no TikTok

A prática de uso do aplicativo TikTok pela juventude pode ser analisada a partir de duas perspectivas centrais que se tensionam simultaneamente: o discurso capitalista e a sublimação. No contexto do discurso capitalista, a plataforma atua como uma engrenagem na maquinaria de consumo e alienação, capturando os jovens pela lógica do mais-de-gozar. Através de vídeos curtos e altamente virais, a juventude é incentivada a consumir incessantemente, seja em termos de conteúdo ou produtos, criando uma ilusão de completude e satisfação imediata. Ao reduzir as interações sociais e culturais e ao encorajar a busca constante por validação e pertencimento, o TikTok transforma os adolescentes em consumidores ávidos, alienando-os de um verdadeiro engajamento crítico e reflexivo.

Por outro lado, o uso do TikTok pelos jovens também pode ser visto como um espaço de sublimação, onde as pulsões da juventude são desviadas para formas criativas e culturais. Através da criação de conteúdos artísticos e humorísticos, os adolescentes conseguem transformar a plataforma em um meio de expressão que vai além do entretenimento e da lógica do discurso capitalista. Nessa perspectiva, eles elevam seus vídeos à dignidade da Coisa, como proposto por Lacan, subvertendo a função inicial do aplicativo e produzindo algo que transcende a satisfação imediata do entretenimento. Ao criar conteúdos que exploram a estética, a cultura e a subjetividade, esses jovens encontram no TikTok um meio de aplacar a irrupção do real, característica da adolescência, enquanto mantêm laços sociais e exploram suas singularidades.

A ver!

4.1 Laços que estruturam: a teoria dos discursos

Nos textos "Prefácio à Juventude Desorientada", de Aichhorn (1925/2006), e "Análise Terminável e Interminável" (1937/2006), Freud estabelece e destaca três ofícios impossíveis de serem realizados completamente, sendo: educar, governar e curar (analisar). Essas posições insustentáveis são tentativas de contornar o impossível e modos distintos de fazer laço social. As apostas em subverter a impossibilidade, imposta pela entrada do sujeito na linguagem, necessariamente trazem à tona algo da ordem do impossível de ser representado, que se manifesta como resto, conferindo ao sujeito uma divisão – como discutido no capítulo dois.

No Seminário 17: *O avesso da psicanálise* (1969/1970), Lacan revisita e expande os ofícios do impossível elaborados por Freud e estabelece a teoria dos discursos. Ele não apresenta apenas três, mas quatro posições do impossível, que denomina como discursos. Esses discursos representam quatro maneiras de fazer laços sociais e organizar o gozo. São eles: o discurso do mestre (relacionado a governar), o discurso universitário (ligado a educar), o discurso do analista (associado a analisar) e, por fim, o discurso da histeria, introduzido por Lacan, que está relacionado ao ato de fazer desejar. Esse último não se alinha a nenhuma "profissão" específica, assim como os demais discursos, como indicaremos adiante.

Todos os quatro [...] discursos escrevem um laço entre parceiros humanos: o discurso do mestre, entre o mestre e o escravo — ou de outras versões do mestre e do escravo —; o discurso da histérica, que escreve o laço entre a questão do sujeito — histórico — e tudo que pode vir a encarnar o significante-mestre; o discurso da universidade que descreve o laço entre aqueles que detêm o saber e aqueles que são os objetos a serem formados pelo saber; o discurso do analista que escreve um laço entre dois parceiros, um analista, e outro analisante. (SOLER, 2011, p. 55).

Lacan postula que o discurso não precisa de enunciados explícitos para ser exercido; ele pode operar sem palavras. Ao utilizar a linguagem, instauram-se relações estáveis, que abrangem fenômenos muito além das enunciações. O discurso é uma estrutura que atua de maneira mais ampla do que a fala, conectando a linguagem ao

gozo. Nesse sentido, os quatro discursos exemplificam diferentes maneiras de articular a linguagem com o gozo.

É que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas, literalmente, não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante o instrumento da linguagem instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode inscrever-se algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais. (LACAN, 1969-1970, p.11).

Ao introduzir esses discursos, Lacan utilizou um esquema lógico para evidenciar os elementos que os compõem e as posições que cada um desses elementos ocupa na estrutura de cada discurso. As posições nos discursos são: agente, outro, verdade e produção. Cada uma dessas posições é ocupada por termos distintos, sendo eles: S1 (significante mestre), S2 (o saber), \$ (sujeito dividido) e a (objeto perdido, o mais-de-gozar) – todos diretamente relacionados à constituição do sujeito.

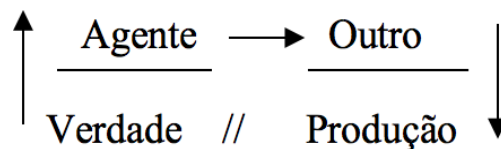


Figura 4 – Matema dos discursos

Os discursos estão organizados através de uma permutação em quatro posições fixas, cada uma com uma função específica. No topo esquerdo, encontra-se a posição do agente, que dá a particularidade a cada discurso. Esse ponto é chamado de dominante, pois é o ponto de partida para a estruturação de cada discurso. No topo direito está o outro, o destinatário do agente, que ele busca dominar e fazer trabalhar. Na parte inferior direita está a produção, o resultado gerado pelo outro. Na parte inferior esquerda, está o lugar da

verdade, que sustenta o agente, mas permanece oculta no discurso, sendo barrada pelo recalque. As barras horizontais que separam os elementos superiores dos inferiores são as barras do recalque, que indicam uma relação entre o latente e o manifesto.

As posições do agente e da verdade formam o campo do sujeito, enquanto as posições do outro e da produção compõem o campo do Outro. Cada discurso específico estabelece uma articulação entre esses dois campos, o que permite novas formas de compreender os laços sociais pela interpretação psicanalítica. Primeiramente, ele representa a indissociável e intrínseca relação entre o sujeito e o social; em segundo lugar, inclui o gozo como um novo elemento nessa relação.

Existem também duas relações importantes que influenciam a estrutura dos discursos: a impossibilidade e a impotência. A impossibilidade é representada pela seta que vai do agente ao outro, sinalizando que a dominação completa do outro é impossível, sendo sempre incompleta. A impotência é representada pelas duas barras (//) que dividem o lugar da verdade do lugar da produção. Essas barras funcionam como uma barreira ao gozo, impedindo que o que é produzido por um discurso tenha acesso direto à sua verdade. O lugar da verdade não é completamente dito, mas aparece como um semi-dizer.

No que tange à teoria dos discursos, a não relação entre o lugar da verdade e o da produção sinaliza que a estrutura de um discurso é sempre desassociada de sua verdade. Além disso, Lacan introduz a noção de giro discursivo, que consiste na rotatividade dos elementos discursivos — agente, outro, produção e verdade — dentro da estrutura. A partir disso, os discursos podem se transformar ao assumirem a reorganização conforme as posições dos elementos discursivos, alterando a dinâmica de acordo com os laços sociais.

O que Lacan chama os discursos, como vocês sabem, são os laços sociais. Cada discurso é uma modalidade, um tipo de laço social. O postulado, que eu tomo tal qual, e que eu não vou demonstrar aqui, é que os laços sociais, os laços entre os humanos, com seus corpos e suas falas, são ordenados pela linguagem; só existem por serem ordenados pela linguagem. Pode-se dizer, para ir rápido, pois se conhece bem a famosa fórmula “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, o postulado do campo lacaniano também determina que a

realidade — entendendo a realidade dos laços sociais — é estruturada na linguagem e como uma linguagem. (SOLER, 2011, p. 55).

Uma vez exposta a estrutura e o funcionamento da teoria dos discursos lacanianos, que elucidam como a linguagem e o gozo se articulam, composta por quatro discursos: o mestre, o universitário, o analista e o da histeria, não nos aprofundaremos neles neste momento. No entanto, os discursos do analista e da histeria, assim como o discurso capitalista, introduzido por Lacan em 1972, serão desenvolvidos adiante.

4.2 Do Like: discurso capitalista como desconector de laços

No aplicativo TikTok encontramos as tendências de “desafio da dança” e desafios “Ice Bucket challeng” (desafio de impacto global para arrecadar fundos e conscientizar sobre a esclerose lateral amiotrófica [ELA], cuja pessoas jogavam um balde de água gelada sobre si mesma desafiando os outros a fazer ou doar.) Tais práticas exemplificam a lógica de consumo de experiências, muitos usuários aderem os desafios para seguir tendência, ganhar visibilidade e se sentirem incluídos, movimento que se evidencia no vídeo a seguir.

Vídeo 6 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YMUr8/>



Além disso, destacam-se as reações a produtos e os vídeos de *unboxing*, nos quais os influenciadores mostram o processo de abrir embalagens de diferentes itens, provocando diversas reações no público, como podemos acompanhar no vídeo a seguir.

Vídeo 7 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YUTFt/>



Essa prática se conecta diretamente ao conceito lacaniano de “latusa”, pois os objetos de consumo são promovidos a fonte de satisfação, transformando as relações entre os jovens em algo mediado e até mesmo restringido pelas mercadorias.

Há também a produção de “marca pessoal”: muitos influenciadores constroem uma “identidade digital” para vender um estilo de vida associado ao consumo de produtos específicos, assim como se observa no vídeo abaixo.

Vídeo 8 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YP1dC/>



Essa “identidade” é vendida como mercadoria, consumida pelos seguidores junto

a outros produtos acoplados, oferecidos como promessa de um gozo pleno e sem fissuras, característico do discurso capitalista.

Também há os filtros de beleza: uma vasta gama de opções está disponível para alterar a aparência dos usuários, conforme se observa no vídeo abaixo.

Vídeo 9 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YU8mc/>



Pode-se dizer que tal filtro estabelece uma relação direta com o recurso mercadológico, funcionando como um tamponamento da falta-a-ser. A imagem especular do corpo e do rosto idealizados é “consumida” como uma “latusa”, promovendo uma satisfação imediata, ilusória e temporária, que leva o jovem a preferir expor-se apenas com o uso do filtro, segregando corpos diversos.

Há também uma outra prática difundida entre os jovens no TikTok: “live recompensa”. Nessas transmissões ao vivo, com interações instantâneas, os usuários realizam tarefas ou respondem perguntas em troca de “presentes” virtuais pagos pelos espectadores. Os valores desses presentes virtuais podem sofrer variações, pois são comprados em moeda interna do aplicativo chamada “coins”. Os usuários do TikTok compram *coins* com dinheiro de circulação, e cada presente virtual possui um valor de *coins*, que posteriormente podem ser trocados em dinheiro em espécie. Os presentes virtuais possuem valores aproximados, por exemplo, 1 rosa equivale menos de R\$0,06 (menos de 1 centavo de dólar); 1 coração de amor vale aproximadamente R\$2,80 (50 moedas); 1 TikTok Universe: Aproximadamente R\$2.800 (34.999 moedas). O usuário que está transmitindo a live fica com uma porcentagem dos valores desses presentes virtuais, geralmente cerca de 50%, e o TikTok fica com os outros 50%. O valor pode variar conforme a política do TikTok de cada país. Esses presentes são representados por

emojis que funcionam com “latusas” – objetos de satisfação personificado em representação gráfica. Eles conectam uma fonte de gozo tanto para aquele que está se exibindo quanto para o espectador, mas ao mesmo tempo atuam como um obstáculo ao laço social, pois a mercadoria se interpõe, mediando e até impedindo a relação entre ambos, onde ambos gozam com o objeto mais-de-gozar.

Em destaque estão as “*lives NPC*” (*Non-Playable Character*), são transmissões ao vivo onde os usuários reproduzem o comportamento de personagens não jogáveis (*NPCs*) de videogames, representadas por um padrão específico de falas e gestos repetitivos. Como podemos assistir no vídeo a seguir.



Vídeo 10 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YmHKm/>

Nas *lives NPC*, a cada presente virtual recebido do espectador, o usuário reage conforme o *emoji* que simboliza o presente virtual, com respostas robóticas, exageradas e estereotipadas, como se fossem os *NPCs*. Esse formato de *live* se popularizou entre os jovens como forma de entretenimento, além de monetizar, como mercadoria, as interações entre as pessoas.

Sobre essas *lives* de *NPC*, destaca-se o significante “recompensa”, que remete ao texto *O mal-estar na civilização* (1930), no qual Freud discorre que, para que o sujeito possa ingressar e viver em sociedade, é necessário renunciar a uma parte significativa de sua cota pulsional. Para viabilizar a convivência social, torna-se indispensável submeter-se às leis e exigências da cultura. Essa renúncia provoca um mal-estar, que, no caso, leva o sujeito a buscar formas de restituição ou ser recompensado pela satisfação perdida ao longo da vida, inclusive na adolescência.

É importante ressaltar que a adolescência é um momento de reestruturação subjetiva, em que o jovem lida com a dissolução das identificações da infância e com sua inserção no âmbito social, o que exige a renúncia a um *quantum* de satisfação pulsional. Alberti (2009) desenvolve essa questão, salientando que o jovem se encontra em um estado de ambivalência, oscilando entre querer ser independente e a necessidade de pertencimento ao núcleo familiar e social. Nesse sentido, o adolescente também experimenta um tipo de mal-estar, como descrito por Freud, ao ter de renunciar a certa satisfação pulsional em prol da convivência social. Tal conjectura vai de encontro com a possibilidade ilusória do sujeito adolescente ser restituído de forma rápida e pouco elaborada através do consumo das categorias de live *NPC*. A *live NPC* incita no adolescente a ilusão de ser visto, reconhecido e recompensado, inserindo-o na dinâmica do discurso capitalista, onde até mesmo essa fase de vida é convertida em mercadoria e explorada pelo capitalismo.

Alberti (2009) destaca que o adolescente enfrenta um "novo encontro com o real" (o real do corpo, da sexualidade, da falta), o que lhe provoca angústia. A intensa busca por respostas e sentido, na tentativa de se reorganizar, pode levar o adolescente a se vincular a objetos de satisfação imediata – seja na cultura, nos grupos ou em objetos de consumo – como uma forma de negar a questão que se impõe sobre como lidar com a própria sexualidade. Esse é um dos pontos em que o TikTok, por meio das *lives* de *NPC*, oferece um ambiente repleto de “latusas”, como os presentes virtuais, implantando a promessa de aplacar a angústia própria do encontro com o real, tão característica dessa fase da vida. Nesse contexto, o adolescente não só consome, mas também é consumido, na medida em que se objetifica, tornando-se parte do capital. Seu lugar de desejo e seu saber-fazer singular são postos de lado, esvanecendo-se. Assim como nos aponta Pacheco Filho (2015):

[...] Orientado pela experiência do impossível (experiência do inconsciente e do núcleo do real), nosso sujeito mergulhado no discurso capitalista é aquele que nada que saber da experiência do impossível. Com seu desejo governado/ordenado/causado pelos objetos-mercadorias - pelas latusas cuja construção é viabilizada pela ciência -, ele é aquele para quem não existe nem o real nem o inconsciente; aquele que ‘não quer saber nada disso’; aquele que

constrói ao redor disso a barreira da sua “paixão da ignorância” [...]. (PACHECO FILHO, 2015, p. 37).

A adolescência, de acordo com Alberti (2009), é um período marcado por conflitos com figuras de autoridade, como os pais. Esse momento da vida pode exigir do jovem um desligamento simbólico, que pode ocorrer de forma agressiva, manifestando-se em consumismo excessivo, crises existenciais, dinâmicas de isolamento e comportamentos de risco. Quando essa conjuntura é filtrada pelo discurso capitalista, que estabelece uma ligação direta com o objeto mais-de-gozar, como nas *lives NPC*, o sujeito adolescente pode ser reduzido a consumidor e mercadoria ao mesmo tempo, sem espaço para lidar com suas questões. O impacto disso na sociedade é significativo, pois os jovens, ao utilizar massivamente as *lives NPC*, tendem a ignorar sua divisão subjetiva — uma divisão que poderia possibilitar um saber-fazer com sua sexualidade. Assim, o discurso capitalista, mediado por mercadorias e recompensas instantâneas, contribui para a fragilidade dos laços sociais, promovendo e alienação subjetiva.

Como descrito, é de se notar que juventude por estar experienciando um momento de irrupção do real, ao se encontrar angustiada frente ao desalento estrutural do sujeito, buscam interrogar e denunciar autoridades que ocupam lugar de poder. Porém nos deparamos com notícias que apontam para uma juventude capturada e alienada que elegem líderes que derrogam a democracia. Vide discurso capitalista — promotor de resultados rápidos e, por consequência, também segregador — a juventude, por meio do aplicativo TikTok, elege figuras produzidas por essa lógica, as quais ameaçam o sistema democrático. Podemos observar esse fenômeno em uma reportagem do jornal *Brasil 247*, que aborda a ascensão da extrema-direita entre os jovens europeus, influenciada pelo uso de aplicativos como TikTok e *YouTube*.

Acesso a reportagem: <https://www.brasil247.com/mundo/entenda-a-ascensao-da-extrema-direita-entre-os-jovens-europeus>

Jovens da União Europeia geralmente percebidos como eleitores mais posicionados à esquerda, transferiram seu apoio a partidos populista de extrema-direita devido ao impacto do uso do TikTok. Com vídeos curtos e altamente virais, essas plataformas capturam a atenção dos jovens por meio de promessas simplificadas, muitas vezes de caráter extremista, que são rapidamente absorvidas. Os algoritmos da plataforma amplificam conteúdos controversos que geram mais reações e, nesse sentido, os partidos de extrema-direita, com seu discurso populista e antissistema, encontram terreno fértil. Esses vídeos apresentam soluções rápidas e diretas, como fechamento de fronteiras e controle da imigração, mas ignoram a complexidade dos problemas sociais e econômicos que os jovens e a população enfrentam.

A influência do TikTok sobre a juventude reflete a lógica do discurso capitalista, que utilizam o desamparo estruturante do sujeito e o desalento estruturante do sujeito adolescente e transformam ideologias em mercadorias, em votos, em poder. Ao consumir essas mensagens manipulatórias, os jovens são atraídos por uma promessa de satisfação imediata, como se a mudança desejada pudesse ser obtida tão facilmente quanto se consome um vídeo viral. A plataforma, ao criar essa relação direta entre o sujeito e a mercadoria-ideologia, elimina a necessidade de reflexão crítica e debate, capturando os jovens em uma dinâmica de consumo de informação segregatória que reforça a polarização. Aponta Rocha; Loures (2022).

O discurso do capitalista atua induzindo o sujeito a estabelecer relações com objetos no lugar do outro. O consumo é apresentado como solução para preencher a falta, rejeitando a castração constituinte do sujeito. Esses fatores geram efeitos, causando exclusão do laço social, isolamento e segregação. (ROCHA; LOURES, 2022, p. 76).

Com o objetivo de melhor depreender os efeitos do discurso capitalista nos vídeos e reportagens selecionados em perfis de jovens no TikTok, passaremos ao estudo da teoria psicanalítica, por meio da qual buscaremos desdobrar a especificidade estrutural desse discurso. De acordo com Pacheco Filho (2015), os seminários 16 e 17 — *De um Outro ao outro* (1968/1969) e *O avesso da psicanálise* (1969/1970) — foram abordados por

Lacan em um momento de intensas transformações políticas e sociais. Durante esse período, o capitalismo estava em crise, tanto como um sistema institucionalizado quanto como uma ideologia dominante. A ideologia capitalista, descrita como uma "cortina de fumaça", apresentava-se como natural, ocultando sua natureza artificial.

Nesse cenário, os eventos de 1968 foram particularmente marcantes, questionando e confrontando a ideologia capitalista, contribuindo para sua transição. É importante destacar que foi nesse contexto histórico que surgiram movimentos sociais significativos, como o movimento negro *Black Power*, as lutas políticas no Brasil contra a ditadura militar em maio de 1968, a segunda onda do feminismo e o surgimento dos movimentos LGBTQIAPN+, entre outros. O impacto dessas transformações refletiu não apenas nas estruturas políticas e sociais, mas também na leitura psicanalítica sobre as formas de gozo e como os laços sociais eram organizados.

É também no Seminário 17: *O avesso da psicanálise* (1969/1970), na aula de 11 de março de 1970, que Lacan noticia brevemente o surgimento de um quinto discurso ao postular: “Não se esperou, para ver isso, que o discurso do mestre tivesse se desenvolvido plenamente para mostrar sua clave no discurso do capitalista, em sua curiosa copulação com a ciência” (Lacan, 1992, p.103). Em ocasião posterior, em 1971, no Seminário 19 “... *ou pior*”, Lacan afirma que o discurso do mestre, prevalente por séculos, sofre uma transformação, convertendo-se no discurso capitalista. Ele relata que essa transformação é sutil, sendo Marx o único que, ao introduzir o conceito de proletariado, conseguiu revelá-la.

Na conferência na Universidade de Milão em 1972, intitulada “*Do discurso psicanalítico*”, Lacan apresentou o quinto discurso, o discurso capitalista, com o seguinte matema:

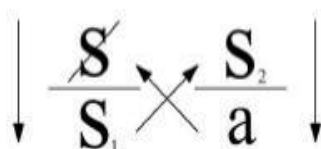


Figura 5 – Matema do discurso do capitalista

Esse matema ilustra diferenças relevantes em relação aos outros discursos, tanto

em sua estrutura quanto em seu funcionamento. Diferente da lógica de giro que caracteriza os demais discursos, o discurso capitalista se dispõe pela inversão dos termos, particularmente nas posições de agente e verdade, presentes no mestre antigo¹⁴. Além disso, a relação entre as posições dos discursos é reorganizada: as setas laterais, que indicam o movimento entre as posições, são invertidas para baixo. Duas novas setas são inseridas, direcionando o lugar da verdade para o outro, e o local da produção para o agente. No discurso capitalista, a barreira do gozo que antes delimitava a impotência é suprimida, permitindo um funcionamento mais direto e contínuo da produção e do consumo do objeto.

Retomemos a visada que Lacan retém de Marx. Ele retém essencialmente o conceito de mais-valia. Refere-se ao “[...] regime de propriedade privada dos meios de produção que define o capitalismo, uma parte do trabalho que não é paga, o trabalho dos trabalhadores.” (Soler, 2011, p. 57). Marx, no século XIX, identifica e denuncia a ideia de que o trabalho surge de seu valor e que uma parte desse valor não é paga, sendo direcionada para inflar o capital. “Ele chama de mais-valia a parte não paga que o capitalismo, o proprietário dos meios de produção, se apropria, parte que vai engordar o capital.” (Soler, 2011, p. 57). De um lado temos o proletariado e, do outro, o capitalismo. Cabe lembrar que o proletariado é aquele que tem somente o corpo para vender, sua força de trabalho, que ele vende para tentar poder restituí-la cotidianamente.

Marx percebeu bem que esta mais-valia, para lhes dizer em termos lacanianos, é o objeto visado, apropriado, subtraído pelo capitalismo. E não seria nenhum exagero traduzir alguns textos de Marx da seguinte maneira: a mais-valia é o que incita o objeto causa de desejo do capitalismo. (SOLER, 2011, p. 57).

A partir do objeto causa de desejo, o objeto *a*, surge uma das principais diferenças no discurso capitalista. Este “[...] escreve o laço entre parte alguma, ele escreve somente a relação de cada sujeito com certo objeto mais-valia. Nesse sentido, ele realiza uma forma de fantasia, o laço direto do sujeito com um objeto *a*, sem se levar em conta que

¹⁴ O mestre antigo exerce poder impondo controle e subordinando o outro de forma direta e explícita. O mestre novo (discurso capitalista) exerce poder de forma velada, usando o saber e a produção para controlar com a finalidade de ocultar a exploração.

este objeto é coletivamente condicionado por toda a economia." (Soler, 2011, p. 59). Ao contrário dos outros quatro discursos, que viabilizam os laços sociais, o discurso capitalista se interpõe como obstáculo, pois estabelece uma relação direta entre o sujeito e o objeto *a*.

E quanto aos pequenos objetos *a* que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa, pensem neles como *latusas*. (LACAN, 1969- 1970, p.172).

No discurso capitalista, o objeto *a* é representado pelos *gadgets* ou “*latusas*”. Lacan utiliza o termo “*latusa*” como um neologismo que relaciona os conceitos de mais-valia e mais-de-gozar. Pacheco Filho destaca que “*latusa*” faz alusão aos termos gregos “*alétheia*” e “*ousia*”, que se referem às questões da verdade do ser e da substância na tradição filosófica. (Pacheco Filho, 2015). Além disso, para desenvolver o conceito, Lacan, no capítulo intitulado *Os sulcos da aletosfera*, no Seminário 17 (1969/1970), contrapõe o materialismo do sujeito cartesiano ao conceito de algo não substancial. As “*latusas*”, criadas e mantidas pela tecnociência capitalista, não necessariamente precisam existir fisicamente para cumprir sua função. O termo “*latusa*”, associado ao objeto *a*, assume a função de mais-de-gozar com duas facetas da mesma moeda: de um lado, causa desejo; e do outro, mascara a falta-a-ser. Isso é observado no matema interpretativo.



Figura 6 – Interpretação da estrutura algébrica do matema do discurso do capitalista. (Quinet, 2006, 2012)

As “*latusas*”, ou *gadgets*, são geradas pelo saber da ciência e ocupam o lugar do Outro (S). Na posição da verdade, está o significante mestre, representando o capital. No

discurso capitalista, o significante mestre não precisa ser personificado por grandes corporações; ele se manifesta como o imperativo do mestre capitalista que dita: “consoma de novo, outra vez”. O sujeito barrado é reduzido ao papel de mero consumidor e, em vez de formar laços com o Outro, estabelece uma relação direta com as mercadorias, que podem incluir o pequeno outro.

O discurso do capitalista, neste sentido, visa tamponar a falta, alimentando-se do semblante de que é capaz de realizar isto. Deste modo, produzem-se bens de consumo (gadgets) que visam ocupar o lugar de objeto (a) e se colocam como hipótese de satisfação. Pela oferta ser contínua e sempre renovada, fabrica-se a ideia de que um objeto pode sempre ser melhor e mais ‘satisfatório’ que o anterior, abastecendo assim as leis do capital. Ou seja, os gadgets, enquanto ‘objetos de gozo’, proporcionam o mais- de-gozar que geram cada vez mais consumidores ávidos por comprarem aquilo que julgam ser possível lhes atender. (FERREIRA LEMOS, 2014, p.111).

E mais ainda, acrescenta Quinet (2006):

O discurso capitalista, efetivamente, não promove o laço social entre os seres humanos: ele propõe ao sujeito a relação com um gadget, um objeto de consumo curto e rápido [a].” Esse discurso promove um autismo induzido e um empuxo-ao-onanismo, fazendo a economia do desejo do Outro e estimulando a ilusão de completude não mais com uma pessoa, e sim com um parceiro conectável e desconectável ao alcance da mão. (QUINET, 2006).

No discurso capitalista não há espaço para as barras da impotência e da impossibilidade, pois ele opera sob uma lógica de funcionamento completo, a qual exclui a castração. “[...] Rejeita a falta do sujeito, oferecendo os objetos de consumo como solução para suprir o vazio que o constitui, criando a ilusão de que é possível alcançar a plenitude.” (Rocha; Loures, 2022, p. 75). Pacheco Filho ressalta que o “[...] discurso capitalista, é o único discurso que [...] ignora a perda ligada à barreira do gozo, em sua função de barrar a passagem da produção do discurso à verdade.” (Pacheco Filho, 2015, p. 28). Isto é, ao conectar ilusoriamente o sujeito ao objeto *a*, a divisão subjetiva é

radicalmente apagada, capturando o sujeito na relação com o objeto *a*, já que a barreira de gozo é quebrada no discurso capitalista. Como Lacan elucida: “basta para que isso ande como sobre rodinhas, não poderia andar melhor, mas, justamente, anda rápido demais, se consome [consomme], se consome tão bem que se consuma [consume].” (Lacan, 1972).

De acordo com Quinet (2006), tal discurso promove uma nova economia libidinal, pois coloca a mais-valia no lugar da causa de desejo, transformando-a em mais-de-gozar. A sociedade regida pelo discurso capitalista é marcada pela falta de gozo entre os laços sociais, fabricando sujeitos insaciáveis pelo imperativo de produzir e consumir. Nesse contexto, o ato de produzir é justificado apenas para consumir, enquanto o consumo se torna essencial para dar sentido à produção. Essas duas faces complementares geram uma falta-a-gozar generalizada. Ao contrário dos outros quatro discursos, que reconhecem a castração e, por consequência, a divisão subjetiva que cria o desejo e os laços sociais, o discurso capitalista cria uma ilusão de satisfação completa e imediata, conectando o sujeito diretamente ao objeto de consumo.

Os sujeitos, insaciáveis na sua demanda de consumo, gerados pela ausência de gozo entre os laços sociais dos demais discursos, nunca conseguem adquirir tudo o que supostamente desejam, sendo inscritos na falta-a-ter-dinheiro, como aponta Quinet (2006). Assim, o discurso capitalista produz o sujeito descapitalizado. Por outro lado, ele também faz girar uma "máquina de gozo", repleta de ilusões de completude pelo mais-de-gozar, onde cada sujeito ocupa o lugar de explorador do outro para tirar vantagem, ganhar, acumular e consumir. Acompanhado da ideologia neoliberal meritocrática, o discurso capitalista produz divisões e segregações de classes e raças, apartando e excluindo os descapitalizados.

Somado à ideologia neoliberal meritocrática que o acompanha atualmente, o discurso do capitalista promove o empuxo-ao-gozo do ter⁴¹ às insígnias de sucesso da sociedade capitalista. Além disso, perpetua um modelo de culpabilização do sujeito por seus fracassos, isto é, o sucesso financeiro, o amoroso, entre outros, é de responsabilidade única de cada um. Isso, segundo o autor, leva à proliferação de estados depressivos, às autoexigências ferrenhas, a frustrações, e mais tantos adoecimentos característicos de nossa época.

(POLIDO LOPES, 2023, p.119).

As relações sociais contemporâneas são, de certa forma, contornadas e conduzidas pelo discurso capitalista. Não apenas o consumo, que surge da articulação entre linguagem e gozo, mas também, sobretudo, aquilo que essa estrutura transforma em objeto de consumo. Vale salientar, como discutido no capítulo três, a partir do texto *Prefácio a O despertar da primavera* (1974/2003), que o jovem adentra a adolescência em seu primeiro tempo lógico, no qual o véu da fantasia encobre o real, e o jovem imagina a existência da relação sexual, sobrepondo as “latusas” com a finalidade de reafirmar essa lógica por meio do discurso capitalista, o que o deixa exposto a esse mesmo discurso.

Diante desses conceitos, de suas estruturas e funcionamentos, surgem inúmeras práticas de uso do TikTok que podem ser interpretadas à luz do discurso capitalista, levando-nos a questionar como os adolescentes são capturados pelo aplicativo via esse discurso. O TikTok não apenas molda a forma como os jovens consomem informações sobre política — como apresentado na reportagem —, mas também evidencia que “tais massas surgem de maneira calculada, sendo intrínsecas ao próprio desenvolvimento e manutenção do sistema capitalista.” (Polido, 2023, p. 77). Esse processo favorece o surgimento de movimentos radicais entre essa geração, alimentando a ascensão da extrema-direita ao oferecer soluções simplificadas para o mal-estar social vivenciado por muitos jovens e pela população em geral.

Desse modo, a partir de fragmentos de vídeos e reportagens selecionados, depreendemos as práticas de uso do TikTok pelos adolescentes via discurso capitalista. Interpretamos como esse discurso penetra e captura as relações sociais, moldando os laços ou, por vezes, reforçando-os como laços associativos. Cientes de que não esgotamos o tema, e considerando a urgência do assunto, por se tratar de um fenômeno social recente e de grande influência na cultura, nossa perspectiva é oferecer elementos relevantes para ampliar a discussão e possibilitar novos desdobramentos.

4.3 Discursos que fissuram: discurso histórico e discurso do analista

Entre os cinco discursos, dois provocam fissuras: o discurso histórico e o do analista. Estes se configuram de maneira distinta em relação ao discurso capitalista. Enquanto o discurso capitalista pode ser considerado um discurso de dominação e captura, que reduz o jovem e a adolescência a uma mercadoria, induzindo à alienação, o discurso histórico e o do analista expõem a impossibilidade de uma dominação e captura total, revelando outra forma de articular a relação entre linguagem e gozo.

O discurso histórico coloca o sujeito barrado na posição de agente, direcionado ao significante-mestre, que ocupa a posição do outro. Esse arranjo se relaciona com a estrutura clínica da histeria, trabalhada por Lacan ao longo do Seminário 17: *O avesso da psicanálise* (1969/1970). No entanto, isso não exclui a possibilidade de outras estruturas clínicas sustentarem esse discurso no laço social. A partir disso, o sujeito barrado se apresenta como sintoma, representando o sujeito dividido, que demanda e questiona o mestre (S1) para produzir um saber que responda à sua queixa (S1). Como podemos observar no matema a seguir:

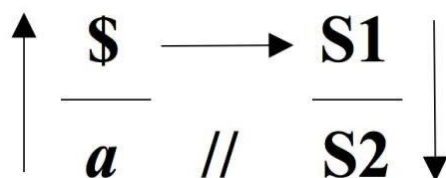


Figura 7 – Matema do discurso histórico

Entretanto, a posição do objeto *a* sinaliza que o saber produzido pelo mestre está desconectado da causa real dos sintomas. É nesse ponto que identificamos a impotência desse discurso: o saber produzido pelo mestre não responde de forma completa à falta estrutural do sujeito, pois não alcança nem sustenta, de fato, a causa de seu sintoma.

No nível do discurso da histérica, é claro que essa dominante, nós a vemos aparecer sob a forma de sintoma. É em torno do sintoma que se situa e se ordena o que é do discurso da histérica. Isto nos dá a oportunidade para uma observação. Se esse lugar ainda é o mesmo, esse, em tal discurso, ele é o do sintoma, isso nos levará a perguntar como é que, sendo o lugar do sintoma o mesmo, pode ele servir em um outro discurso. É isto exatamente o que vemos, de fato, em nossa época — a lei questionada como sintoma. E não basta dizer que isso surge para nós à luz da época para reconhecer suas razões. (LACAN, 1969/1970, p.45).

Lacan estabelece o discurso histórico como questionador da lei como sintoma, independentemente da época em que se manifesta. Por que, então, não podemos considerar que esse discurso também se faça presente em diferentes fases da vida do sujeito, como na adolescência? Como aponta Sonia Alberti (2009), a adolescência é um período em que o jovem lida com a reestruturação subjetiva decorrente do reencontro com o real típico dessa fase, momento em que ele rompe com as identificações da infância e, paralelamente, busca um lugar no meio social. Essa busca por um lugar na sociedade frequentemente envolve confrontos com figuras de autoridade e com leis previamente estabelecidas, levando-o a questionar, contestar, demandar e, em muitos casos, a se rebelar contra o que é imposto. Nesse sentido, o adolescente se apropria do discurso histórico ao desafiar as autoridades — sejam os pais, os professores ou a sociedade como um todo — em sua tentativa de posicionar sua própria subjetividade, características centrais ao discurso histórico. Ao contestar e indagar, o jovem expõe as falhas do discurso capitalista, que, embora prometa uma completude imediata por meio do consumo e, por consequência, ao ser consumido, é incapaz de oferecer tais respostas. No entanto, vale mencionar que o discurso histórico pode alimentar o discurso capitalista, impulsionando o mestre ao se utilizar da tecnociência para produzir “latusas” com a intenção de responder à demanda histórica.

O discurso histórico entre os jovens atualmente assume uma dimensão interessante, distinta de outros tempos, em que era representado por homens. Hoje, os movimentos sociais são frequentemente liderados por mulheres. Essas lideranças questionam as estruturas de poder e de captura de forma articulada, inteligente e incisiva, desafiando normas estabelecidas e promovendo mudanças significativas na sociedade contemporânea. Essa forma de atuação das mulheres em movimentos sociais revela uma

nova configuração do discurso histórico, que se afasta de um modelo masculino de liderança e poder, abrindo espaço para novas lutas e dinâmicas sociais. Conforme nos aponta Prates (2023):

Se em 1968, Lacan alertava ao movimento dos estudantes, protagonizado por uma maioria masculina, que estaria trocando um Amo por outro, no caso estamos comentando parecer haver algo mais próximo ao discurso da histérica que de certa forma aponta para a castração do Amo. [...] A ideia de luta, comumente associada a uma disputa de poder fálico masculino, é aqui deslocada, equivocando e permitindo a abertura para outras ressonâncias, quem sabe outras lutas. (PRATES, 2023, p.107).

Podemos identificar no aplicativo TikTok a ampliação para outras lutas. Os usuários utilizam a plataforma digital como um espaço de resistência, onde os jovens, através do discurso histórico, contestam estruturas culturais e sociais. Jovens negros e indígenas encontram na plataforma meios para expor e discutir questões silenciadas, como o racismo estrutural e a decolonização das subjetividades, que ganham visibilidade e força. No Brasil, o racismo está estruturado de maneira coletiva e institucional, sendo mantido por mecanismos invisíveis que perpetuam a opressão e segregação, assim como a lógica estrutural inconsciente. De acordo com Guerra (2020), o corpo negro — e também o corpo indígena, - nosso adendo — é alvejado pelo racismo, de modo que esses corpos vivem uma experiência traumática de atentado à integridade narcísica, além de serem destituídos do lugar de sujeito que lhes cabe como direito. No Brasil, o racismo não é apenas velado, mas também estruturalmente complexo, envolvendo diversos fatores, como nos apresenta Guerra (2020).

A percepção traumática da cor de pele negra, atualizada no cotidiano do preconceito velado, assim, nos parece ora ser vivida como não inscrição, forclusão, retornando pela via da pulsão de morte nos sentimentos de despersonalização e alucinação negativos, ora como recusa, desmentido, vivenciada de maneira ambivalente como fetiche da branquitude, ora como recalçamento, retornando de maneira sintomática pela culpa, pela configuração de problemas narcísicos e pela formação de sintomas do sofrimento psíquico no corpo negro. (GUERRA, 2020, p. 10).

Tais fatores criam sobreposições entre invisibilidades e superexposições simbólicas e materiais sobre o corpo negro e indígena. Nesse sentido, via discurso histórico, os adolescentes no TikTok encontram espaço para desafiar e resistir às estruturas coloniais e capitalistas, desconstruindo o ideal de branquitude eurocentrado para rearticular suas subjetividades. Podemos depreender dos vídeos de Cunha Poranga, indígena da etnia Tatuyo, que ela utiliza o TikTok para compartilhar hábitos culturais de sua aldeia, bem como para identificar e denunciar práticas de racismo e crimes contra a população indígena, como, por exemplo, as queimadas florestais criminosas em áreas preservadas e protegidas.

Vídeo 11 -: <https://vm.tiktok.com/ZMh6Ybb4G/>



Também podemos depreender do discurso histórico, o jovem influenciador Bertuani. Ele usa a plataforma para abordar e discutir questões como racismo estrutural e desigualdade social. Ele promove discussões sobre a realidade dos jovens negros no Brasil e conscientiza seus seguidores a se atentarem para questões coletivas importantes. Em seus vídeos, o jovem critica a falta de engajamento com questões emergentes, contrastando com a popularidade de pautas superficiais — engendradas pelo discurso capitalista (como já discutido) —, enquanto compartilha sua vivência pessoal. Como podemos observar no vídeo.

Vídeo 12 - <https://vm.tiktok.com/ZMh6YbNmE/>



O discurso histórico atua como uma fissura, tanto no sentido de criar uma ruptura no discurso dominante quanto de evidenciar um interesse persistente em desafiar o *status quo*. Esse discurso fura o discurso capitalista ao expor suas falhas, e os jovens no TikTok são uma expressão viva desse fenômeno. No entanto, nossa intenção não é aprofundar a discussão sobre esse discurso, uma vez que o discurso histórico, com sua demanda, pode incitar o mestre, via discurso capitalista, a produzir “latusas” por meio da tecnociência, reduzindo grande parte da vida do jovem a mercadoria. Mas, sobretudo, é importante destacar que o discurso histórico faz furo e, por isso, faz desejar; porém, sem se encontrar com o discurso do analista, ele pouco pode fazer como uma resistência decidida frente ao discurso capitalista.

Mesmo o discurso da histeria, que busca manter sua posição de sujeito desejante ao se mostrar insatisfeito com as respostas e as “latusas” oferecidas pelo mestre a partir de sua queixa, possivelmente só poderá ter notícias de seu desejo ao cruzar com o discurso do analista. Um ponto importante sobre o discurso da histeria, entre outros já mencionados, é sua relevância no fato de que é a partir dele que Lacan desenha o discurso do analista. O discurso do analista se dispõe da seguinte forma: o objeto *a* está no lugar de agente e se dirige ao outro como sujeito barrado (\$), no lugar da produção está o significante-mestre (S1) e no lugar da verdade está o saber (S2). Assim, podemos observar no matema.

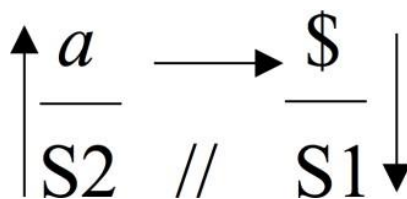


Figura 10 – Matema do discurso do analista

Põe-se reparo que esse é o único discurso que se refere ao outro como sujeito, sendo também o oposto de qualquer tentativa de dominação, pois é o único em que o objeto *a* ocupa a posição de agente. Lacan aponta que, nesse discurso, o objeto *a* não está relacionado ao mais-de-gozar, mas sim à sua função de causa de desejo para o sujeito que está na posição de outro: "O próprio analista tem que representar aqui, de algum modo, o efeito de rejeição do discurso, ou seja, o objeto *a*." (Lacan, 1969/1970, p. 45). Ao representar o objeto *a*, o analista ocupa o semblante de "rejeição do discurso", ou seja, aquilo que não está inscrito no campo do Simbólico, com a finalidade de tocar o Real, o mal-estar e o gozo. Nessa perspectiva, frente ao discurso capitalista, que aliena o sujeito, o discurso do analista passa a produzir novos significantes-mestres ao ser interrogado por seu gozo e desejo.

As barras da impotência desse discurso estão localizadas entre o saber e o significante-mestre, o que aponta para outro significante-mestre, um novo estilo que se aproxima da instância da letra e da função poética. Assim, a impossibilidade desse discurso revela a incapacidade de alcançar um saber completo que apreenda o Real, ou seja, não existe significante-mestre que preencha o Real, tampona a fenda subjetiva do sujeito ou inscreva a relação sexual. Esse discurso, ao invés de buscar a completude, como o discurso capitalista com suas infundáveis *latusas*, opera na falta, destacando o impossível e o Real que não podem ser simbolizados totalmente. Os discursos, enquanto laços sociais (o discurso capitalista, que é associal), são tentativas de confrontar o impossível da linguagem representar e completar o Real. O discurso do analista, por evidenciar a fenda subjetiva do sujeito, permite fluidez e não captura nem o fixa em um determinado laço social, permitindo, assim, a circulação dos demais discursos. Além disso, esse discurso se inclina a aceitar a diversidade de gozos e suas múltiplas modalidades, sendo essa uma dimensão ética que o orienta.

Soler afirma “o discurso analítico poderia prometer a saída do discurso capitalista” (Soler, 2011, p. 64). A autora sugere que o discurso do analista fura o discurso capitalista ao interpretar seu mais-de-gozar, ou seja, ao expor os modos de gozo que sustentam o sistema capitalista. Nesse sentido, o discurso analítico revela as formas sutis -ou não, com que o capitalismo transforma o desejo em mercadoria, permitindo ao sujeito se afastar dessa lógica alienante e se reconectar com seu desejo singular.

[...] sob a luz daquilo que foi construído da estrutura subjetiva, pode, de uma certa maneira, interpretar o discurso capitalista. Interpretar um discurso quer dizer revelar o mais-de-gozar, ou os modos de gozo próprios a cada discurso. Interpretar suas formações de gozo, se podemos assim dizer. (SOLER, 2011, p. 64).

Soler (2011) avança mais, ainda:

O que a psicanálise pode objetar do discurso capitalista pode ser dito da seguinte maneira: suscitar um desejo outro, ou sustentar os desejos outros. Visto que a tese é que o discurso capitalista torna causa geral o mais-de-gozar, a mais-valia, forma de desejo que anima essa economia, e, em uma psicanálise, damos ao sujeito a pequena singularidade que é a sua, a pequena parte do desejo que não entra no grande circuito do discurso. (SOLER, 2011, p. 65).

A autora retoma Lacan com a ideia de que uma análise terminada é aquela que suscita um novo desejo. Nesse sentido, ela aponta que o efeito do discurso do analista é “sustentar um outro desejo, não como uma forma de fazer uma barreira — somos todos presos ao discurso capitalista —, mas de subtrair algo desse discurso.” (Soler, 2015, p. 65). Assim, o discurso do analista é uma possível via de ruptura e de saída coletiva do discurso capitalista. Isso implica que o sujeito se interesse em escutar aquilo que lhe é mais singular: sua estrutura faltante, seu desejo, seu saber-fazer.

O discurso do analista, ao operar na falta e evidenciar o real impossível, fura o discurso capitalista, que busca capturar e mercantilizar o desejo. Essa ruptura permite que

os jovens, ao se expressarem em plataformas como o TikTok, encontrem margem para sublimar, subvertendo suas pulsões para formas criativas e culturais que não se reduzem à lógica capitalista de consumo imediato. No TikTok, os jovens têm a oportunidade de elevar suas expressões ao nível de sublimação, transformando o desejo em criação e cultura. A intenção aqui não é aprofundar sobre o conceito do discurso analítico, mas apresentá-lo como uma via pela qual os jovens podem passar para sublimar no TikTok. Como veremos a seguir.

4.4 Do laço: A Subversão da juventude ao sublimar no TikTok

A expressão artística de Pedro Vinicio (vide link de acesso ao vídeo abaixo), jovem pernambucano que viralizou no Instagram e também tem conta ativa no TikTok, expõe suas ilustrações criativas que tocam o vazio, podendo ser interpretada como um exemplo contemporâneo de sublimação. Utilizando traços simples e mensagens inusitadas, Vinicio aborda temas sensíveis e do cotidiano que transcendem a satisfação direta e imediata, transformando suas pulsões em criações de conteúdo que contornam o vazio estrutural do jovem e tocam de forma chistosa o espectador, ganhando valor social.

Acesso ao perfil do Pedro Vinicio:

<https://www.instagram.com/pedrovinicio80?igsh=M2t4aWllajFoZ21j>

Acesso ao vídeo do Pedro Vinicio:

Vídeo 13 - <https://vm.tiktok.com/ZMhMBWqAH/>



Dentre outras infinidades de perfis no aplicativo TikTok, também destacamos Thalita Xavier (vide link abaixo) como depreensão contemporânea do operador sublimatório. Thalita se apresenta como negra, favelada, antiespecista, chef de cozinha, atriz e palhaça, e utiliza sua presença no TikTok para mostrar justamente esse processo de sublimação através da culinária pelos seus *posts*. Ela combina o “saber-fazer” com seus princípios éticos no aplicativo TikTok, elevando o conteúdo associado à culinária a um nível que vai além da nutrição ou do entretenimento na plataforma.

Vídeo 14 - <https://vm.tiktok.com/ZMhMXy54F/>



A partir desses vídeos selecionados do aplicativo TikTok, buscamos depreender a complexa relação entre o uso do TikTok pelos adolescentes, como representação do mal-estar contemporâneo e sua íntima relação com o processo sublimatório como operador de separação - conceito trabalhado no capítulo três.

O conceito de sublimação foi desenvolvido por Freud de maneira significativa, embora o manuscrito específico sobre esse tema tenha sido perdido ou destruído. Apesar disso, o conceito de sublimação aparece em diversos textos freudianos, sendo inicialmente considerado um destino desejável para a pulsão. A sublimação, segundo Freud (1905), seria responsável por criar laços sociais entre as pessoas, além de contribuir para a produção cultural. No entanto, Freud também indicou que não é possível sublimar toda a pulsão continuamente, pois existem limites para esse processo. Isso ocorre porque uma certa dose de satisfação sexual direta é indispensável para qualquer indivíduo. Conforme Rocha e Loures (2022).

Na sublimação é garantida uma satisfação parcial, substituindo o objeto inalcançável por outro, em que não haverá a proibição por parte do supereu. O recalque não garante a longo prazo um equilíbrio satisfatório, pois na medida em que o recalque se rompe, causa um aumento na intensidade da libido, sendo fonte de sofrimento psíquico. Logo, o sujeito necessita descarregar o excesso de libido, deslocando a satisfação para objetos substitutos, da qual o desejo nunca alcançará sua completa satisfação. É na relação com o outro que o sujeito do desejo se constitui, marcado pela falta. (ROCHA; LOURES, 2022, p. 74).

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud se aprofunda ao escrever sobre a sublimação. Inicialmente, ela surge como uma possibilidade caso não haja fixação do olhar sobre os genitais. O olhar é a base da curiosidade sexual, que "completa o objeto sexual" através da visão, uma vez que aquilo estaria oculto pelas roupas e pela civilização. Essa curiosidade poderia ser direcionada para a arte, ou sublimada, caso não se limitasse aos órgãos sexuais, mas contemplasse o corpo como um todo. Em outras palavras, a sublimação é explorada como uma forma de desviar o olhar curioso dos genitais para algo mais elevado, como a representação artística, transformando a curiosidade sexual em prazer estético.

Freud, no texto *Pulsões e seus destinos* (1915), aponta que a pulsão e o objeto sexual são independentes um do outro, atribuindo à pulsão um caráter de plasticidade. Lacan, no Seminário 7 (1959-1960), retoma essa passagem freudiana ao trabalhar o conceito de amor cortês, mencionando que o objeto eleito pela pulsão assume um segundo plano, enquanto a pulsão em si é colocada em primazia. Conforme Loures (2022).

A poesia cortês se tornou paradigma da sublimação no Seminário, livro 7: A ética da psicanálise, na medida em que a Dama revela a impossibilidade estrutural de se preencher o vazio da Coisa.

É nesse sentido que Lacan compara a estrutura formal da poesia cortês com a arte de alguns pintores do final do século XVI e do início do século XVII, situando em ambos a produção de um "fantasma fálico", a partir do fenômeno estético conhecido como anamorfose. Anamorfose consiste em um efeito de perspectiva, criado pela articulação entre uma imagem no campo da visão – uma superfície, e o ponto geometral – a linha reta desempenhando o papel de trajeto da luz. O que mais interessa a Lacan é justamente a dimensão

geometral, que não tem a ver com a visão como tal, pois o que está em jogo nesta é a ordem simbólica, a função da falta. Na anamorfose, quando aparece algo lá onde nada deveria aparecer, é possível entrever a outra face do objeto, o vazio insuportável e funesto da Coisa. A organização de uma encenação da impossibilidade de acesso ao objeto aproxima a anamorfose e o amor cortês na medida em que a beleza da Dama constitui limite à crueldade de sua inacessibilidade. (LOURES, 2022, p. 132).

Segundo Metzger (2014, p. 28) "Freud já anuncia, portanto, a característica de contingência do objeto da pulsão, sua plasticidade na escolha de objetos, que abre espaço para a sublimação". Ainda no mesmo texto, *Pulsões e seus destinos* (1915), a sublimação ganha destaque ao ser elencada como um dos destinos da pulsão, juntamente com outros três destinos: o recalque e a reversão ao seu oposto (como desenvolvido no capítulo dois). Metzger, aponta:

Cabe notar que a partir da concepção freudiana, haveria necessariamente oposição entre sintoma e sublimação (ainda que a existência de um não exclua a existência do outro). Enquanto o primeiro se caracterizaria pelo recalque e, por esse motivo, pela fixação pulsional em uma forma de satisfação com consequências específicas – lembremos da afirmação freudiana de que o sintoma do neurótico é sua satisfação sexual – a sublimação se apresentaria como um destino diferente para a pulsão, que prescindiria do recalque e, portanto, estaria menos submetida aos complexos e fixações da neurose (METZGER, 2014, p.28).

Podemos eleger essa construção como o ponto em que a noção de sublimação ganha força, pois os objetos sublimados adquirem o estatuto de satisfação. Entretanto, a concepção de sublimação em Freud, especialmente no texto *Teoria da Libido* (1922), pode ser vista como última definição freudiana sobre o conceito, que inclui o desvio da pulsão sexual para outras metas socialmente reconhecidas e valorizadas. Segundo Loures, Martinho e Sadala (2018) coloca “resumidamente podem-se destacar as principais teses de Freud sobre a sublimação: a sublimação é um dos destinos da pulsão; a sublimação constitui uma satisfação da pulsão; na sublimação há deslocamento de objeto; a sublimação vai fundar-se numa dessexualização”.

Podemos depreender no vídeo da artista e influenciadora Nina Baiocchi o efeito aspecto “adaptativo” social e comercializável de quando o artista deixa de fazer arte e passa a produzir por demanda do discurso capitalista.

Vídeo 15 - <https://vm.tiktok.com/ZMhMhgbjd/>



Isso abre margem para a interpretação de que objetos sublimados se tornariam a produção de objetos comercializáveis. Nas palavras de Metzger (2014, p. 28), “a sublimação implicaria a ‘aceitação social’, o que a colocaria no lugar ideal desde a ênfase da adaptabilidade”.

Lacan não aceita essa perspectiva “adaptativa” do conceito de sublimação em Freud e, em 1959-60, propõe uma definição de sublimação como a elevação do objeto à dignidade da *Coisa*¹⁵. Para Lacan, a sublimação está ligada à produção que evidencia a falta, o qual é o cerne de toda criação. Essa visada retira a ideia de que a sublimação se distancia da ordem do sexual e coloca em questão o conceito de reconhecimento social. O foco não está mais na mudança da meta e do objeto da pulsão, mas sim na mudança do estatuto do objeto, que passa a ser elevado à dignidade da Coisa. Isso sublinha que a sublimação envolve uma alusão ao vazio estrutural do sujeito, e não apenas sua aceitação social. Essa direção lacaniana sobre o conceito não exclui as proposições freudianas, mas

¹⁵ Pensando no conceito de sublimação ser uma prática de uso dos jovens no TikTok, cabe adiantar brevemente a conceituação do objeto elevado a dignidade da Coisa. Segundo Metzger “[...] teria a ver com “a Coisa só se apresenta a nós na medida em que ela acertana palavra, como se diz, *acertar na mosca*”; mesmo sendo muda, mesmo que não seja passível de tradução em palavras – até porque não se trata de tradução – é possível *tangenciá-la através do significante* que então “acerta em cheio”, elevando o objeto à dignidade da *Coisa*.” (Metzger, 2014, p.50).

as explica e define de maneira mais precisa.

[...] não se trata mais de uma mudança de meta no que tange ao sexual, mas sim no que toca à posição do objeto da sublimação para o sujeito. No caso do reconhecimento social, não estamos mais falando em algo simplesmente da ordem de uma valorização social, mas sim do reconhecimento do vazio da Coisa a que o objeto da sublimação deve aludir. A definição lacaniana mantém a sublimação como conceito princeps da psicanálise na interface com a criação artística, mas aponta também para a ideia de que nem toda arte é sublimatória, que já era consequência lógica da formulação freudiana de sublimação. (METZGER, 2014, p.28).

A escrita de Joyce, segundo Assadi (2020), ilustra perfeitamente a operação sublimatória na psicanálise, especialmente no que se refere ao reconhecimento do vazio da Coisa. Sua obra não busca explicações ou significações tradicionais; ao contrário, toca o real ao fazer emergir o inassimilável. Esse "não se ler", descrito como um encontro "atropenate" e uma "acontecência", talvez exemplifica a relação da sublimação com o vazio central da Coisa. A escrita joyciana opera como uma inscrição que ultrapassa a vontade do autor, revelando-se como algo que se impõe ao sujeito. Assim, sua ordenação poética, que entrelaça som, letra e beleza, desvia da função habitual da linguagem, deixando rastros do vazio da Coisa e, ao mesmo tempo, ofertando formas sublimes que ressoam no sujeito.

O conceito de sublimação é frequentemente associado à "obra de arte". Todavia, embora esse conceito seja uma chave de leitura imprescindível para a discussão sobre produção artística, esse não é o seu único escopo, podendo também ser aplicado à psicanálise em extensão.¹⁶ Nesse sentido, podemos interpretar que o reconhecimento da criação está relacionado à mudança de posição do sujeito frente ao objeto. É possível supor que a sublimação tenha relação, em alguma medida, com o movimento dos jovens

¹⁶ A psicanálise em extensão refere-se à aplicação dos conceitos psicanalíticos fora da relação exclusiva entre analista e analisando, abrangendo outras áreas da sociedade e da cultura, como a educação, a política, artes e os meios digitais.

ao destinarem suas pulsões para a criação de conteúdos de expressão artística e humorísticas que transcendem a satisfação direta, como ocorre no discurso capitalista.

Os jovens, por meio de *das Ding*, que Lacan descreve como o vazio, encontram no TikTok uma forma de expressão através da arte no mundo digital. Ao invés de preencherem a falta constitutiva com objetos de consumo imediato, os jovens utilizam a plataforma para produzir algo que aponta para esse vazio e eleva suas criações à dignidade da Coisa. Nesse sentido entendemos que sublimação pode ser interpretada como uma via privilegiada na operação de separação do sujeito adolescente, na medida em que este se desprende das palavras acostumadas e habituais que foram ditas sobre ele, para então encontrar um modo singular de se dizer — ou, mais precisamente, de bem-dizer aquilo que escapa ao sentido.

É importante retomar, como foi trabalhado no capítulo três, a partir do texto *Prefácio a O despertar da primavera* (1974/2003), que a temática da adolescência se apresenta como um momento de reencontro com a sexualidade, que não faz sentido imediato, mas que, ao contrário, abre um furo no real do sexo. Isso gera um desalento relacionado à falta de simbolização e de imagem, apontando para uma falha no arranjo do simbólico e do imaginário. Quando o sujeito adolescente se depara com a necessidade de reatualizar suas escolhas objetais, ele percebe que não pode mais contar com o Outro, que detinha o tesouro do significante que fornecia sentido, nem com as fantasias infantis ou a imagem de seu próprio corpo, por estar em transformações.

Esse processo de adolecer revela a insuficiência dos referenciais infantis, ao mesmo tempo em que a urgência do imperativo de inscrição no social se torna evidente. Portanto, a adolescência, como um desvelamento da fantasia e um reencontro com o real da sexualidade, pode ser interpretada em paralelo à ética da psicanálise, que aponta para uma relação específica com o real, abrangendo o *das Ding*. Lacan descreve o *das Ding* como o aspecto real do objeto *a*, que também pode possuir aspectos simbólicos e imaginários.

Essa articulação nos leva a questionar: a sublimação poderia ser uma prática de uso dos jovens no TikTok, onde eles, ao invés de apenas consumirem conteúdos, produzem algo que tangencia o vazio, criando uma forma de expressão artística e cultural que transcende a mera satisfação imediata e função de entretenimento do aplicativo?

A função sublimatória possibilita a criação de uma obra, produção ou conteúdo, que através da estética faz alusão ao impossível do real, sem que o sujeito entre em desordem. No que diz respeito à sublimação, ela não se situa nem na angústia desorganizante do real, nem na alienação proporcionada pela rede imaginária da fantasia, como é proposto pelo discurso capitalista.

Isso posto, recorremos ao que Lacan (1963/1964) denominou função de véu, com a qual está ligada à maneira como o sujeito estrutura sua relação com a falta e com o desejo. O véu opera como um anteparo simbólico, uma cortina sobre a qual se projeta a falta, permitindo que o sujeito sustente a ilusão de um objeto completo. Como Lacan afirma "com a presença da cortina, aquilo que está mais além como falta, tende a se realizar como imagem. Sobre o véu pinta-se a ausência" (Lacan, 1956/1957, p. 157). O véu, portanto, sustenta a fantasia, criando uma mediação entre o sujeito e o real. Ele não apenas esconde, mas também dá forma à ausência, permitindo que o sujeito suporte a estrutura do desejo. No instante em que o véu se rasga, ocorre uma revelação da ordem do horror - o sujeito se vê diante do nada, confrontado com a castração e com a impossibilidade de um objeto pleno.

A função da mancha, por sua vez, representa a ruptura dessa estrutura. Diferente do véu, que oculta e estrutura a percepção, a mancha perturba a harmonia da imagem e desvela o olhar como objeto da pulsão escópica. Na pintura, por exemplo, a mancha pode funcionar como um ponto que rompe a unidade do quadro, fazendo emergir o real – aquilo que não se acomoda à ordem do visível e que escapa à captura pelo olhar.

A representação artística, frequentemente, joga com função do véu e da mancha. Nesse sentido, o quadro – enquanto estrutura fundamental da arte – se coloca como um espaço de mediação entre visível e invisível, delimitando o campo escópico de maneira a organizar a relação do sujeito com o olhar, como discutido no capítulo dois. Por isso, que só há arte se houver função do quadro. Sem essa mediação, sem essa delimitação do olhar, a experiência estética se desfaz, restando apenas um excesso caótico que desestabiliza o sujeito. O quadro, assim, cumpre uma função semelhante à do véu: ele recobre e revela ao mesmo tempo, jogando com o desejo do espectador e com sua relação com a falta. O quadro, portanto, é um dispositivo que institui o olhar e o desejo, permitindo a articulação entre o véu (a fantasia estruturante) e a mancha (a irrupção do real).

Nesse sentido, a sublimação estabelece uma relação muito específica com aquilo que possibilita essa organização em torno do vazio, enquanto o discurso capitalista evita o vazio, remetendo que todo furo deve ser tamponado com “latusas”, e que toda falta pode ser “acessorizada” por um aplicativo, como o TikTok. Ao trazer a perspectiva da sublimação para o uso do TikTok pelos adolescentes, podemos fazer um paralelo com a “elevação do objeto à dignidade da Coisa”. No TikTok, o adolescente – pelo momento de reestruturação subjetiva acarretado pelo reencontro com a sexualidade – está lidando com o vazio estrutural à flor da pele, buscando criar conteúdos que tangenciem essa falta através da produção cultural, artística e expressiva. A sublimação, nesse contexto, permite que os adolescentes transformem suas pulsões em criações digitais que elevam o objeto à dignidade da Coisa, ao mesmo tempo em que mantêm um laço com esse vazio que nunca pode ser completamente preenchido. Essa operação não somente contorna o vazio do criador de conteúdo, mas também toca o espectador e, assim, a obra de arte passa a ser valorizada socialmente. Como nos aponta Metzger:

Não basta que uma produção tenha beleza – aliás, não é disso que se trata, embora Lacan atribua um papel ao belo na sublimação [...]. Também não basta que o objeto seja “socialmente reconhecido” no sentido da valorização comercial, pois, como já comentamos, não é disso que se trata. O objeto sublimatório é aquele que remete à Coisa, independente de sua beleza ou popularidade – portanto, independente de seu apelo ao belo ou ao bem – e a partir daí cria a valorização social (METZGER, 2014, p. 88).

No texto *Escritores Criativos e Devaneios*, Freud (1908/1907) apontou que a sublimação e seu fruto merecem reconhecimento social e devem ser passíveis de ser compartilhados. O autor alude à importância de levar ao mundo os escritores “[...] que criam, a partir de seus devaneios particulares, um modo especial de abordar temas relativos ao inconsciente que os torna socialmente valorizados, ao invés de fantasias bobas e singulares demais para poderem ser compartilhadas” (Metzger, 2014, p. 186). Desse modo, o conceito de sublimação se aplicaria aos escritores mencionados por Freud, onde “[...] as transformações como essas, de ideias aparentemente sem sentido ou mesmo constrangedoras em textos tornados públicos e que podem ser apreciados por muitos, Freud chamou sublimação” (Metzger, 2014, p. 186).

Em Lacan, encontramos outra referência de sublimação para a criação de um novo valor social a partir do tratamento especial dado a um objeto que pode ser qualquer um. Para tal, ele usa como exemplo, uma visita a seu amigo Jacques Prévert em Saint-Paul-de-Vence, onde avistou uma coleção de caixas de fósforo. As caixas de fósforo estavam dispostas de maneira graciosa — à medida que tinham o mesmo formato, aproximavam-se umas das outras de forma que se encaixavam com um ligeiro deslocamento, saindo da gaveta interior e formando uma fita coerente que corria ao longo do rebordo da lareira, subia pelo muro, passava de ponta a ponta pelas cimalthas e descia novamente ao longo de uma porta. Lacan afirma ter sido tocado, não pela novidade ou pelo feito ornamental das caixas de fósforo vazias, mas precisamente pelo fato de que, da forma como estavam dispostas, elevaram-se à dignidade da Coisa.

Creio que o choque, a novidade, do efeito realizado por esse ajuntamento de caixas de fósforos vazias - esse ponto é essencial – era de fazer aparecer isto, no qual talvez nos detenhamos demasiadamente pouco, é que uma caixa de fósforos não é de modo algum simplesmente um objeto, mas pode, sob a forma, *Erscheinung*, em que estava proposta em sua multiplicidade verdadeiramente imponente, ser uma Coisa. (LACAN, 1959/1960, p. 143).

O colecionador das caixas de fósforo não as utilizou da forma usual configurada a partir da cadeia significativa da utilidade de uma caixa de fósforo comum, que se guarda na gaveta quando é necessário acender uma vela ou outro utensílio qualquer, e, após eliminar todos os fósforos, a descarta na lixeira. Pelo contrário, quando a caixa de fósforos foi destituída desses significantes por estar vazia — ou seja, quando algo faltava nela —, a própria caixa, em forma de subsídio, se elevou à dignidade da Coisa. “Pois bem, esse pequeno apólogo da revelação da Coisa para além do objeto mostra-lhes uma das formas, a mais inocente, da sublimação.” (LACAN, 1959/1960).

No Seminário 7: *A Ética da Psicanálise* (1959/1960), Lacan aborda a questão da ética na psicanálise a partir de uma releitura de Freud e de diversos referenciais filosóficos e literários. O eixo central do seminário gira em torno da noção de desejo, da Coisa (das Ding) e da relação do sujeito com o gozo e a pulsão de morte. A pulsão de morte, conforme introduzida por Freud e desenvolvida por Lacan, refere-se ao impulso fundamental que conduz o sujeito à repetição, e ao apagamento das tensões, buscando

uma satisfação última, o nirvana. Já a sublimação é um dos destinos possíveis da pulsão, permitindo que essa energia seja canalizada para produções simbólicas e culturais, sem eliminá-la, mas deslocando seu objeto de investimento. Conforme Lacan (1959/1960):

[...] a noção da pulsão de morte é uma sublimação criacionista, ligada a esse elemento estrutural que faz com que, desde que lidamos com o que quer que seja no mundo que se apresenta sob a forma da cadeia significante, haja a uma certa altura, mas certamente fora do mundo da natureza, o para além dessa cadeia, o ex-nihilo sobre o qual ela se funda e se articula como tal (1959-1960, p.255).

De acordo com Lacan (1959/1960) a pulsão de morte não se resume a um impulso destrutivo, mas sim um conceito estrutural com o qual se articula com o funcionamento do sujeito dentro da linguagem. Ele chama de "sublimação criacionista" porque ela não age apenas como uma força de destruição, mas como algo que cria e estrutura a experiência do sujeito no campo do simbólico. Tudo o que percebemos e compreendemos no mundo passa pela linguagem, ou seja, pela cadeia significante. No entanto, há algo para além dessa cadeia, algo que não pode ser completamente simbolizado ou reduzido à linguagem – e é aí que a pulsão de morte opera. Esse "além" é o ex-nihilo, que significa "a partir do nada", indicando que a pulsão de morte se funda em um vazio estrutural e opera como um princípio fundamental que escapa à representação.

Na expressão artística, por exemplo, encontramos uma relação direta com a pulsão de morte, pois as obras frequentemente exploram a negatividade, a fragmentação e a angústia do sujeito diante da falta. A arte, ao dar forma ao que é impossível de ser plenamente representado, acaba por tocar o real da pulsão de morte, mas sem sucumbir totalmente a ele, transformando-o em expressão e experiência estética. Na adolescência, a sublimação da pulsão de morte se manifesta como uma tentativa de dar forma ao inominável da Coisa – típica do período púbere, elevando a expressão artística à dignidade de um dizer singular. Esse processo não elimina a falta, mas a reinscreve no simbólico, permitindo ao sujeito sustentar seu desejo sem sucumbir ao gozo mortífero, e o TikTok se apresenta como um possível dispositivo onde essa operação se dá,

viabilizando uma circulação significativa que contorna a Coisa sem revelá-la por completo.

A poesia é um ato que brinca com as palavras até esvaziá-las, revelando um sopro poético que ressoa no corpo, como sugere a psicanalista Tatiana Assadi na *live* do canal *Mais Ainda: Psicanálise e Poesia* com o título de *Corte e Costura* em 4 de maio de 2020. Ela nos aponta que essa ressonância, ou "ressoprância", ecoa no sujeito, mobilizando o inconsciente e fazendo surgir rastros de pulsão e desejo. O *haikai*, uma forma breve de poesia, ilustra bem esse processo. Com origem nos termos "*hai*" (brincadeira, gracejo) e "*kai*" (harmonia, realização), o *haikai* combina humor e esvaziamento de sentido, remetendo à dimensão da Coisa. Nesse esvaziamento, o *haikai* não busca dizer algo explícito; ele "se diz" ao deixar um rastro pulsional que toca o corpo, modulando emoções, pensamentos e imagens. Com sua brevidade, o *haikai* opera nos intervalos, onde o vazio se torna um espaço para o desejo suspirar, as emoções vazarem e as imagens surgirem, criando um encanto intraduzível. Esse movimento poético, enquanto brincadeira com a linguagem, evidencia o potencial sublimatório da poesia como um ato que atravessa o sujeito, tocando o real. Assim como o *haikai*, a criação poética no TikTok pelos adolescentes opera na brevidade, no corte e na brincadeira com a linguagem, permitindo que algo da pulsão e do desejo emergja de forma não explícita, mas ressonante. Os jovens, ao usarem a plataforma de maneira criativa, transformam expressões cotidianas em gestos sublimatórios, onde o vazio se torna espaço para o desejo se insinuar e o sujeito "se dizer" sem precisar explicar, tocando algo do real.

Assim como Lacan exemplifica a elevação de objetos simples à dignidade da Coisa — como as caixas de fósforos dispostas de maneira a ganhar essa elevação —, o jovem Pedro Vinicio, conforme no vídeo acima, realiza o mesmo em sua representação artística, transformando temas cotidianos de forma inusitada. Sua representação artística oferece à sociedade mais do que entretenimento; provoca reflexões que aludem ao vazio estrutural da existência humana, convidando os espectadores a também refletirem e interagirem com essa falta por meio de sua arte. Assim, corroboramos com Metzger:

A dimensão ética apresenta-se na sublimação na medida em que esta última criaria valores que seriam, só então, socialmente reconhecidos. Criações a

partir do vazio. A subversão Lacaniana da sublimação está no entendimento de que o reconhecimento social é *criado* pela sublimação; não se trata de criar algo, uma obra de arte ou qualquer outro objeto, que se encaixe em um crivo social já estabelecido – e seja, portanto, “comercializável”. Aqui, a sublimação ganha contornos bastante específicos; sublimar não estaria do lado da adaptação, mas ao lado da criação. Criação cujo reconhecimento é uma exigência ética e não adaptativa-comercial, na medida em que é criação a partir do nada. (MATZGER, 2017, p. 118).

Os jovens ao elevar o uso do aplicativo TikTok para além do mero entretenimento capturante da lógica do discurso capitalista, transcendendo-o em um meio de criação artística, pode ser entendido como um processo de sublimação. Nesse contexto, o TikTok deixa de ser apenas uma ferramenta de consumo imediato e alienante e passa a se tornar um espaço onde o sujeito adolescente expressa suas pulsões de maneira criativa e desejante, elevando esse uso à dignidade da Coisa. Ao utilizar a plataforma para criar, o adolescente consegue transcender a função inicial do aplicativo, subvertendo a lógica de consumo ao produzir algo que tangencia o vazio estrutural do desejo humano, característica fundamental do operador sublimatório.

Assim podemos fazer paralelo a poesia. A poesia, porém não-toda poesia, enquanto expressão que se inscreve fora do discurso ordinário, apresenta-se como uma prática sublimatória por excelência, um ato que revela e sustenta a divisão subjetiva do sujeito. Como nos ensina Assadi (2021) na *live* do canal *Mais Ainda: Feitiços* com o título *Paul Valéry e a Psicanálise*, a dupla inscrição do eu — “je” e “moi” — permite pensar na tensão entre o “eu” gramatical, aquele que falo, e o “eu” narcísico, aquele que escuto. A poesia, nesse contexto, não se limita à busca por sentido; ela opera no intervalo, no vazio que ressoa e aponta para o impossível de ser dito. Trata-se de uma função poética que articula o duplo sentido como efeito e como furo, situando o sujeito no encontro com o real e com sua própria divisão. Assim, a obra poética não é apenas uma criação estática, mas um ato em movimento que remete ao sem valor, ao ético, ao lugar onde a linguagem toca o limite do simbólico, fazendo do ato poético um modo singular de sublimação.

Retomemos os vídeos da jovem Thalita Xavier. Seus vídeos não se reduzem a ensinar meras receitas, mas também transmite mensagens que aludem e tocam o vazio

estrutural do desejo humano, mostrando como a culinária e o aplicativo pode ser elevados como meio de transformação cultural e social através do TikTok. O uso do aplicativo através de conteúdos onde privilegia a culinária pode ser interpretada pela chave de leitura do processo sublimatório, no qual a pulsão é desviada do objeto de promessa ludibriante de satisfação imediata e completa, conforme o discurso capitalista, e transcendida em uma atividade ou criação social valorizada. Nesse sentido, o uso do aplicativo, por meio de expressões culinárias, pode ser visto como uma via pela qual o sujeito transforma pulsões primárias, como a fome, em algo elevado à dignidade da Coisa dentro da própria plataforma.

Os vídeos de culinária de Thalita Xavier contorna com criatividade a elaboração de algo que transcenda a necessidade básica da fome e do entretenimento através da lógica mercadológica, ao preparar pratos elaborados de maneira inusitada, com alimentos simples do cotidiano brasileiro, e mostrando isso ao mundo através do TikTok, pode caracterizar-se pela função sublimatória. Podemos dizer que a jovem opera duplamente na função sublimatória: ela transforma a necessidade da fome e a pulsão oral, a representação artística elevando o ato de comer à dignidade da Coisa, e pratica o uso do TikTok para além do entretenimento, elevando-o à dignidade da Coisa ao expor ao mundo sua múltipla vertente artística.

Assim, através de recortes específicos de vídeos e ilustrações, depreendemos que a juventude, ao utilizar o TikTok criando conteúdos que se elevam à dignidade da Coisa, encontra uma maneira de aplacar a irrupção do real, característica dessa fase da existência do sujeito (cada um em seu tempo lógico, de acordo com sua singularidade), tecendo e mantendo laços sociais em consonância com o discurso histórico e o discurso do analista.

Podemos, portanto, aludir ao processo de sublimação, enquanto uma forma de separação. Sem a pretensão de esgotar ou aprofundar o conceito de sublimação, amplamente trabalhado por Freud, Lacan e outros psicanalistas contemporâneos, e considerando que a temática da juventude e o uso do TikTok. Embora se trate de uma temática emergente e ainda em construção, este trabalho visa apresentar elementos, questões e direções sobre a prática de uso do TikTok pelos jovens, na qual a função sublimatória se mostra uma via possível de separação subjetiva, revelando-se pertinente e aplicável à luz da teoria psicanalítica.

5- Considerações finais

Chegamos, assim, às considerações finais desta pesquisa, *intitulada Adolescer em tempos de TikTok: o discurso capitalista e a sublimação*. É importante destacar que este trabalho assume um caráter pioneiro, com a intenção abrir pontos de tensão e de suscitar questões, e não de apresentar conclusões definitivas. A aspiração não é chegar numa resposta final para esgotar a temática, mas justamente ampliar o campo de reflexões sobre esse tema em voga e ainda pouco explorado, trazendo à tona as complexidades e as ambivalências que permeiam a hipótese de que o TikTok pode ser compreendido como uma das respostas ao mal-estar na adolescência. Resposta essa que pode se dar pela via da alienação, em conjunção com o discurso do capitalista; e/ou pela via da separação, enquanto sublimação.

Percorremos o caminho que iniciou com estudo de importantes pensadores nas áreas da sociologia e comunicação com a qual apontam sobre as transformações sociais de cunho digital que incidem na subjetividade humana, em especial nos sujeitos adolescentes. Gostaríamos de ressaltar a importância e o quão frutífera é a interlocução da psicanálise com outros saberes. A partir dessa intersecção pudemos nos aproximar da íntima relação entre indivíduo e sociedade sobre o contexto cultural emergente do aplicativo TikTok, ao salientar a maneira como as redes sociais, com base nas contribuições de Castells (2003), Lévy (1999) e Santaella (2007) transformam os laços sociais, culturais e econômicos contemporâneos, embora estarmos advertidos de não haver determinismo tecnológico. A ideologia de liberdade, que sustenta a ilusão de que na internet tudo é possível, especialmente no uso das redes sociais, promove a aparência de um espaço de livre expressão e cooperação simbólica. No entanto, paradoxalmente, essa mesma ideologia opera a serviço da lógica do discurso capitalista, funcionando como dispositivo de captura e controle subjetivo. Vilém Flusser (2012) destaca que as imagens

técnicas promovem uma comunicação superficial, levando adolescentes no TikTok a reproduzir conteúdo sem reflexão crítica, criando uma geração com interações sociais previsíveis. Contudo, essas imagens também podem possibilitar colaborações ativas, abrindo debates e expressões que refletem seus impactos sociais e subjetivos. Constatamos estar vivendo na era do *Big Data*, em que nossas atividades cotidianas são transformadas em dados valiosos. Plataformas como o TikTok utilizam esses dados para personalizar conteúdos, gerando engajamento viciante e influenciando comportamentos, especialmente entre jovens.

Isso posto, junto as contribuições de Debord (1997), evidenciamos como aplicativo TikTok, enquanto fenômeno social, atua orientado pelo imperativo contemporâneo de visibilidade, exibição e na perspectiva mercadológica. No contexto atual, a imagem de felicidade, sucesso e realização ganhou tamanha importância social fazendo com que a vida se torne menos relevante que sua representação visual no aplicativo. Fundamentados na obra de Freud, ensino de Lacan e psicanalistas comentadores contemporâneos constatamos como o TikTok captura particularmente o sujeito adolescente, intensificando a demanda superegóica do "mostre-se" e reforçando a ideia de que a existência somente pode ter valor se for validada pelo olhar digital do Outro. Essa dinâmica cria um ciclo constante de exposição e alienação, no qual a vida cotidiana se converte em espetáculo e mercadoria, mediando relações de forma superficiais e fetichizadas.

Consideramos o aplicativo TikTok como fenômeno histórico digital contemporâneo, enquanto a pulsão e o gozo escópico do sujeito permanecem como estruturas trans-históricas, transcendendo o tempo e os contextos históricos. A partir das formulações freudianas e lacanianas, compreendemos que a pulsão escópica, estrutura-se como forma de satisfação para além da necessidade, tornando o olhar um objeto pulsional. Avançamos a compreensão do olhar como o objeto *a* – que causa tanto desejo quanto angústia. Retomamos as articulações lacanianas sobre o *Estádio do Espelho* e o *Esquema do Buquê Invertido*, para evidenciar a constituição imaginária do “eu” mediada pelo olhar do Outro, apontando que a identidade do sujeito nasce alienada, sustentada por imagens idealizadas. O TikTok potencializa essa dinâmica, oferecendo ao sujeito adolescente a ilusão de completude e reconhecimento por meio da visibilidade. Entretanto, também identificamos brechas: alguns jovens utilizam a plataforma para expressar conteúdos

singulares, fazendo da pulsão escópica não apenas um vetor de captura, mas também uma via de criação – caracterizando a função sublimatória.

Ao que tange a adolescência a pesquisa buscou articular os impasses próprios desse período, especialmente diante dos atravessamentos contemporâneos promovidos pela cultura escópica e pelo discurso capitalista, cujos efeitos se manifestam de modo contundente nas práticas mediadas na plataforma TikTok. Interpretamos a adolescência como um tempo lógico de reatualização das operações de alienação e separação, nas quais o sujeito é convocado a se reinscrever frente ao desejo. Destacamos a adolescência como uma travessia que convoca o jovem a confrontar-se com a inconsistência do Outro e com o real da sexualidade, que irrompe de forma traumática no corpo e no laço social. Frente à vacilação das identificações infantis e à emergência do objeto *a*, o adolescente se vê diante da exigência de reinventar-se, elaborando novas formas de inscrição subjetiva no discurso e no campo do Outro. Constatamos que a incidência do discurso capitalista na lógica escópica, mediada pelo TikTok, introduz novos desafios à travessia adolescente, promovendo identificações massificadas e instaurando uma relação com a imagem marcada pela alienação e pelo imperativo do gozo em dar-se a ver.

Verificamos que na adolescência o corpo ganha centralidade, não como organismo, mas como corpo libidinalmente investido, atravessado pela linguagem e marcado por uma experiência singular de estranheza. A promessa de um encontro possível com o corpo do Outro, enquanto lugar de gozo, se revela fracassada, uma vez que "não há relação sexual". A falta de complementariedade entre os sexos inscreve o sujeito adolescente em um campo de angústia e de indeterminação, exigindo que ele elabore, de modo singular, uma resposta ao impasse da sexualidade. Reconhecemos que o TikTok, enquanto plataforma de cunho escópico calcada no discurso capitalista, amplia esse impasse ao velar a castração e ofertar imagens que prometem a complementariedade entre os sexos, apagando a função de corte que possibilitaria ao sujeito se inscrever em sua divisão.

Contudo, mesmo neste cenário de hiperexposição de imagens e apagamento da falta, através da psicanálise, podemos depreender que os jovens podem usar o aplicativo TikTok como possibilidade de criação subjetiva. O sujeito adolescente pode encontrar, no seu saber-fazer, um dos nomes da sublimação, vias de deslocamento do excesso

pulsional, operando a partir da falta e não da ilusão de sua eliminação. Essa possibilidade, ainda que no momento de desamparo típico dessa fase, dá suporte a construção de uma posição desejante no laço social. Assim, o corpo adolescente, atravessado pelo olhar do Outro na plataforma TikTok, pode tornar-se não apenas numa tela plana alienante, mas também território de subversão e criação.

Recorremos à teoria dos discursos formulada por Lacan (1969/1970, que avança a partir do conceito dos ofícios impossíveis de Freud, mostrando que todo laço social é uma tentativa de organizar o gozo e de responder ao real da falta. Ao articular linguagem e gozo, os discursos revelam que o sujeito é sempre dividido e que a verdade nunca é plenamente dita. Assim, o impossível, longe de ser um obstáculo, constitui o ponto onde se joga com a singularidade e a possibilidade de invenção do sujeito.

Nossa contribuição para esse debate é a partir dos campos de tensão ao que se compreende especialmente sobre a teoria do discurso capitalista e a operação de sublimação – como dupla resposta que coexistem ao mal-estar dos jovens contemporâneos. Diante disso, constatamos como a lógica atual do consumo do aplicativo TikTok impacta diretamente a subjetividade adolescente. A plataforma, como operador do discurso capitalista, introduz objetos de gozo (“latusas”) que prometem satisfação imediata e tamponam a falta constitutiva do sujeito adolescente, promovendo relação direta e alienante com o objeto. A adolescência, enquanto tempo lógico de reestruturação subjetiva e reencontro com o real do sexo, encontra nesse discurso uma promessa enganosa de completude. As práticas de usos dos jovens no aplicativo revelam como os adolescentes são capturados por essa lógica, não apenas consumindo, mas sendo consumidos, o que compromete a possibilidade de elaboração simbólica e de construção de um saber-fazer singular da adolescência.

Frente a lógica de captura do discurso capitalista, o discurso histórico e o discurso do analista surgem como possíveis fissuras. O primeiro discurso, ao sustentar a divisão subjetiva e interpelar o saber do mestre; o segundo discurso, ao operar a partir da causa do desejo e evidenciar o impossível de simbolizar. No contexto adolescente, essas posições discursivas oferecem vias de subversão e invenção subjetiva que podem dar lugar a função sublimatória ao adolescente. O TikTok, embora frequentemente atravessado pela lógica capitalista, pode ser também um espaço para sublimação e

emergência de um desejo outro, desde que adolescente possa estar causado por um saber-fazer com a sua falta.

A partir de recortes analisados nos vídeos do TikTok, identificamos expressões criativa no aplicativo por jovens, como Pedro Vinicio e Thalita Xavier, expressões contemporâneas da sublimação, interpretada à luz da psicanálise como separação e desvio da pulsão para produções que tocam o vazio estrutural do sujeito. Diferente do consumo imediato promovido pelo discurso capitalista, essas produções elevam objetos cotidianos à dignidade da Coisa, ressoando no simbólico como forma de criação e laço. Constatamos que ao criar conteúdos que não apenas entretêm, mas convocam ao campo do desejo, os adolescentes operam com a função sublimatória como um modo de lidar com o mal-estar do adolecer, que implica o reencontro com o real do sexo e a evanescência das fantasias infantis. A expressão artística, quando atravessada por essa lógica, não visa apenas reconhecimento social, mas se inscreve como uma resposta ética frente ao vazio, conforme proposto por Lacan.

Nesse sentido, o TikTok, mais do que um espaço de alienação dos jovens, pode ser também um dispositivo de sublimação utilizado pelos adolescentes, no qual o sujeito encontra formas singulares de sustentar sua falta sem tamponá-la toda. A criação de conteúdos que tangenciam o impossível de dizer, ao invés de capturar o sujeito adolescente no gozo mortífero, pode oferecer novas vias de laço social, nas quais o desejo não é reduzido à mercadoria. Trata-se, portanto, de reconhecer que os jovens, mesmo em um ambiente marcado pelo discurso capitalista, pode também ainda operar a partir da sublimação como resposta poética e ética ao real.

REFERÊNCIAS

AMERICANO, Bruna; FERREIRA, Heloene (Orgs.). *Adolescer no real: ensaios sobre esse sujeito adolescente*. 1. ed. São Paulo: Larvatus Prodeo, 2003.

ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. 2. ed. Rio de Janeiro: Marca d'Água, 1999.

ALBERTI, Sonia. *O adolescente e o Outro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ASSADI, Tatiana Carvalho. Escrever o trauma, de Freud a Lacan. *Revista de Psicanálise Stylus*, n. 31, p. 227-232, 2015. DOI: <https://doi.org/10.31683/stylus.vi31.673>.

ASSADI, Tatiana. Flores da fala: Joyce entre a poesia e a psicanálise. Canal Mais Ainda, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9ysdNw6VZ0>. Acesso em: 11 nov. 2024.

ASSADI, Tatiana. O corte poético e o ato psicanalítico. Canal Mais Ainda, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gsckFKIk0tA&t=4870s>. Acesso em: 11 nov. 2024.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; ASSADI, Tatiana Carvalho. Alienação e separação nos processos interpretativos em psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.17, n. 1, p. 398, 2004. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100008. Acesso em: 11 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica (1895). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. Histeria. In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 1, p. 75-94.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios (1908 [1907]). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XVIII.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. VII.

FREUD, Sigmund. As pulsões e suas vicissitudes (1915). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIV.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XVIII.

FREUD, Sigmund. *O eu e o id* (1923). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XIX.

FREUD, Sigmund. *Prefácio a Juventude desorientada, de Aichhorn* (1925). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XIX.

FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão* (1927). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (1929-1930). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXI.

FREUD, Sigmund. *Análise terminável e interminável* (1937). *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. XXIII.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas: ensaios sobre o futuro da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2008.

GOMES, Alice C. C.; PEDROSA FILHO, Raimundo B. A.; TEIXEIRA, Leônia C. *Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XXIV, n. 1, p. 91-98, jan./abr. 2021.

GUERRA, Andréa M. C. *O papel da psicanálise na desconstrução do racismo à brasileira*. *Revista Subjetividades*, v. 20, n. especial 2, 2020. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692020000500013. Acesso em: 25 set. 2024.

KELLES, Natália F.; LIMA, Nádia L. *Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica*. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 202-233, 2017.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/QYdzGq7gHz8vwYCMwJbdBsJ>.
Acesso em: 25 set. 2024.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* (1938). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LACAN, Jacques. *Discurso de Roma* (1953). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 139-172.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. *Du discours psychanalytique – Conferência de Milão* (1972). Inédito. Disponível em: <http://gaogoa.free.fr>. Acesso em: 18 mar. 2012.

LACAN, Jacques. *Televisão* (1974). In: _____. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, Jacques. Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 1998.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURES, José M. T.; MARTINHO, Maria H.; SADALA, Glória. Pedro Almodóvar e Louise Bourgeois: o corpo e a sexuação. In: LOURES, José M. T. (Org.). *O corpo que resta... corpo, luto e memória*. Fortaleza: Revista de Psicologia, 2018.

LOURES, José M. T. Nobuyoshi Araki: entre o sublime e o nefando. In: _____. *O corpo que resta... corpo, luto e memória*, 2022.

MAIA, Gabriel. *As máquinas, o todo-saber e o fascismo: a psicanálise entre dados e algoritmos*. 2022. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

METZGER, Clarissa. *Derivações da sublimação em Freud*. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

METZGER, Clarissa. *O estatuto teórico-clínico da sublimação no ensino de Jacques Lacan: a sublimação como tratamento do gozo*. São Paulo, 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução Júlio C. Guimarães. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

NASCIMENTO, Mariana B. Alienação, separação e a travessia do fantasma. *Estudos Lacanianos*, v. 3, n. 4, 2010.

OLIVEIRA, Thaina P. Da captura e do incapturável: considerações sobre funk, capitalismo e desejo. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

PACHECO FILHO, Raul A. A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. *A Peste*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 143-163, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/issue/view/207>. Acesso em: 25 set. 2024.

PACHECO FILHO, Raul A. Compra uma Mercedes Benz prá mim? *Psicologia Revista*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 15-44, 2015.

QUINET, Antônio. *Um olhar a mais: ver e ser visto em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

QUINET, Antônio. A coisa e o belo. *O que nos faz pensar*, [S.l.], v. 13, n. 16, p. 105-115, nov. 2003.

QUINET, Antônio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

ROCHA, Nicole O.; LOURES, José M. T. "Eles Vivem": o discurso capitalista em cena. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 72-80, jan./jun. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912018000200003. Acesso em: 11 out. 2024.

SANTAELLA, Lucia; KAUFMAN, Daniel. Os dados estão nos engolindo? *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 21, n. 2, 2021.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SOLER, Colette. O discurso capitalista. *Revista de Psicanálise Stylus*, n. 22, p. 55-67, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.31683/stylus.vi22.816>. Acesso em: 25 set. 2024.

SOLER, Colette. L'adolescent et le réel. *Cahiers du Collège de Clinique Psychanalytique de Paris: La relation à l'autre, sa structure, ses passions*, n. 18, p. 35-37, 2017.

SOLER, Colette. *Rumo à identidade*. Tradução de Sonia C. Magalhães. 2. ed. São Paulo: Aller Editora, 2021.

TIC Kids Online Brasil 2021: 78% das crianças e adolescentes conectados usam redes sociais. *Cetic.br*, 2022. Disponível em: <https://cetic.br/en/noticia/tic-kids-online-brasil-2021-78-das-criancas-e-adolescentes-conectados-usam-redes-sociais/>. Acesso em: 25 set. 2024.

VAN DIJCK, José. Confiamos nos dados? As implicações da datificação para o monitoramento social. *MATRIZES*, v. 11, n. 1, p. 39-59, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matriz/es/issue/view/9705/showToc>. Acesso em: 25 set. 2024.

VIOLA, Daniela T. D.; VORCARO, Ângela M. R. O problema do saber na adolescência e o real da puberdade. *Psicologia USP*, v. 26, n. 1, p. 62-70, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420130037>. Acesso em: 25 set. 2024.